

ATLAS
ESCOLAR DA
REGIÃO METROPOLITANA
DE
CAMPINAS





ATLAS ESCOLAR DA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

Cristina Criscuolo
Editora técnica

Limite entre a área urbana e a área rural.
Foto: Cristina Rodrigues.

Embrapa
Brasília, DF • 2013

VOLUME 1
ASPECTOS GERAIS

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na: **Embrapa Monitoramento por Satélite**

Av. Soldado Passarinho, 303
Fazenda Chapadão
CEP 13070-115 - Campinas, SP
Fone: 55(19)3211-6200
Fax: 55(19)3211-6222
cnpm.sac@embrapa.br
www.cnpm.embrapa.br

Unidade responsável pelo conteúdo e edição:
Embrapa Monitoramento por Satélite

Comitê Local de Publicações

Presidente: Cristina Criscuolo

Revisão técnica: Fabio Enrique Torresan e
Edlene Aparecida Monteiro Garçon

Revisão de texto: Bibiana Teixeira de Almeida

Normalização: Vera Viana dos Santos

Projeto gráfico: Shirley Soares da Silva

1ª edição
1ª impressão (2013): 1.000 exemplares

Editora técnica: Cristina Criscuolo • Embrapa Monitoramento por Satélite

Colaboração:

André Luiz dos Santos Furtado, Célia Regina Grego e Cristina Aparecida Gonçalves Rodrigues •
Embrapa Monitoramento por Satélite

Teresa Gallotti Florenzano • Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – Inpe

Alexandre Mendeleck, Ana Lúcia Pupo Cagliari Picoli, Cícero Alves de Souza, Denilda Altem, Durival José Gasparoto, Eduardo Benedito Leite de Almeida, José Cícero Alves, Luísa Helena Dias, Marcos Antônio Gonçalves, Maria Amélia de Jesus Piton, Maria Beatriz de Arruda Freitas, Maria Helena Silva Brito, Maria José Adami, Marli Aparecida Pontelli Crema, Oscarlina Aparecida Furquim Scaleante, Silvio Luis Pretto, Wolney Colussi e Vítório Luis Oliveira Zago • Prefeitura Municipal de Campinas

Apoio técnico:

Américo Baptista Villela, Cauê da Cunha Assumpção, Daniel Lomba Nicastro, Fernanda de Andrade Figueira, João dos Santos Vila da Silva, Luiz Alves Brigido Maia, Mirza Maria Baffi Pellicciotta e Romeu Benatti Júnior

Capa: Fragmentos da paisagem da Região Metropolitana de Campinas. Imagem do Satélite WorldView.

Esta obra é parte integrante do **Atlas escolar da Região Metropolitana de Campinas**, produzido em parceria e financiado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Monitoramento por Satélite

Atlas escolar da Região Metropolitana de Campinas / editora técnica, Cristina Criscuolo. -
Brasília, DF : Embrapa, 2013.
[] v. 96 p.: il. ; 29 x 23 cm.

Conteúdo: v. 1. Aspectos gerais .
ISBN 978-85-7035-239-2

1. Educação infanto-juvenil. 2. Geografia. 3. Geotecnologias. 4. Agropecuária. 5. Uso das terras. 6. Região Metropolitana de Campinas. 7. Colaboradores. I. Embrapa Monitoramento por Satélite. II. Título: Aspectos gerais.

CDD 372.92161

©Embrapa, 2013.



Bairro Botafogo, Campinas, SP.
Foto: Fabio Torresan.

O que é? Apresentação

O projeto GeoAtlas contribuiu para disseminar a importância que as atividades agropecuárias desempenham para a sociedade. A equipe do projeto utilizou a geotecnologia como ferramenta facilitadora na elaboração deste Atlas escolar da Região Metropolitana de Campinas.

Ao longo do projeto, a equipe investiu em duas grandes frentes. A primeira delas foi capacitar um grupo piloto de professores da rede municipal de ensino de Campinas no uso de sistema de informação geográfica e no acesso a dados gratuitos disponíveis na internet. Com essa experiência, foram elaborados conjuntos de materiais a serem transferidos para outros professores interessados em preparar seu próprio material escolar e utilizá-lo em sala de aula de forma dinâmica e independente.

A segunda frente de trabalho foi definir e implementar metodologia para a elaboração participativa de material didático, focada na abordagem de temas de caráter local, no uso de novas tecnologias em sala de aula e na importância do tema **agropecuária** e seus desdobramentos na sociedade global. Nessa etapa, foram promovidas oficinas, durante as quais a equipe de técnicos e professores definiu o conteúdo e a abordagem dos temas inseridos no atlas com base em necessidades práticas do público escolar.

Em uma região predominantemente urbanizada, como é a Região Metropolitana de Campinas, o projeto gerou materiais para ampliar a percepção da população a respeito da agricultura praticada atualmente e no passado.

Os produtos gerados pelo projeto serão importantes para que a população possa conhecer a origem dos alimentos, das fibras e da energia utilizada no cotidiano, e de como eles se inserem nas mais diversas cadeias produtivas.

O projeto GeoAtlas aposta no futuro e oferece este Atlas escolar da Região Metropolitana de Campinas como presente às escolas da região de Campinas.

Mateus Batistella

Chefe-Geral

Embrapa Monitoramento por Satélite

O projeto GeoAtlas foi coordenado pela Embrapa Monitoramento por Satélite e contou com apoio da Prefeitura Municipal de Campinas e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Os produtos gerados estão disponíveis em:

<http://www.cnpm.embrapa.br/projetos/geoatlas>

Área limítrofe entre os municípios de Campinas e Jaguariúna, SP.
Imagem do Satélite RapidEye.
Fonte: Embrapa Monitoramento por Satélite^[1].

Boa leitura!



O que encontrar?

Sumário

volume 1

08	Origens do projeto
10	Entenda o Atlas – Como foi organizado
	Capítulo I: Região Metropolitana de Campinas – dinamismo e contradições
14	Localização da área de estudo
16	Regiões metropolitanas do Brasil
18	Regiões metropolitanas do Estado de São Paulo
20	Região Metropolitana de Campinas
22	Contrastes da RMC
24	Contexto histórico
26	População da RMC
28	Educação na RMC
30	Saúde na RMC
32	Saneamento básico na RMC
34	Economia na RMC
36	Emprego na RMC
38	Pesquisa, desenvolvimento e inovação na RMC
40	Agropecuária na RMC
42	Solos da RMC
44	Relevo da RMC
46	Turismo na RMC
48	Meios de transporte na RMC
50	Desenvolvimento humano na RMC

	Capítulo II: A Região Metropolitana de Campinas e seus municípios
54	A paisagem da RMC
56	Americana
58	Artur Nogueira
60	Campinas
62	Cosmópolis
64	Engenheiro Coelho
66	Holambra
68	Hortolândia
70	Indaiatuba
72	Itatiba
74	Jaguariúna
76	Monte Mor
78	Nova Odessa
80	Paulínia
82	Pedreira
84	Santa Bárbara d'Oeste
86	Santo Antônio de Posse
88	Sumaré
90	Valinhos
92	Vinhedo
94	Agricultura em debate na RMC
94	Referências

Citricultura e canavieicultura
em Artur Nogueira, SP.
Foto: Flávia Bussaglia Fiorini.

Origens do projeto



Capa do livro **Outros Olhares de Campinas.**

O **Projeto GeoAtlas** foi iniciado em 2006, após a conclusão do livro “**Outros Olhares de Campinas: Imagens de Satélites na Escola**”. Nessa época, foram elaborados materiais didáticos sobre o Município de Campinas, com apoio de geotecnologias aplicadas ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano). O material produzido está disponível em formato digital e pode ser solicitado por meio do Serviço de Atendimento ao Cidadão, da Embrapa Monitoramento por Satélite.

Para elaborar o material voltado ao ensino fundamental II (6º ao 9º ano), a equipe buscou orientações nos Parâmetros Curriculares Nacionais com o objetivo de incluir temas relacionados com o espaço de vivência do aluno, além de inserir o uso de novas tecnologias para analisar o ambiente rural e urbano no mundo globalizado. Foi definido que o eixo temático principal do atlas destacaria a importância das atividades agropecuárias para a formação das paisagens regionais e a área de estudo seria a Região Metropolitana de Campinas.

Partiu-se de duas grandes observações:

1. Que, em áreas densamente urbanizadas, as atividades agropecuárias e sua importância para a economia e para o cotidiano passam despercebidas por grande parte da população; e
2. Que a agropecuária pode ser introduzida na escola como um tema transversal, pela conexão temática que oferece em relação aos conteúdos e aos conceitos tratados no ensino fundamental II.

Entre as conexões, têm destaque:

- ✦ a oportunidade de analisar o espaço em diferentes escalas e níveis territoriais, nos quais o local de vivência dos alunos se insere e pode ser explorado de forma crítica;
- ✦ a noção de que as atividades humanas materializam-se em âmbito local e, portanto, todos os cidadãos devem conhecer melhor o ambiente em que vivem e que ajudam a construir;
- ✦ o conceito de território e suas especializações voltadas às lógicas de mercado;
- ✦ as paisagens e seus elementos, formados no tempo presente e no passado, que se sobrepõem e se integram, formando um conjunto de objetos que podem ser vistos e interpretados;
- ✦ a percepção de que um município é composto por diferentes paisagens e que nem sempre é possível separar o que é urbano do que é rural; e
- ✦ a agropecuária como uma das atividades responsáveis pela formação das paisagens e sua importância para a sociedade, direta (com produtos consumidos in natura) e indireta (com matérias-primas para uma infinidade de cadeias produtivas industriais).



Selo do projeto.



O **projeto GeoAtlas** contou com a **participação** de **professores** da **Rede Municipal de Ensino de Campinas**. Com eles, foram discutidos os materiais disponíveis atualmente para uso em sala de aula, suas potencialidades e limitações. Considerou-se a necessidade de investir na elaboração de materiais personalizados, sobretudo facilitadores para a abordagem, na escola, de questões locais e regionais.



Foram feitas **reflexões** que **nortearam** a **seleção** de **temas** **vinculados** à **agropecuária** no currículo escolar do ensino fundamental e também sobre as geotecnologias e seu papel multidisciplinar como ferramenta na abordagem de conteúdos com referência espacial.



Considerou-se a **elevada quantidade** de **dados** e **produtos** **disponíveis** na **internet** sobre a **Região Metropolitana de Campinas** e o paradoxo na carência de material didático específico para uso do público escolar.

Momentos do projeto



O **grupo** de **professores** foi **capacitado** no uso de **geotecnologias**, desde a pesquisa por dados disponíveis na internet até a organização e a elaboração de material didático sobre diversos temas.



Os **professores** atuaram no **levantamento** de **dados**, **concepção** e **escrita** dos **dois volumes** do **Atlas escolar**, elaborados de forma participativa e inovadora, ao trazer a releitura da importância das atividades agropecuárias como tema norteador do aprendizado que pode ser introduzido em sala de aula.



O **material** **construído** pela **equipe** do **projeto** **pode** **ser** **replicado** em outros locais, em outras regiões e, principalmente, em outras escolas que tenham interesse em atuar de forma ativa na produção de seu próprio recurso didático.

Entenda o Atlas

Como foi organizado



O Atlas escolar da Região Metropolitana de Campinas foi organizado em dois volumes.

A **versão digital** está disponível na página da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em <http://www.cnpm.embrapa.br/projetos/geoatlas>.

volume 1

Aspectos gerais da Região Metropolitana de Campinas

Na primeira parte, o livro traz diversos dados, mapas, gráficos e textos com informações sobre temas gerais. Os assuntos são abordados de forma dinâmica e permitem que professores e alunos realizem análises comparativas sobre os temas pesquisados, a respeito de como ocorrem em sua própria região e em outros níveis territoriais, principalmente estaduais e nacionais.

A segunda parte destaca cada um dos municípios que compõem a RMC. Nela, são abordados aspectos históricos essenciais e dados sobre as principais atividades econômicas praticadas atualmente.

Trabalhe com o volume 1

volume 2

Agricultura em debate na Região Metropolitana de Campinas

O segundo volume discute as interações entre as atividades agropecuárias e o ambiente regional. A primeira parte aborda a questão da agropecuária e suas interfaces com a economia mundial e nacional. Em seguida, o assunto é tratado especificamente na Região Metropolitana de Campinas. Nesta parte, são analisados os **seis produtos agropecuários** mais expressivos da RMC, definidos segundo a quantidade de área cultivada, produtividade, importância histórica e suas principais conexões com a economia, a sociedade e o ambiente.



Os temas e dados trabalhados no **volume 0** podem ser encontrados em outros recursos didáticos, preparados com abordagens e profundidades diferentes. Este atlas não tem o objetivo de substituir os materiais habitualmente utilizados em sala de aula. Foi elaborado para reunir informações e dados específicos sobre a região de vivência dos alunos, neste caso a Região Metropolitana de Campinas.

Cada duas páginas contêm um tema diferente, complementar ao restante do material.

As fontes dos dados são identificadas no texto, [entre colchetes], e estão disponíveis no final do volume, para que sejam consultadas pelos professores e alunos.

Os dados e as informações disponíveis no atlas podem ser constantemente atualizados, com a participação direta dos alunos e orientação dos professores.

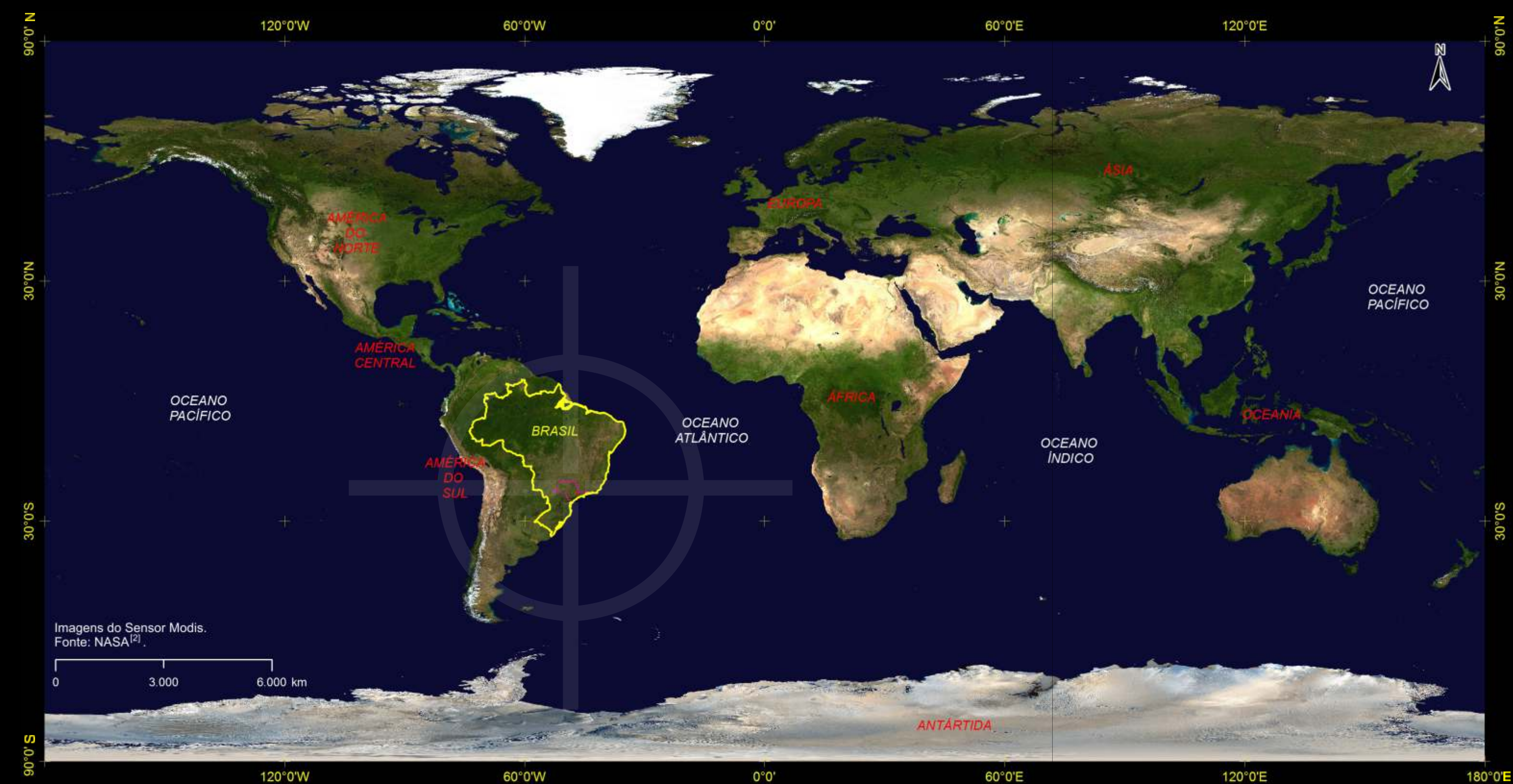
Para viabilizar essa atividade, foi inserido no atlas o **mapa** para ser reproduzido e usado para compor as séries históricas dos temas trabalhados. Na versão digital, o mapa poderá ser impresso e o professor encontrará outros dados e conexões para utilizar o material em sala de aula.





Capítulo I

Região Metropolitana de Campinas – **dinamismo e contradições**



Localização da área de estudo



Regiões metropolitanas do Brasil

Alguns municípios destacam-se por oferecer serviços, produtos e atividades diversificadas. Eles concentram e atraem milhões de pessoas, tornando-se polos de crescimento econômico. Tais municípios são chamados de **metrópoles**.

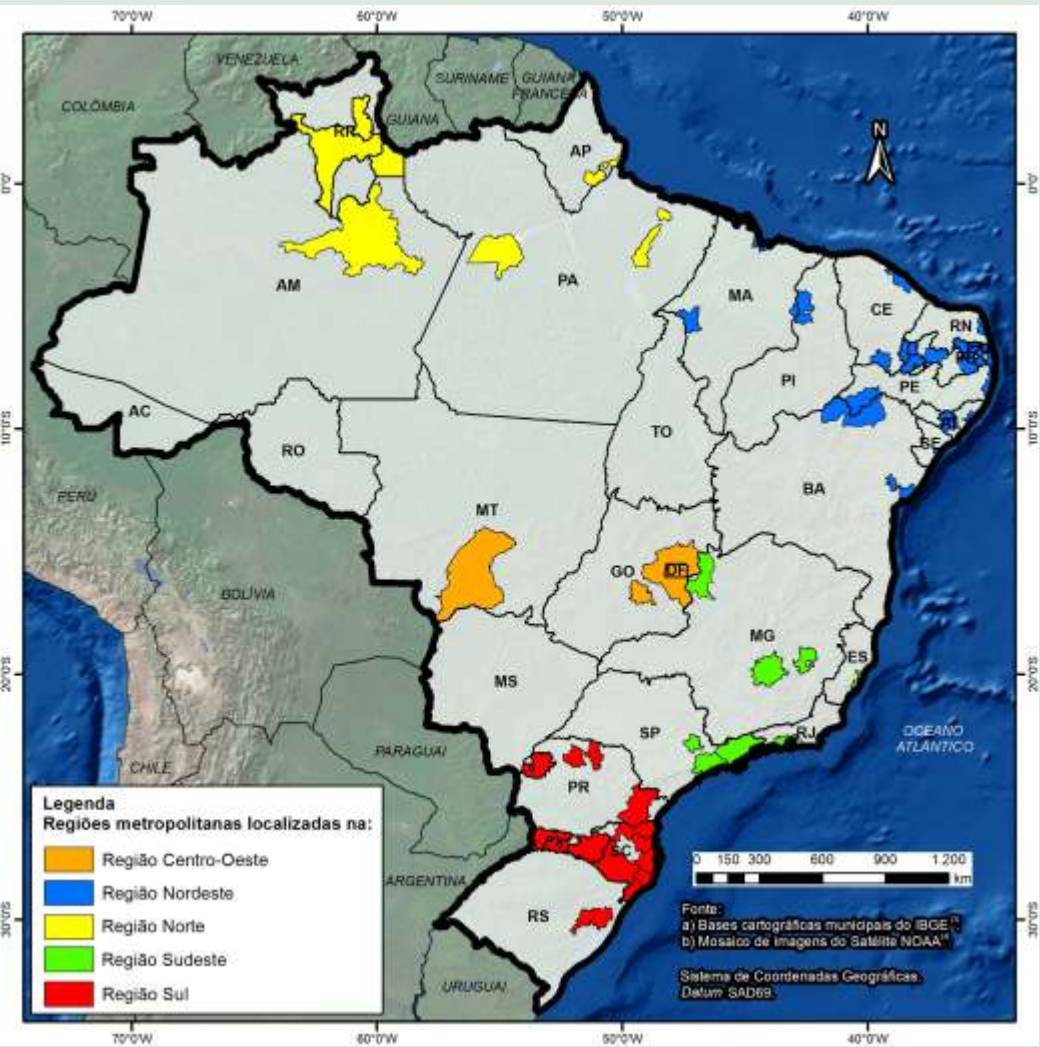
Região metropolitana é o agrupamento de municípios que, regulados por lei federal ou estadual, atuam de forma conjunta na resolução de questões de interesse comum.

De forma geral, quanto maior for a cidade, maior será a chance de oferecer um amplo conjunto de oportunidades aos seus habitantes, aos municípios vizinhos e também às outras regiões. Entre essas facilidades, pode-se citar a maior quantidade de indústrias, comércio, empregos, escolas, universidades, hospitais, atividades e espaços culturais disponíveis para a população.

Além das vantagens, existem as desvantagens ocasionadas pelo crescimento exacerbado das cidades. Essas desvantagens também são compartilhadas pelo entorno, como as diversas formas de poluição, violência, falta de infraestrutura adequada para atender as necessidades dos habitantes, entre outras.

As questões decorrentes da expansão urbana são os principais motivos para que os governantes criem as regiões metropolitanas. Nessas regiões complexas, a articulação dos municípios é fundamental para que sejam resolvidos muitos problemas que ultrapassam os limites de um único município.

Acompanhe a data de criação das Regiões metropolitanas e RIDES no Brasil (1973-2013).

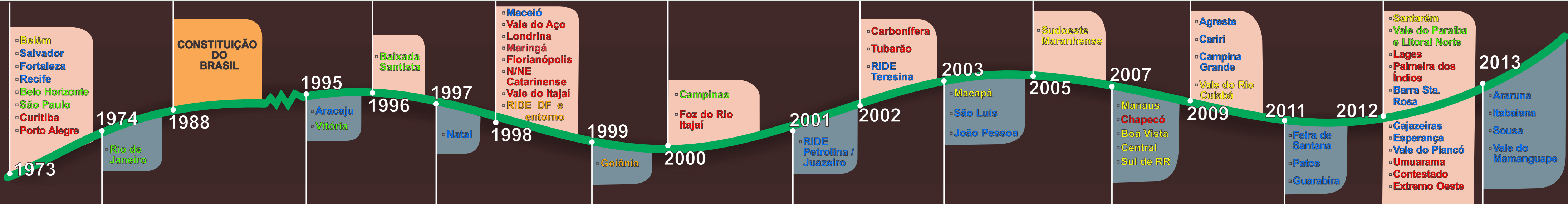
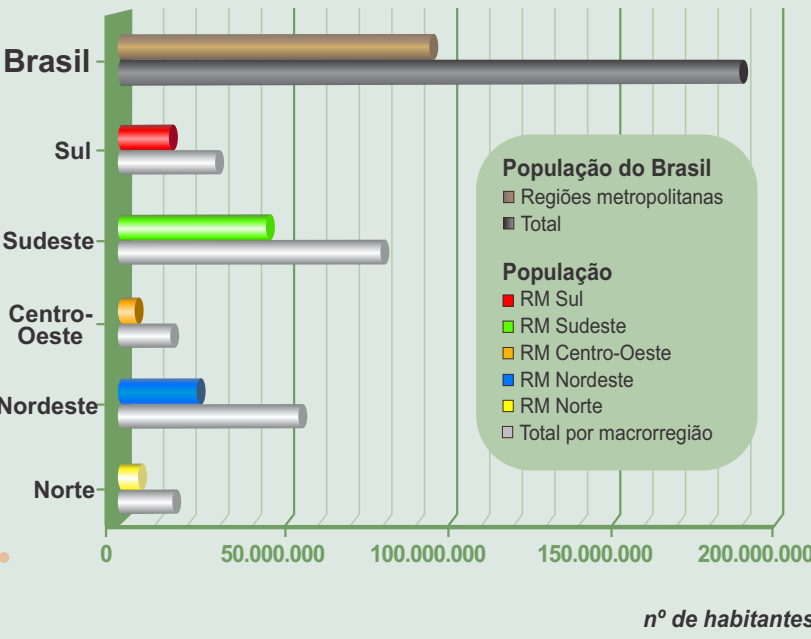


Quando as regiões metropolitanas são formadas por municípios que pertencem a mais de um estado, recebem o nome de **Regiões Integradas de Desenvolvimento Econômico – RIDES**. No Brasil, existem mais de 50 regiões metropolitanas e RIDES, como pode ser observado no **mapa**.

As regiões metropolitanas mais antigas do Brasil foram criadas em 1973 por meio de leis federais. Após a promulgação da Constituição de 1988, os estados também conquistaram autonomia para defini-las.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 5.570 municípios no Brasil. Desse total, **17%** estão inseridos em regiões metropolitanas ou RIDES. A população que habita essas regiões corresponde a **50,2%** do total nacional. Observe o **gráfico**, que apresenta um comparativo da distribuição da população nas regiões do Brasil e nas regiões metropolitanas e RIDES.

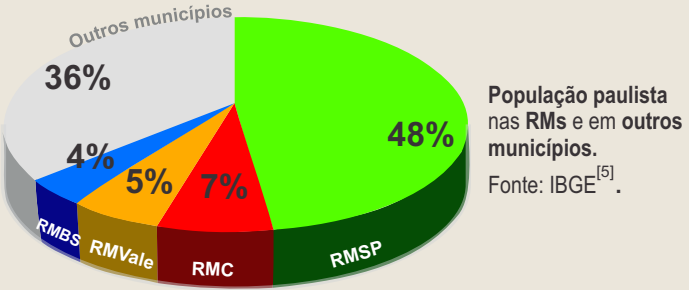
População total residente nas regiões metropolitanas em relação ao total residente no Brasil e nas macrorregiões.



Regiões metropolitanas do Estado de São Paulo

O Estado de São Paulo é formado por 645 municípios, dos quais **16,4%** estão situados em regiões metropolitanas. A população do estado atingiu a marca de 41 milhões de habitantes em 2010^[5] e, desse total, **64%** vivem em regiões metropolitanas.

Visualize abaixo a proporção de habitantes distribuídos nas quatro regiões metropolitanas em relação ao total existente no Estado de São Paulo.



Utilizamos os dados do **Produto Interno Bruto (PIB)** para verificar a importância econômica dos municípios, estados, regiões ou países ao longo do tempo. Esses dados, expressos em valores monetários, representam o total de riquezas geradas pela agricultura, indústria, comércio, serviços e impostos pagos pelos setores. Dos 100 maiores PIBs municipais do Brasil, 25 localizam-se nas regiões metropolitanas do Estado de São Paulo^[9]. A seguir, **acompanhe** alguns dados dessas regiões.



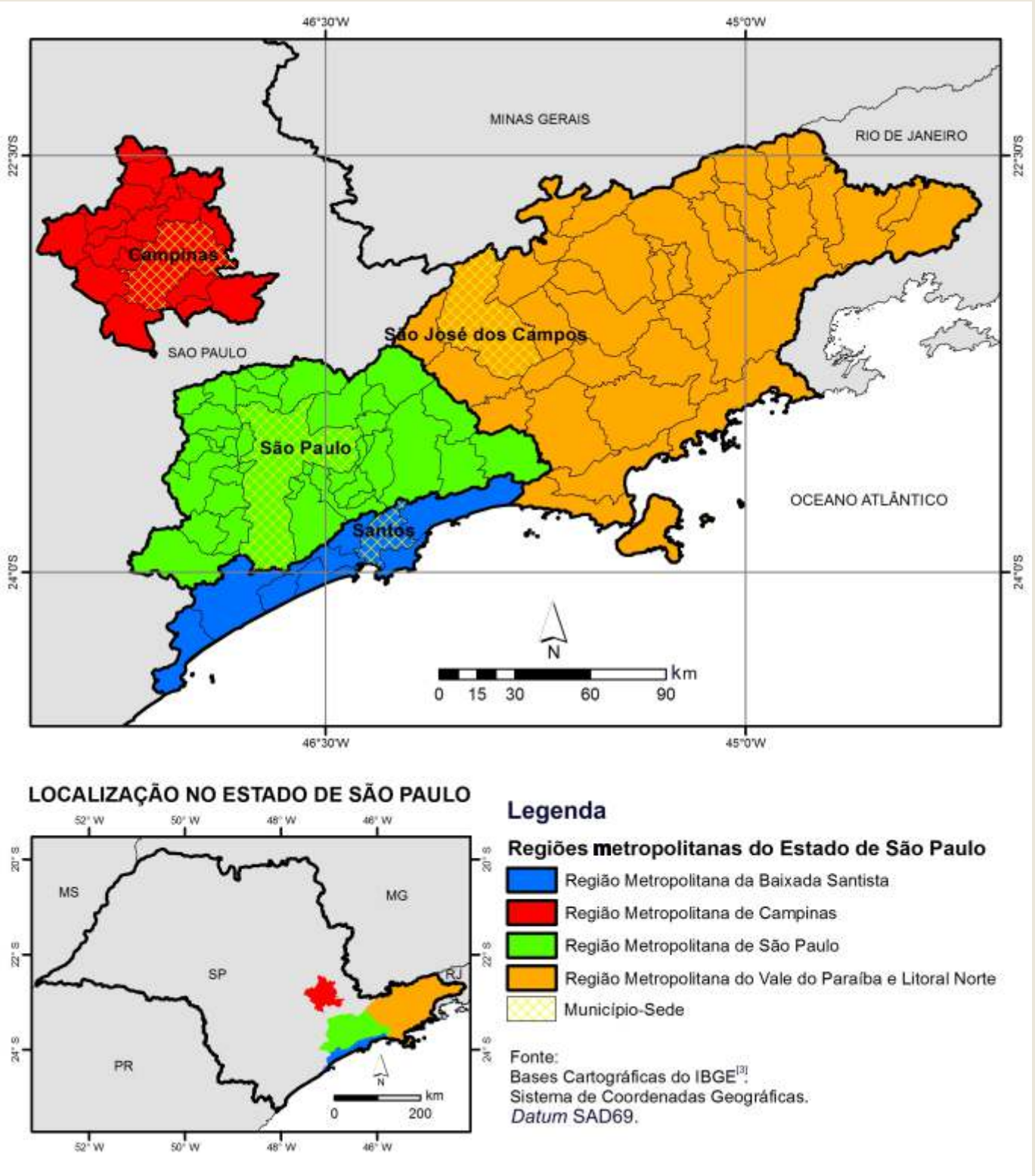
Data de criação^[7]: 8/6/1973
Número atual de municípios^[7]: 39
População^[5]: 19.683.975
Área^[10]: 7.947,27 km²
PIB^[11]: 701.849,59 (em milhões de reais)
Municípios com maior PIB^[11]: São Paulo, Guarulhos e Osasco

Data de criação^[7]: 19/6/2000
Número atual de municípios^[7]: 19
População^[5]: 2.797.137
Área^[10]: 3.644,94 km²
PIB^[11]: 98.485,07 (em milhões de reais)
Municípios com maior PIB^[11]: Campinas, Paulínia e Sumaré

Data de criação^[7]: 9/1/2012
Número atual de municípios^[7]: 39
População^[5]: 2.264.594
Área^[10]: 16.180,93 km²
PIB^[11]: 61.698,19 (em milhões de reais)
Municípios com maior PIB^[11]: São José dos Campos, Taubaté e Jacareí

Data de criação^[7]: 19/7/1996
Número atual de municípios^[7]: 9
População^[5]: 1.664.136
Área^[10]: 2.405,92 km²
PIB^[11]: 47.302,46 (em milhões de reais)
Municípios com maior PIB^[11]: Santos, Cubatão e Guarujá

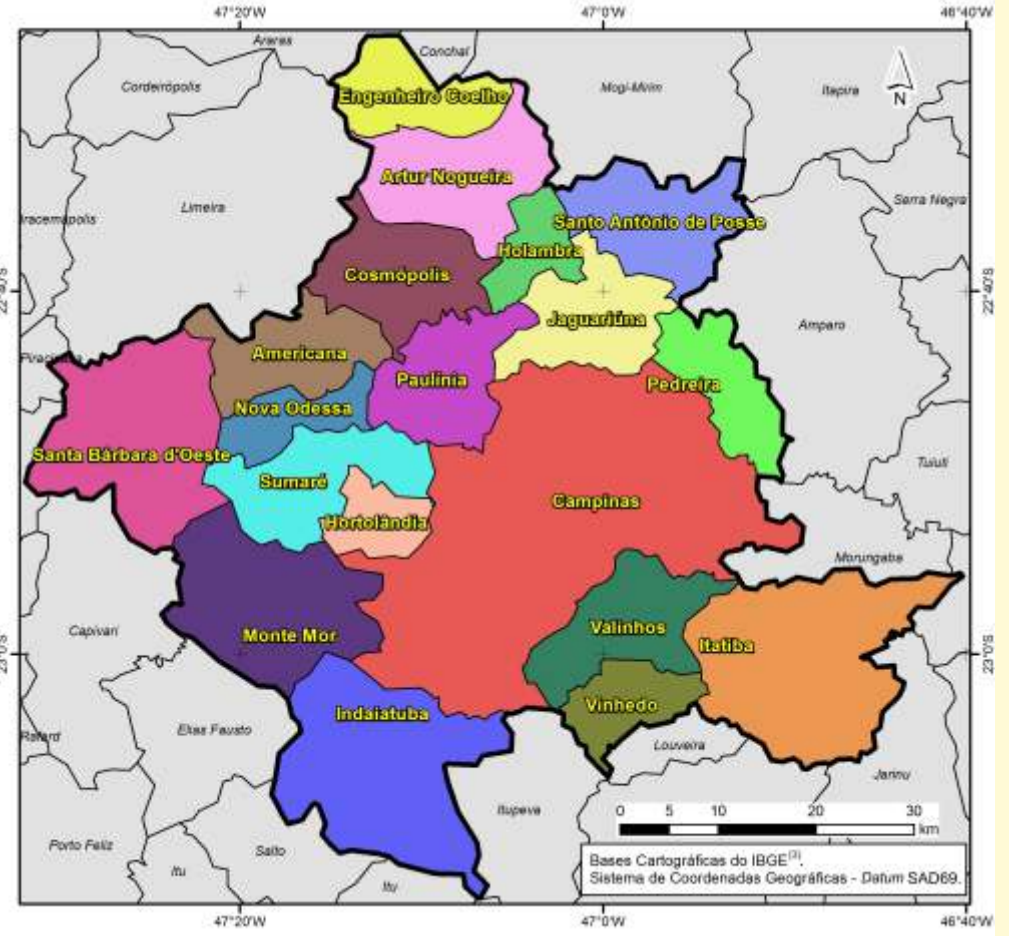
Nota: Ambientes simulados, destacando pontos de referência para cada região.



Região Metropolitana de Campinas

A **Região Metropolitana de Campinas (RMC)** foi instituída pela **Lei Complementar Estadual nº 870, de 19 de junho de 2000^[7]**, como pode ser observado no **mapa**.

A RMC é um importante polo de desenvolvimento nacional e agrega indústrias de base tecnológica avançadas que se complementam, formando um complexo diversificado. A população é atraída pelas oportunidades de empregos oferecidas regionalmente. O setor de serviços contribui para que a região estabeleça relações econômicas com outras regiões do estado, do País e do mundo.



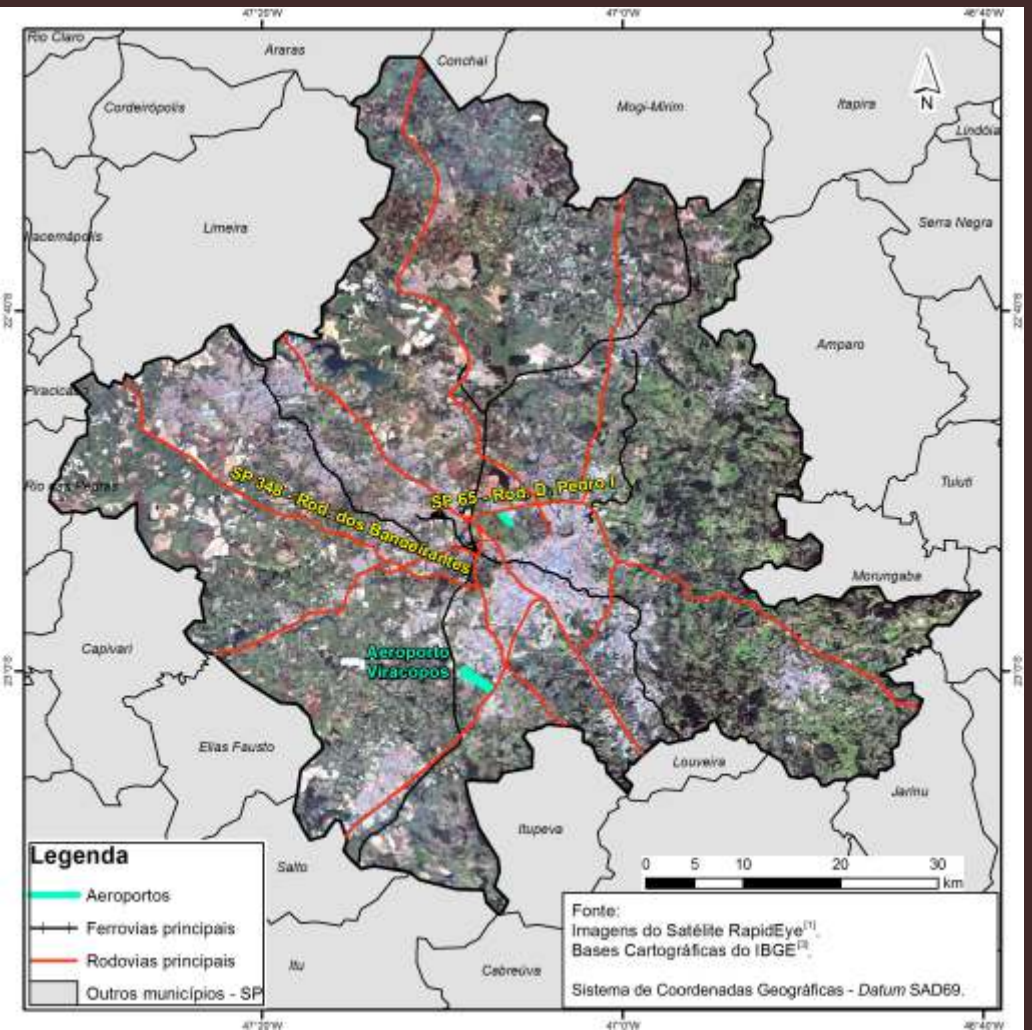
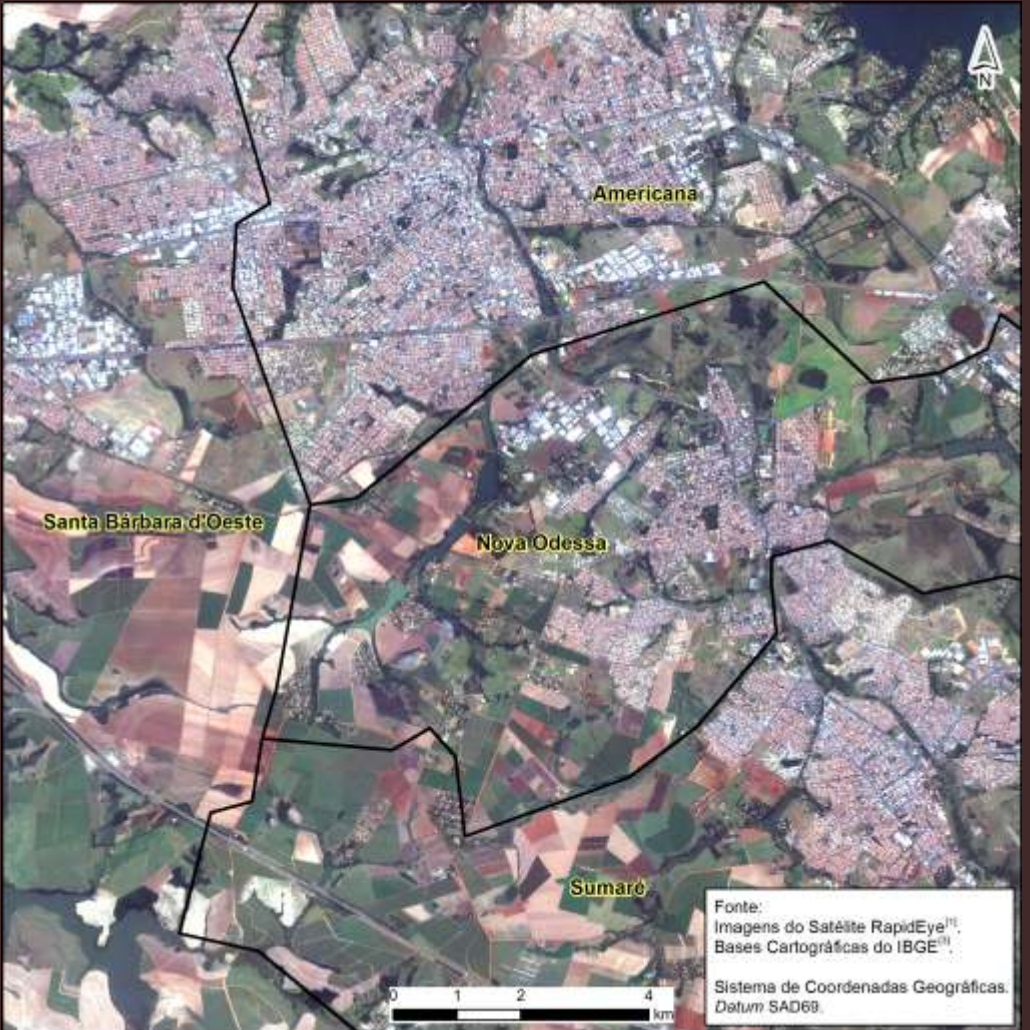
A maior parte da população da RMC vive em áreas urbanas^[12]. Em alguns casos, as cidades cresceram tanto que são unidas fisicamente, separadas por bairros ou mesmo ruas. A **conurbação**, nome dado a esse fenômeno, costuma ocorrer em regiões metropolitanas, principalmente ao longo das principais rotas de passagens e de deslocamentos diários. Na Região Metropolitana de Campinas, podemos citar alguns **exemplos de áreas conurbadas** entre Sumaré e Nova Odessa ou Americana e Santa Bárbara d'Oeste.

O crescimento desordenado das áreas urbanas ocorre, em geral, orientado por interesses econômicos. Com frequência, novas áreas são abertas para instalação de bairros, que podem ser de uso comercial, industrial ou residencial. A escassez de grandes áreas disponíveis para a construção de novos empreendimentos resulta em aumento do valor das terras, e essa característica influencia sobre os arranjos espaciais estabelecidos sobre o território, contribui para orientar o crescimento das cidades sobre as áreas agrícolas, a localização dos novos loteamentos ao longo de rodovias, entre outros.

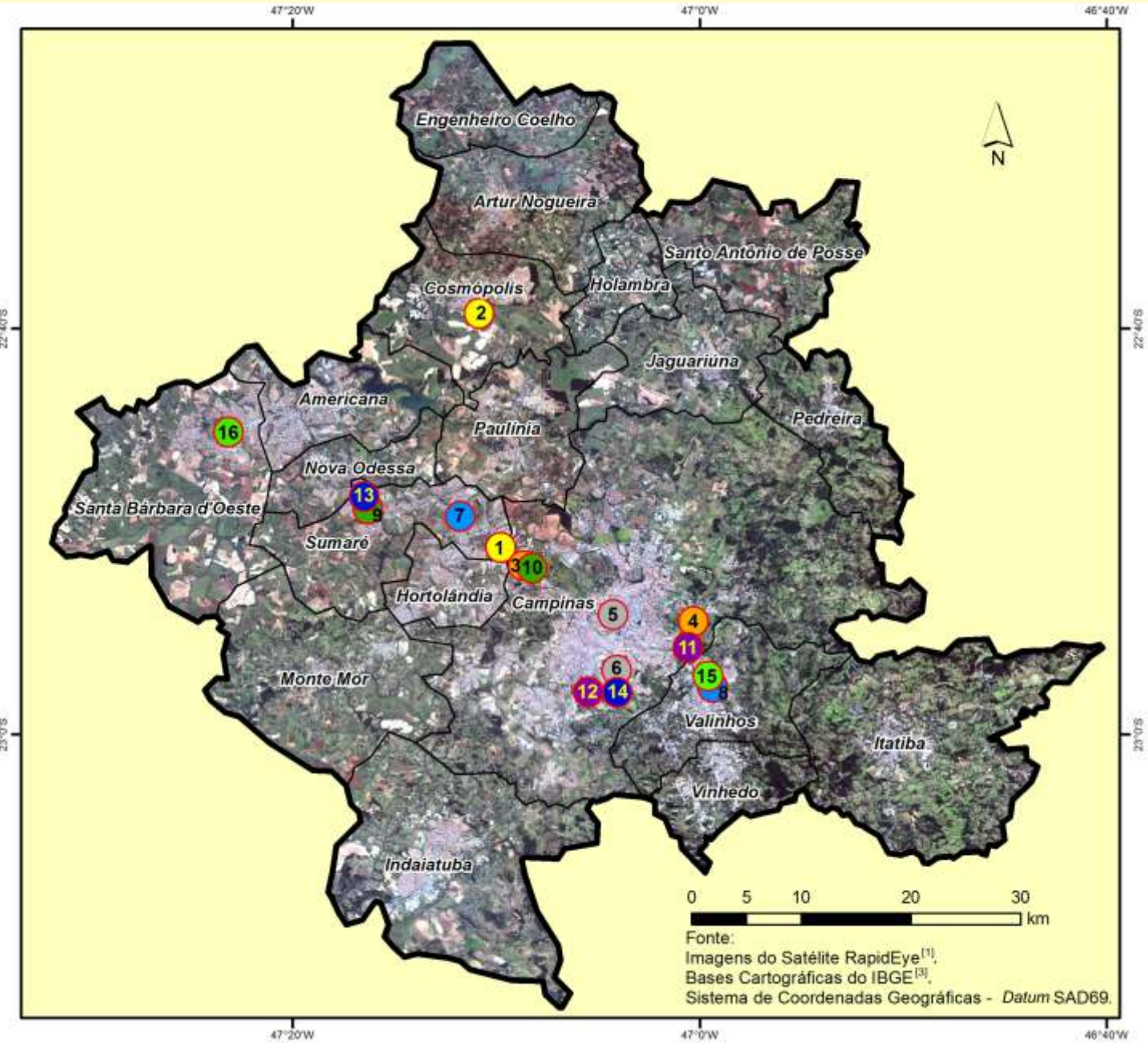
Vários fatores favorecem o desenvolvimento das atividades econômicas na Região Metropolitana de Campinas, entre os quais podemos destacar:

- ✦ a localização estratégica da região, configurando-se em um importante entroncamento modal (**ver página ao lado**);
- ✦ a proximidade de mercado consumidor;
- ✦ a existência de centros de distribuição de produtos de abastecimento, inclusive de origem agrícola;
- ✦ a oferta de centros comerciais e de serviços diversificados;
- ✦ a fixação de estabelecimentos industriais;
- ✦ a presença de universidades e centros especializados de formação profissional; e
- ✦ o apoio dos centros de pesquisa e laboratórios de alta performance especializados em tecnologia da informação e em agricultura.

A **expansão econômica e populacional, a geração e concentração de riquezas, os contrastes sociais e os impactos das ações humanas sobre o meio ambiente** são questões que precisam ser tratadas de forma integrada, daí a **importância da criação da RMC como divisão política**.



Contrastes da RMC



- Legenda**
1. Edifício industrial localizado às margens da Rodovia Anhanguera, Município de Sumaré;
 2. Área urbana e entorno agrícola, Município de Cosmópolis;
 3. Conjunto habitacional com equipamentos de lazer, Município de Campinas;
 4. Residencial de alto padrão, Município de Campinas;
 5. Terreno da antiga rodoviária (demolida em 2010), área central do Município de Campinas;
 6. Terrenos localizados nas margens da Rodovia Anhanguera, Município de Campinas;
 7. Alça de acesso à Rodovia Anhanguera, Município de Sumaré;
 8. Trecho de ferrovia sobre curso d'água, localizado no Município de Valinhos;
 9. Ônibus intermunicipal em Sumaré, transporte coletivo presente na RMC;
 10. Engarrafamento na Rodovia Anhanguera, Município de Campinas;
 11. Estação de tratamento de esgoto, Município de Campinas;
 12. Deposição de resíduos em curso d'água, Município de Campinas;
 13. Conjunto residencial recém-implantado, Município de Sumaré;
 14. Ocupação de baixa renda, localizada ao longo de ferrovia, Município de Campinas;
 15. Culturas agrícolas nas proximidades da área urbana de Valinhos;
 16. Área de pastagem localizada no entorno da cidade de Santa Bárbara d'Oeste.



Observe algumas **características da paisagem regional** e sua **localização na imagem de satélite**



Existem **municípios** que apresentam **alta concentração** de atividades industriais (1) e **outros** que têm uma **paisagem** marcadamente agrícola (2).



Os **bairros** possuem **padrões** que os diferenciam, por exemplo, a **quantidade** de equipamentos públicos à disposição da **população** (3), o **tamanho** dos lotes (4) em relação ao número médio de habitantes por **residência**, os **índices** de arborização urbana e impermeabilização dos solos.



A **paisagem** é constantemente alterada. Novos **bairros** e **construções** surgem em antigas áreas agrícolas e mesmo na própria cidade (5). A região é marcada pela **forte especulação** imobiliária (6) e pelo **custo** de vida elevado.



Existem **rodovias** de **excelente qualidade** que conferem **velocidade** ao transporte (7) e **ferrovias** que precisam de investimentos e modernização (8).



Na região metropolitana, o **transporte público** é interligado entre os municípios (9), no entanto, em **alguns locais** e **horários**, existe **superlotação** e **baixa mobilidade** (10) em decorrência do **intenso fluxo** de pessoas e veículos.



Os **resíduos** produzidos pelas **indústrias** e **residências** são destinados às **estações** de tratamento (11) mas, em determinados locais, ainda há **necessidade** de saneamento básico e os resíduos continuam a ser **despejados** em áreas impróprias, como rios e córregos (12).



As **intervenções** sobre a paisagem devem **ocorrer** de forma planejada (13), mas, em muitos casos, **carecem** de acompanhamento e **ordenação** por parte do setor público (14).



Com a **expansão** das cidades sobre as áreas agrícolas, não é raro encontrar padrões de **uso da terra** urbanos na zona rural (15) e padrões rurais na zona urbana (16).



As terras da atual Região Metropolitana de Campinas já eram ocupadas durante o Brasil colonial. Nesse período, a região era rota dos bandeirantes paulistas e tropeiros que desbravavam caminhos à procura de riquezas. Como as antigas estradas e passagens eram percorridas a pé ou por meio de animais, os locais de pouso das tropas dos viajantes deram origem aos primeiros agrupamentos populacionais, que depois transformaram-se nas principais cidades da região.

A paisagem, originariamente formada pela vegetação de Mata Atlântica e Cerrado, passou por várias transformações decorrentes de diferentes ciclos econômicos. Inicialmente habitada pelos povos indígenas, que cultivavam roças de milho e mandioca, sofreu a primeira grande alteração a partir de 1750, com a substituição de áreas de vegetação natural pela cultura da cana-de-açúcar^[13].

Mais tarde, concomitantemente ao declínio da produção da cana-de-açúcar, grande parte das terras foram ocupadas pelo plantio do café, cultura muito importante não só para o crescimento desta região, mas para todo o Estado de São Paulo. Com a intensificação da economia cafeeira, houve maior necessidade de abrir caminhos para escoamento da produção. Desse modo, as estradas de ferro foram construídas e a região de Campinas passou a ser importante entroncamento das redes ferroviária e viária, o que possibilitou maior fixação das atividades urbanas. A cafeicultura ra impulsionou o crescimento do comércio e do setor de serviços, com destaque para as áreas de saúde, pesquisa, educação e cultura^[13].

Palácio da Mogiana,
localizado na região central de Campinas.

Edifício histórico construído no fim do século 20 e restaurado em 2009.
Antiga sede da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.
Foto: Cristina Criscuolo.



Negociantes do interior.
Campinas, SP.

Foto: A. Frisch (1884) - Coleção Geraldo Sesso Junior.
Centro de Memória da Unicamp.



Engenhoca de cana.
Campinas na primeira década do século 20.

Foto: Coleção da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo.
Núcleo Campos Salles.
Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Limpeza do café.
Primeira década do século 20.

Foto: Coleção da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo.
Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Hospedaria dos imigrantes em São Paulo.
Primeira década do século 20.

Foto: Coleção da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo.
Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A presença da mão de obra escrava e imigrante na região contribuiu para a formação da base populacional e da força de trabalho necessária para transformá-la e torná-la da forma como a conhecemos hoje.

Com a crise da cafeicultura, as cidades diversificaram sua economia e presenciaram o crescimento das atividades industriais e a expansão urbana. A região de Campinas atraiu muitas indústrias a partir de 1970, em razão de sua localização estratégica e da proximidade com a capital do Estado de São Paulo, além da infraestrutura já existente. Com o tempo, alguns bairros foram se especializando em determinados usos e funções urbanas.

A Região Metropolitana de Campinas destaca-se pelas atividades ligadas à indústria e aos serviços e também pelas atividades agrícolas, com o cultivo de diferentes produtos, especialmente a cana-de-açúcar, as frutas e as flores. Estas últimas foram trazidas mais recentemente por imigrantes holandeses, que marcaram a paisagem com costumes mesclados à cultura regional, como a agricultura familiar e uso de base tecnificada associada ao processo de produção. Além dos holandeses, a RMC recebeu povos imigrantes em vários momentos da história: portugueses, italianos, norteamericanos, espanhóis, russos, húngaros, alemães, libaneses, suíços, austríacos, entre outros.

Quando observamos uma paisagem, podemos interpretá-la segundo os diversos povos, políticas e culturas que, ao interagirem com a natureza, foram responsáveis por sua construção.

População da RMC

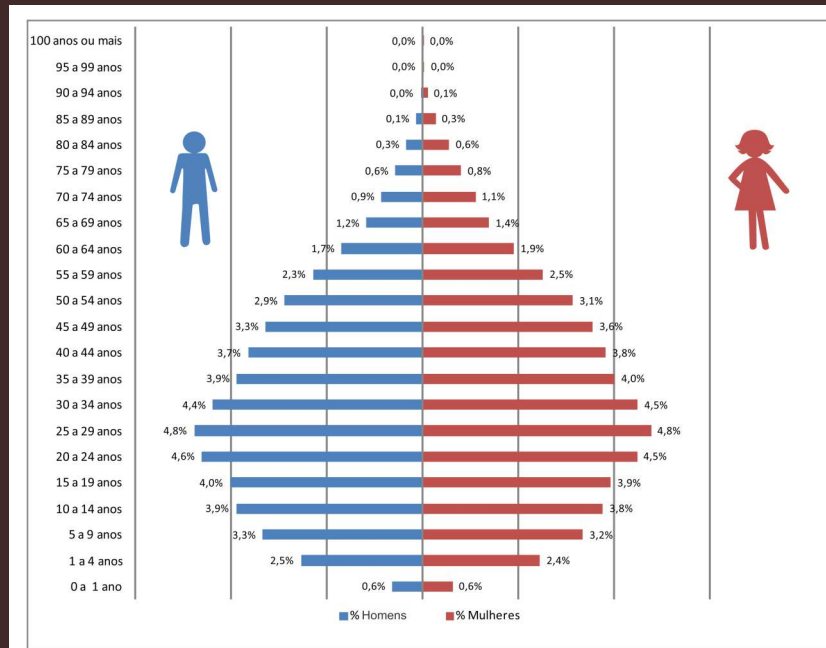
A Região Metropolitana de Campinas tem 2.797.137 habitantes^[5], os quais encontram-se desigualmente distribuídos entre os municípios.

Observe algumas características e os dados nos **mapas**:

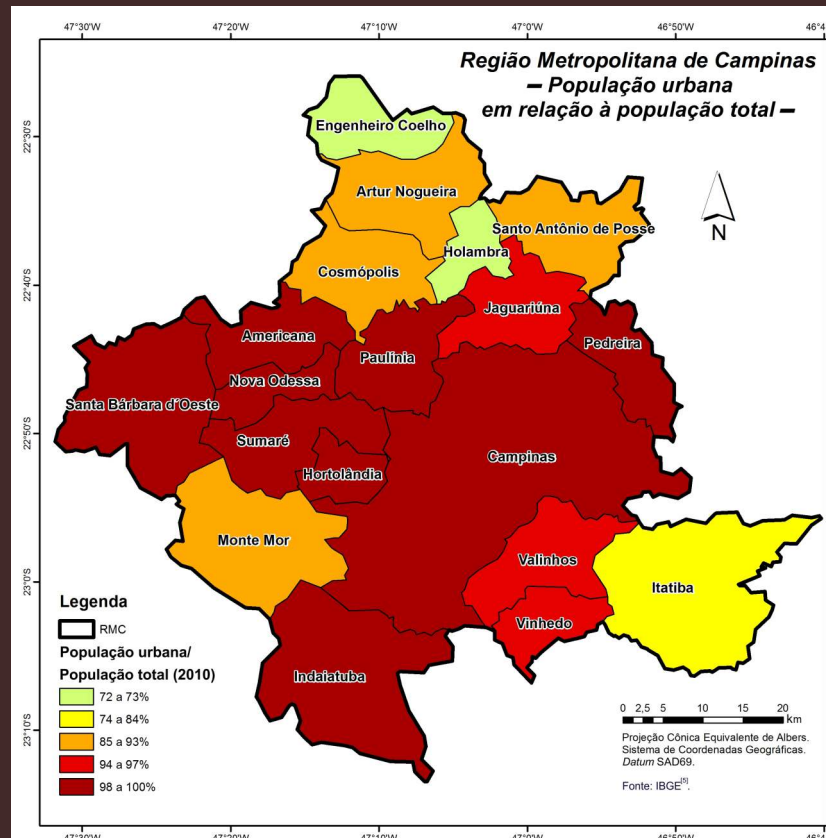
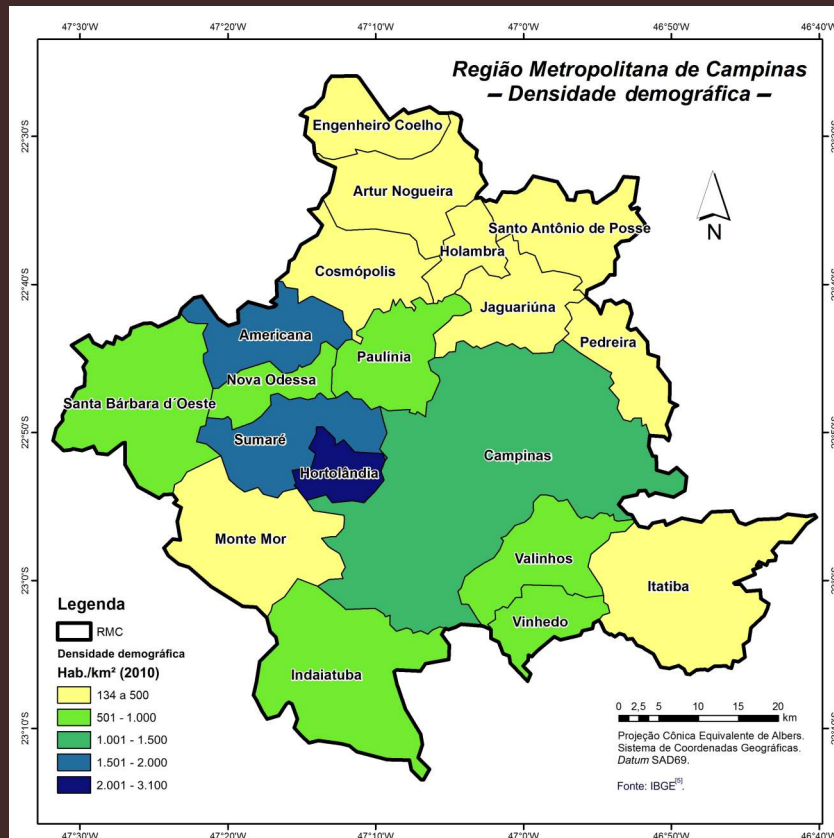
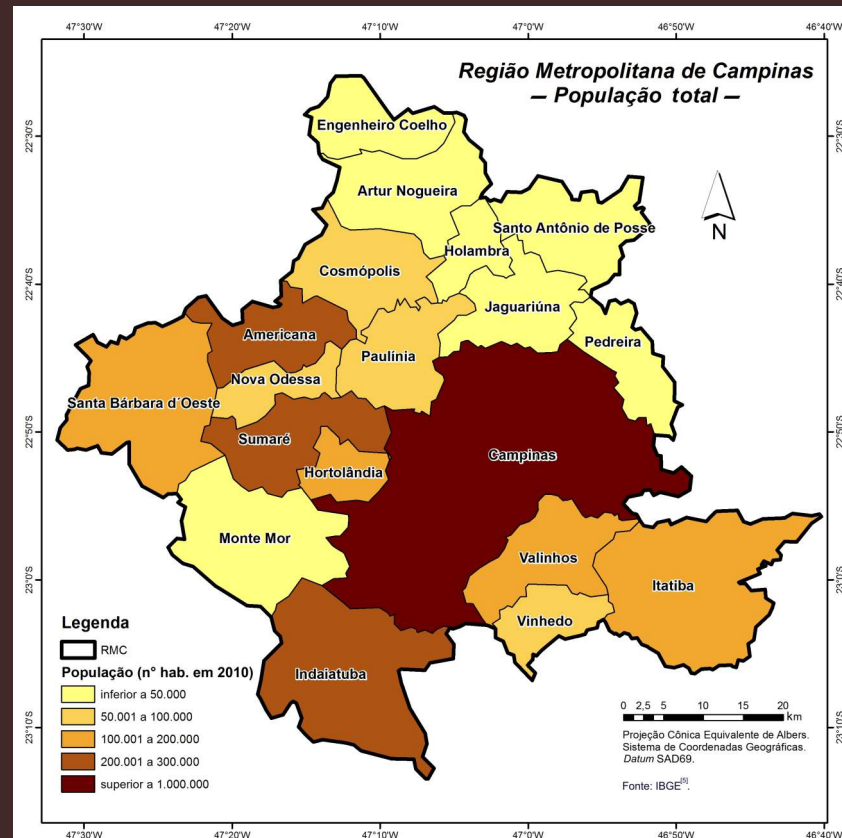
- Os municípios mais **populosos**, ou seja, os que têm o maior número de habitantes, são: Campinas, Sumaré, Americana e Indaiatuba.
- As maiores **densidades demográficas**, ou seja, os municípios mais povoados, são: Hortolândia, Sumaré, Americana e Campinas.
- A maior parte dos habitantes (97,4%)^[12] vive nas cidades.

A **pirâmide etária** da Região Metropolitana de Campinas ilustra a distribuição atual da população por idade e gênero. Há concentração de população jovem e adulta, principalmente entre 20 e 35 anos^[5].

A alta concentração populacional na RMC é um fato relativamente recente. A partir da década de 1970, a cidade de São Paulo e os municípios de seu entorno passaram por um processo de desconcentração industrial. Nesse processo, as localidades a uma distância aproximada de 150 km da capital receberam grandes indústrias e passaram por um crescimento econômico e populacional acentuados.



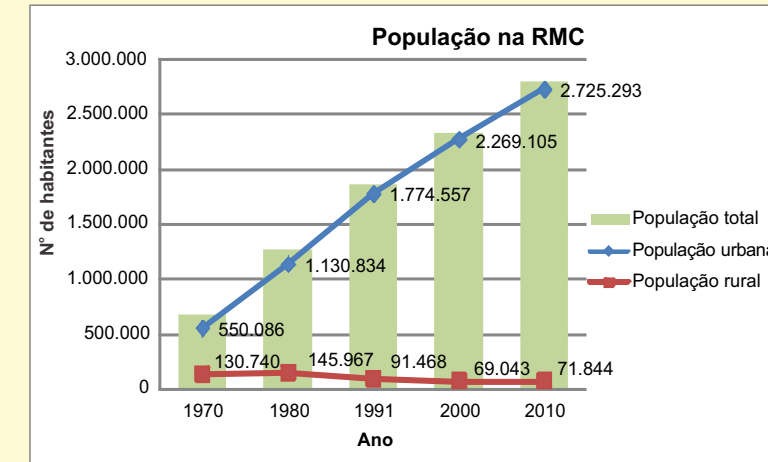
Fonte: IBGE^[5].



Região central de Campinas durante horário comercial.
Foto: Cristina Criscuolo.



Desde 1970 até 2010, a população regional praticamente quadruplicou seu tamanho^[14]. Paralelamente ao crescimento absoluto da população, nesse mesmo período também houve aumento na taxa de urbanização.



Fonte: IBGE^[14].

As oportunidades de empregos e de formação profissional abertas com a expansão da economia atraíram população de outras regiões, principalmente do Estado de São Paulo, do Estado de Minas Gerais, do Norte do Estado do Paraná e também da região Nordeste^[13].

O crescimento rápido e intenso da população impactou diversos setores da sociedade. As demandas básicas da população não têm sido atendidas satisfatoriamente pelas políticas públicas.

A concentração de pessoas em bairros distantes do centro ou que moram em um município e trabalham em outro resultaram nas **migrações pendulares**, ou intrarregionais diárias. Este é um dos exemplos de como a região compartilha serviços e problemas decorrentes do crescimento desordenado ocorrido nas últimas décadas.

Educação na RMC

O sistema educacional brasileiro é regido pela **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, aprovada em 1996^[15]. Segundo a LDB, a educação escolar compõe-se da educação básica (formada por educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e educação superior.

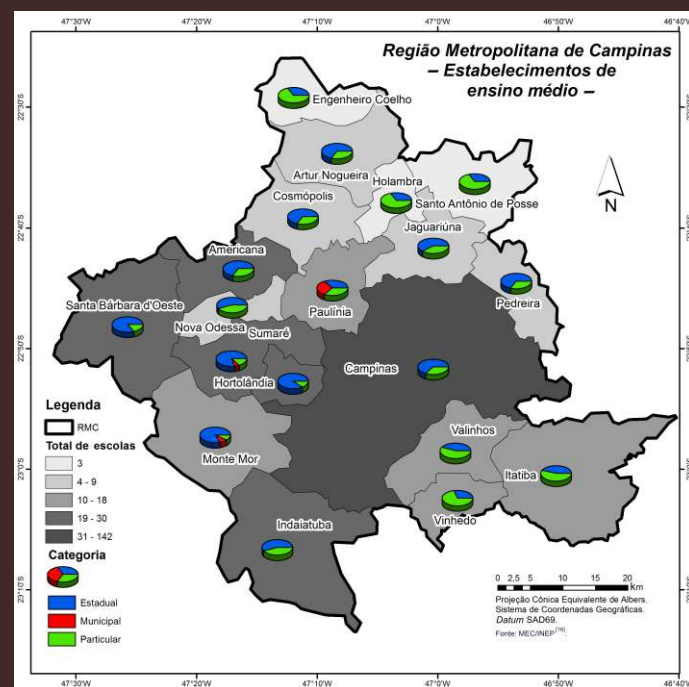
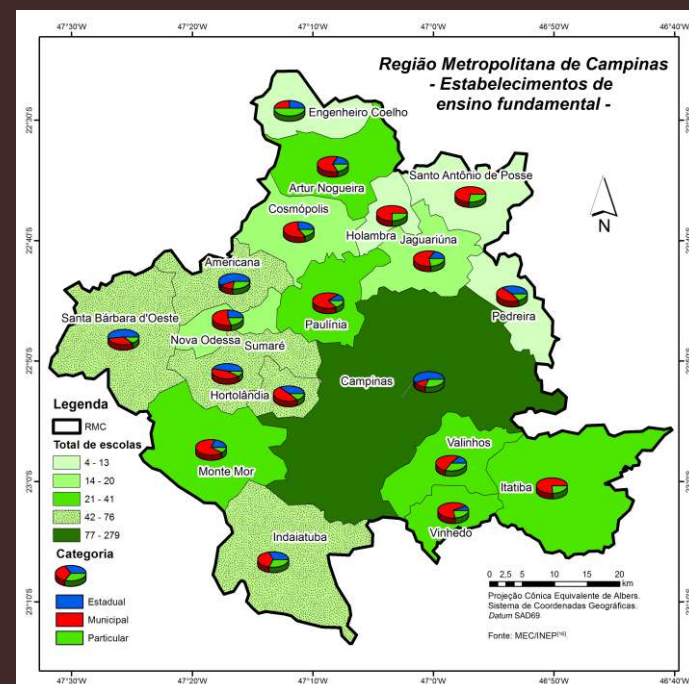
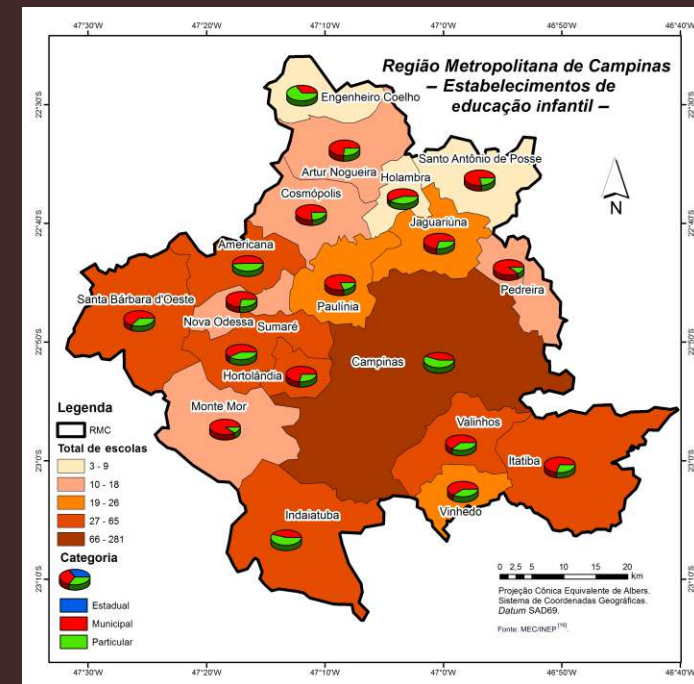
O poder público atua em todos os níveis educacionais, inclusive nas modalidades de **Educação de Jovens e Adultos (EJA)** e ensino técnico. Quanto às instituições de ensino, podem ser públicas ou privadas.

Cabe ao setor público assegurar o acesso e a permanência da população nas diversas formas de ensino básico, e essa responsabilidade é dividida da forma descrita abaixo:

- ✦ educação infantil: município;
- ✦ ensino fundamental: estado e município; e
- ✦ ensino médio: estado.

Compete ao governo federal a articulação dos diferentes níveis e esferas governamentais, que, juntos, devem manter o sistema em operação, inclusive em relação aos aspectos financeiros.

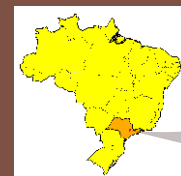
A Região Metropolitana de Campinas possui mais de 2.000 estabelecimentos de ensino voltados à educação básica^[16].



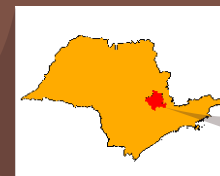
Na RMC, aproximadamente **3,6%** dos habitantes com idade superior a 10 anos são analfabetos. Para efeitos de comparação, para esse mesmo índice o **Estado de São Paulo** obteve **4,1%** e o **Brasil**, **9%**^[5].

No ato da matrícula em 2012, **74%** dos estudantes de graduação da Unicamp declararam seu endereço **familiar**. Com base nessa informação:

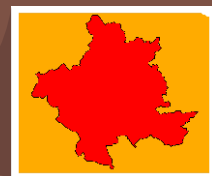
Fonte: DAC/Unicamp (2012)^[18].



99,7% são do Brasil.



88% são do Estado de São Paulo.



23,4% são da RMC.



A qualidade da educação superior oferecida na RMC é um dos seus pontos mais fortes e projeta a região como centro difusor de conhecimento e pesquisa. Os estudantes oriundos de diferentes localidades, atraídos pelos centros de excelência, contribuem com a diversidade cultural da região, sendo que muitos permanecem após o término de seus cursos para trabalharem e empreenderem em setores especializados.

Somente a **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, em 2012, contava com mais de 1.700 docentes, sendo **98%** deles **doutores**^[20]. A instituição conta com mais de 60 cursos de graduação e mantém anualmente cerca de 15 mil alunos matriculados^[18].

Outro dado relevante disponibilizado pela Unicamp^[18] é que, do total de estudantes regularmente matriculados na **graduação em 2012**:

- ✦ **58%** concluíram o ensino médio em escolas privadas;
- ✦ **35%**, em escolas públicas; e
- ✦ **7%** não declararam essa informação ou são estrangeiros.

A Unicamp também oferece cursos de pós-graduação nos níveis de especialização, mestrado e doutorado, com aproximadamente 27 mil estudantes originários do Brasil e de outros países^[20].

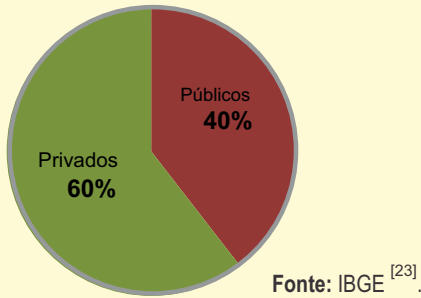
Além da Unicamp, a Região Metropolitana de Campinas tem centros universitários que formam profissionais graduados e tecnólogos em várias áreas, com destaque para as universidades privadas e filantrópicas como a **Pontifícia Universidade Católica de Campinas**. Este segmento é responsável pela matrícula de **86%** dos estudantes de graduação da RMC^[21].

Saúde na RMC

O setor de saúde atua na gestão dos equipamentos e dos serviços colocados à disposição do cidadão para que ele tenha acesso aos tratamentos e à prevenção de doenças, e tem reflexos diretos sobre a melhoria da qualidade de vida da população.

Independentemente da condição de renda, os cuidados com a saúde devem ser iniciados antes do nascimento da criança, com a realização de consultas e exames pré-natais. Na RMC, **81%** das mulheres que tiveram filhos em **2007** realizaram sete ou mais consultas de pré-natais e, em **2011**, a proporção foi de **82,4%**. Observe no **mapa** as variações entre os municípios^[22].

Na RMC, existem aproximadamente 970 estabelecimentos de saúde, sendo a maioria administrada pelo setor privado^[23].

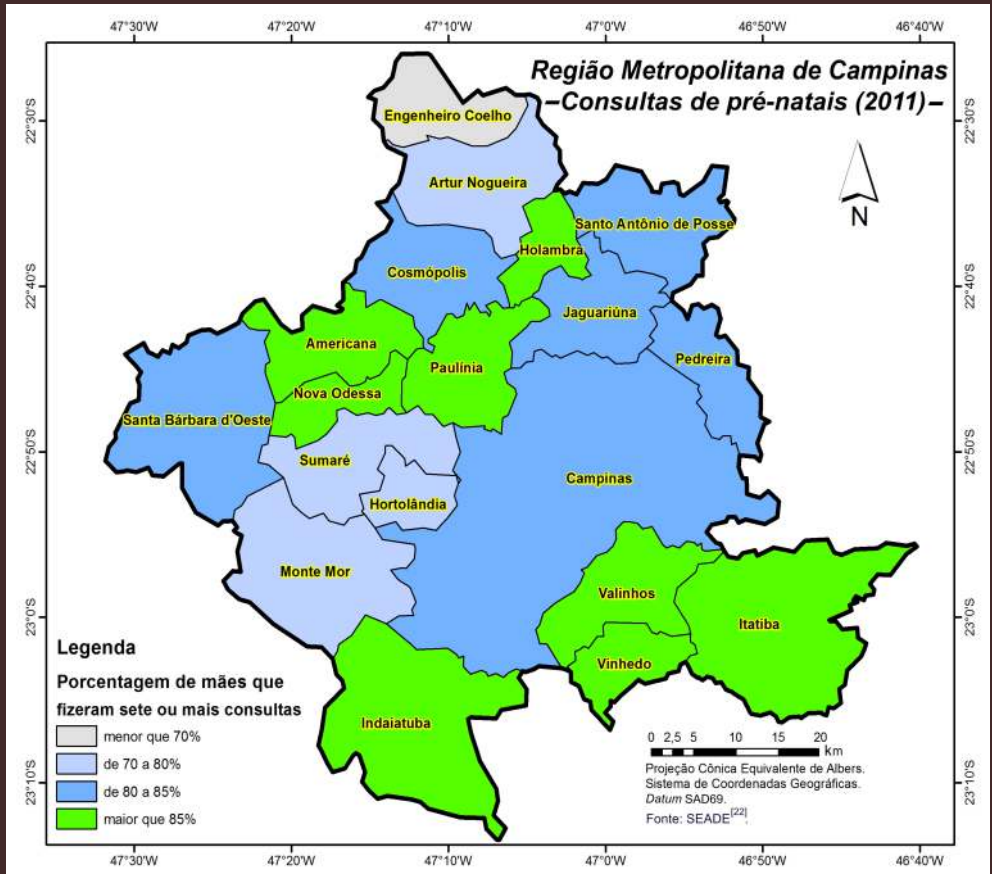


Santa Casa de Misericórdia, município de Vinhedo, SP. | Foto: Cristina Criscuolo.

Quanto ao número de **médicos**, a RMC tem **2,71** para cada 1.000 habitantes, valor superior à média estadual, de **2,45**^[26]. O **mapa** ilustra a proporção em cada município.

Sobre a taxa de **mortalidade infantil**, a RMC registrou, em **2007**, a ocorrência de **10,7** casos para cada 1.000 crianças com idade inferior a 1 ano. Em **2011**, o valor abaixou para **10,2** casos, permanecendo menor que a média estadual, que foi de **11,6**^[27].

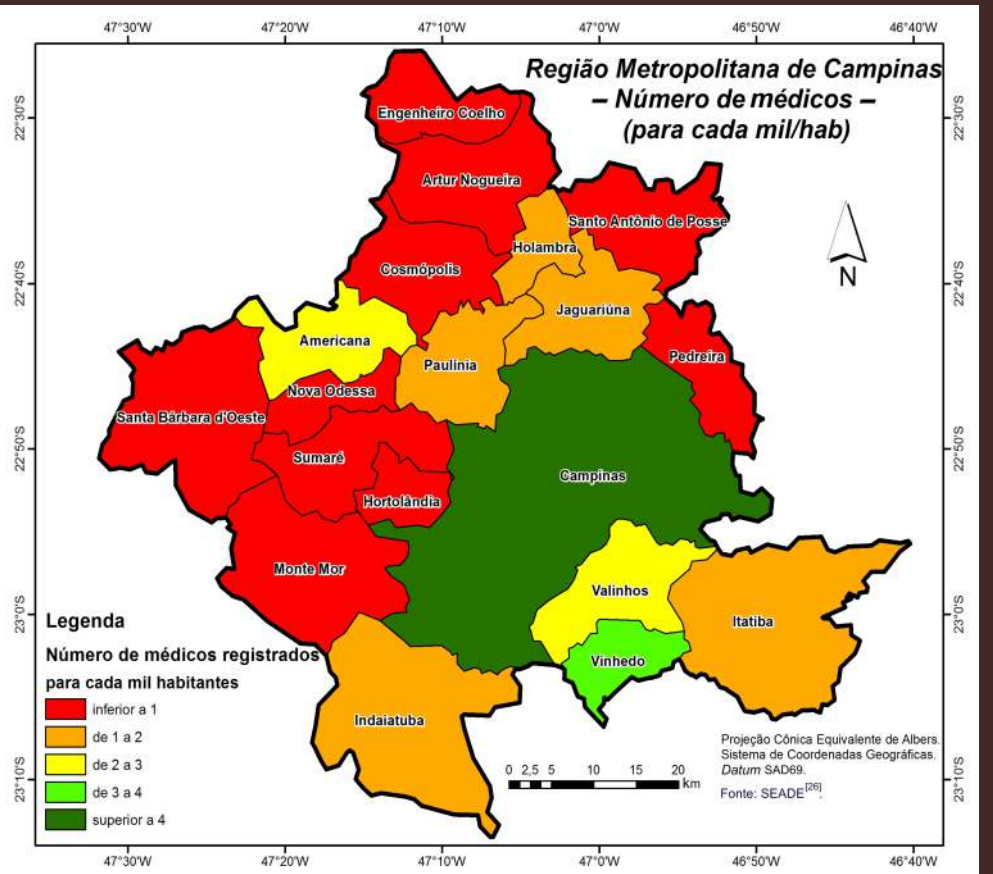
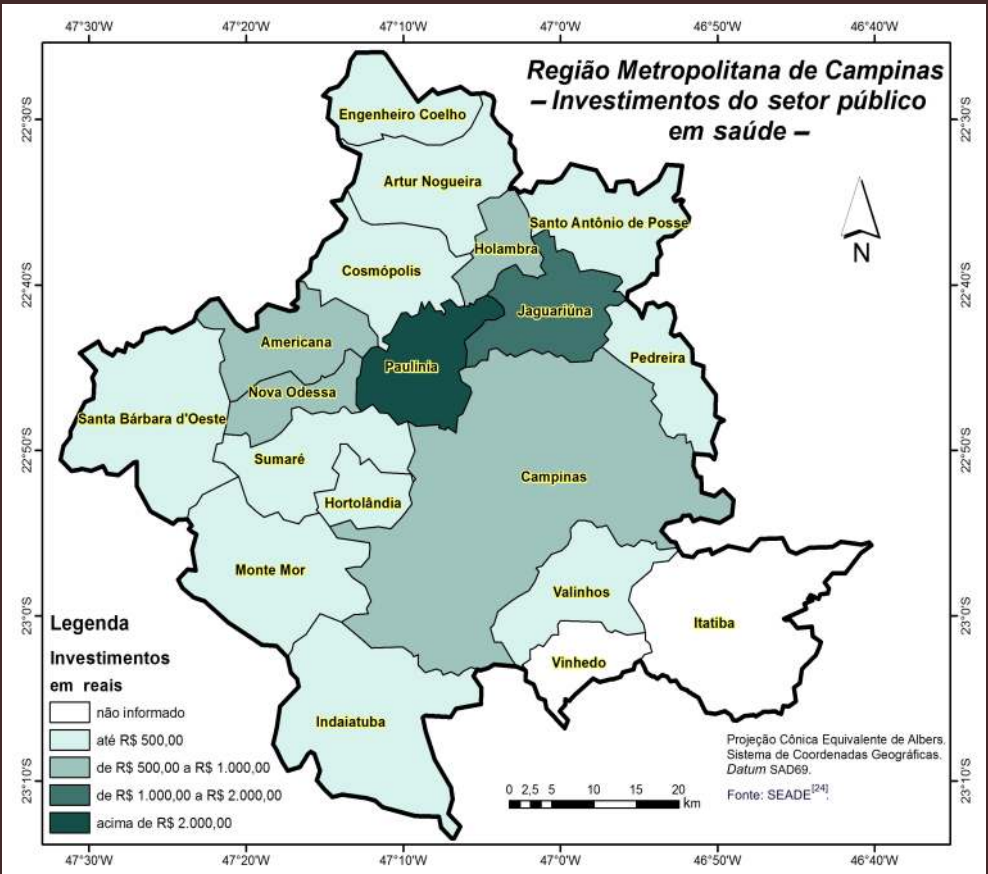
No final da década passada, a RMC elaborou seu Plano Metropolitano de Saúde, pois a questão não pode ser resolvida isoladamente em cada um dos municípios.



Em toda a região, existem aproximadamente 5 mil leitos disponíveis para internação^[24]. Esse número correspondente a **1,7** leito para cada 1.000 habitantes, valor abaixo da média estadual, de **2,3**, e da meta estabelecida pelo Ministério da Saúde, de **2,5 a 3** leitos para cada 1.000 habitantes^[25].

O total de leitos na RMC corresponde a **5%** do existente em todo o Estado de São Paulo. A maioria dos leitos de internação estão localizados no Município de Campinas. A presença de hospitais universitários que oferecem tratamentos em diversas especialidades médicas faz com que o município seja referência estadual e nacional no tratamento de saúde.

Os investimentos que o setor público realiza na área de saúde são variáveis entre os municípios da região. O **mapa** apresenta o total de recursos per capita investidos em 2011^[24], sendo que a média da RMC foi de R\$ 599,17 e a média do Estado de São Paulo foi de R\$ 447,64^[24].



Saneamento básico na RMC

O **saneamento básico** consiste em um conjunto de elementos colocados à disposição da sociedade e que servem para proporcionar condições de higiene e saúde ao indivíduo em sua relação com o ambiente.

Exemplos de serviços realizados pelo saneamento básico:

- ✦ Abastecimento e tratamento de água;
- ✦ Coleta e tratamento de esgoto;
- ✦ Coleta e tratamento de resíduos em aterros sanitários;
- ✦ Coleta seletiva de materiais recicláveis;
- ✦ Limpeza de logradouros e espaços públicos; e
- ✦ Manutenção de galerias pluviais.



Estação de tratamento de esgoto em área industrial, Nova Odessa, SP. | Foto: Fábio Torresan.



Manutenção de vias públicas, Campinas, SP. Foto: Cristina Criscuolo.



Acúmulo de resíduos em corpo d'água, Campinas, SP. Foto: Cristina Criscuolo.



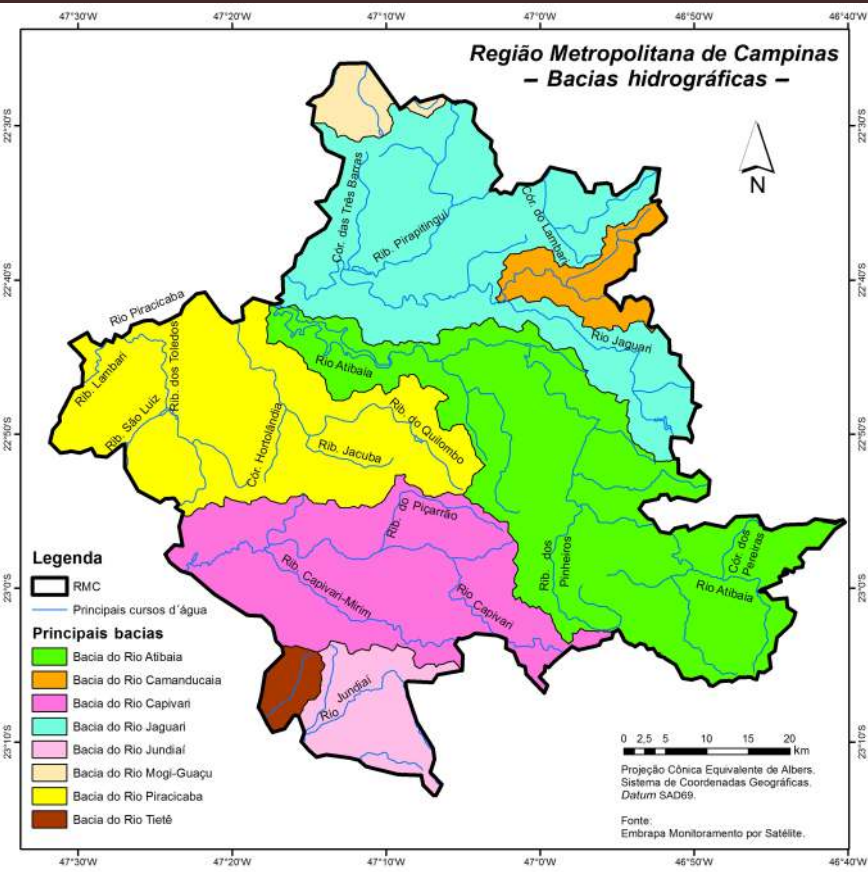
Manutenção nas estruturas de saneamento, Campinas, SP. | Foto: Cristina Criscuolo.

Os equipamentos que atendem o saneamento básico são essenciais para a sociedade. Para compreendermos ainda mais a importância desse setor, precisamos conhecer a rede de drenagem e as **bacias hidrográficas** regionais. A atuação integrada dos municípios é essencial, pois as águas dos rios não obedecem os limites municipais, e um resíduo gerado em um local, se não tiver o destino correto, poderá causar problemas ambientais em outros locais.

A maior parte dos municípios da RMC pertence ao Comitê de Bacias Hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá. Esse Comitê é formado por aproximadamente 70 municípios dos estados de São Paulo e de Minas Gerais e existe para orientar e integrar as ações que envolvem o uso dos recursos hídricos^[28].

Alguns dados sobre a RMC:

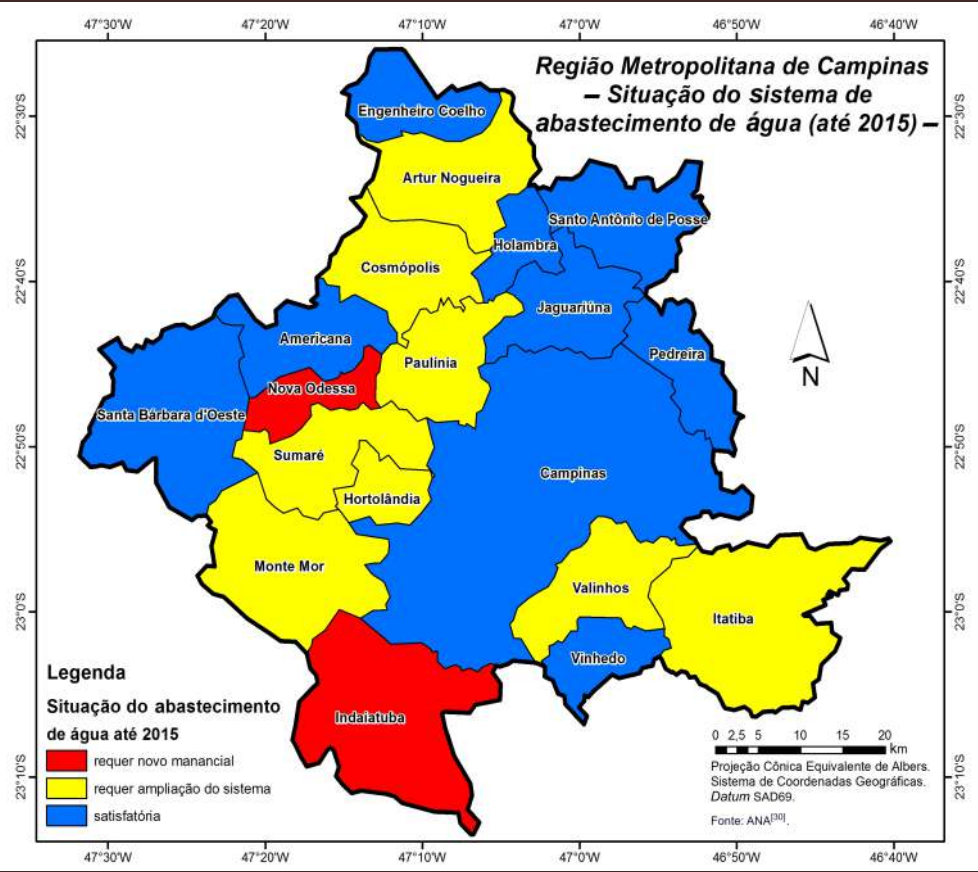
Cada município é responsável pela captação, tratamento e distribuição de água para seus habitantes e também pelo tratamento de esgoto e demais resíduos. Na região, **98%** dos domicílios particulares permanentes urbanos estão ligados à rede geral de abastecimento de água^[29].



Os principais mananciais utilizados para abastecimento na RMC são: Atibaia, Jaguari, Capivari, Capivari-Mirim e Piracicaba. Além dos rios, alguns municípios utilizam água subterrânea (poços), como Monte Mor, Vinhedo, Santo Antônio de Posse, Artur Nogueira, Holambra e Indaiatuba. Os rios Atibaia, Capivari e Jundiá contribuem também com 31 m³/s para o Sistema Cantareira, no abastecimento da Região Metropolitana de São Paulo^[30].

Até 2015, serão necessários investimentos para a manutenção adequada e para a ampliação dos sistemas de abastecimento regionais, de acordo com a oferta e a demanda pelo recurso, conforme mostra o **mapa**^[30].

Depois de utilizada para diversas finalidades, a água é escoada pelo sistema de esgoto. O destino mais apropriado para a água residual são as estações de tratamento. Na RMC, aproximadamente **87%** do esgoto sanitário é captado pelas redes de esgoto, no entanto somente **45%** é tratado^[31].

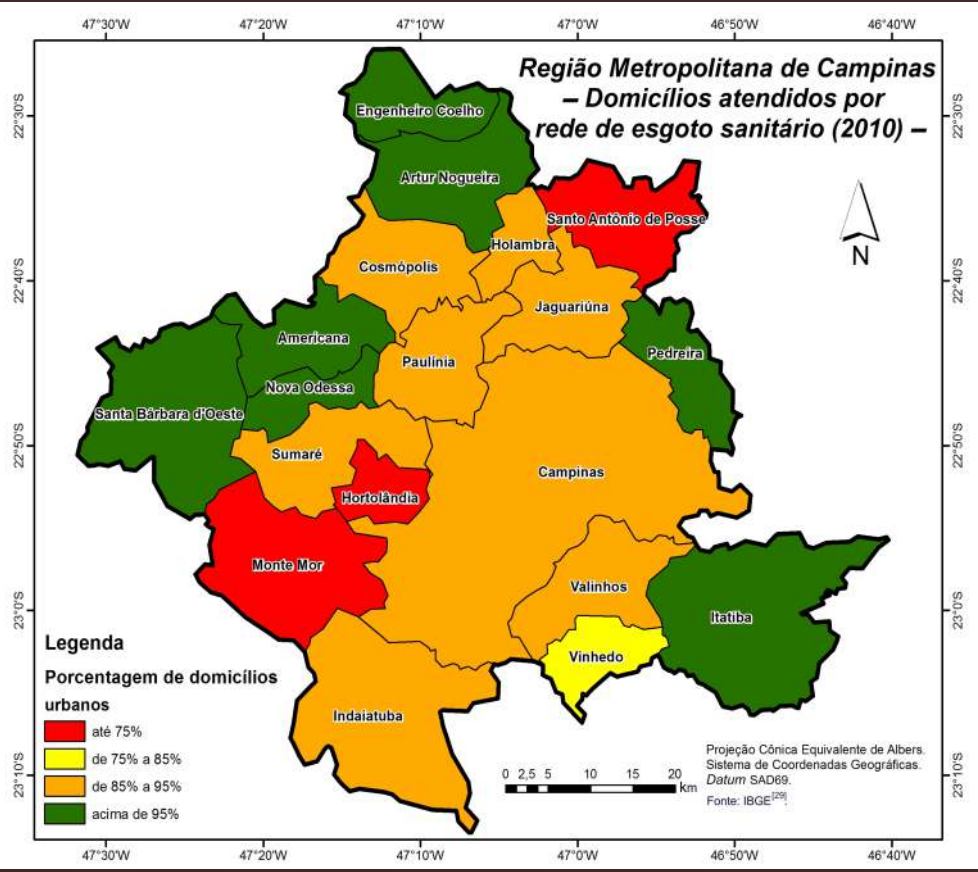


Nem todos os domicílios urbanos são atendidos pela rede de esgoto sanitário disponível nos municípios. Observe a proporção no **mapa**^[29].

Em regiões densamente urbanizadas, também há geração de resíduos sólidos em altas quantidades. Na RMC, **99,7%** dos domicílios particulares permanentes urbanos são atendidos por serviço regular de coleta de lixo^[29].

A taxa média de lixo coletado por dia na RMC é de 1.600 toneladas, o que representa aproximadamente 600 g/hab. ao dia^[32].

Depois de coletado, o lixo deve ser encaminhado para os aterros sanitários disponíveis na região, localizados nos municípios de Campinas, Paulínia e Indaiatuba. Nesse processo, a coleta seletiva nos domicílios e empresas deveria ser mais estimulada, para diminuir os resíduos na natureza e gerar renda para as cooperativas de reciclagem.



Economia na RMC

O desenvolvimento econômico de um país ou região pode ser analisado por seu desempenho nos seguintes setores:

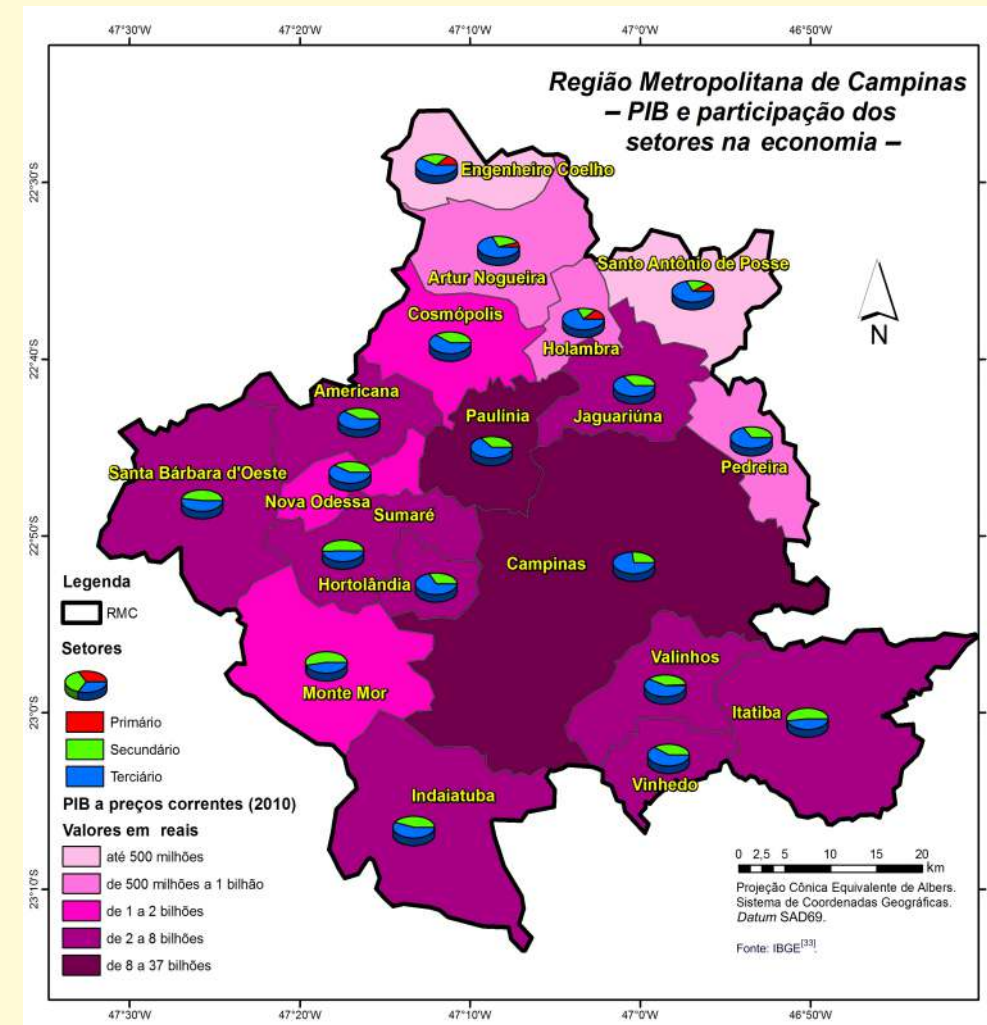
- ✦ **Primário:** relacionado à produção e exploração de produtos e recursos naturais, como agropecuária e extrativismo;
- ✦ **Secundário:** responsável pela transformação de matérias-primas em produtos industrializados, como equipamentos eletrônicos, máquinas, energia, roupas, móveis, materiais escolares, edifícios, eletrodomésticos, veículos, alimentos industrializados, brinquedos, entre outros; e
- ✦ **Terciário:** relacionado ao comércio e à prestação de serviços para atender às necessidades da sociedade, como segurança, educação, saúde, telecomunicações, bancos, transportes, restaurantes, turismo, etc.

Em 2010, o **Produto Interno Bruto (PIB)** da RMC foi de **98,5** bilhões de reais. O valor corresponde a **7,9%** da economia de todo o Estado de São Paulo e a **2,7%** do PIB nacional^[33]. No mesmo ano, a participação de cada setor da economia no PIB da RMC ocorreu da seguinte forma:

- 0,3%** proveniente do setor primário;
- 29,4%** provenientes do setor secundário; e
- 51,4%** provenientes do setor terciário.

Os **18,9%** restantes do PIB regional vieram dos impostos arrecadados nos setores. As porcentagens acima variam entre os municípios, como pode ser verificado no **mapa**.

O Município de Campinas tem o maior PIB da RMC e contribui com **37%** do total da economia regional. Os gráficos disponíveis no mapa nos mostram que:



✦ na maior parte dos municípios, sobressai o setor terciário, seguido pelo secundário e primário, em diferentes proporções; e

✦ em Itatiba, Monte Mor e Sumaré, o setor de maior participação foi o secundário, seguido pelo terciário e primário.

Alguns municípios têm uma importante fatia do PIB vinculada ao **setor primário**, como ocorre em Holambra, que tem uma expressiva produção de flores e plantas ornamentais. Em Artur Nogueira, Engenheiro Coelho e Santo Antônio de Posse, são destaques a produção de cana-de-açúcar e a citricultura. Se considerarmos que os itens produzidos pela indústria usam como base as matérias-primas e os recursos naturais, fica evidente a contribuição que o setor primário desempenha sobre a economia, por meio da industrialização, do turismo e de outras atividades.

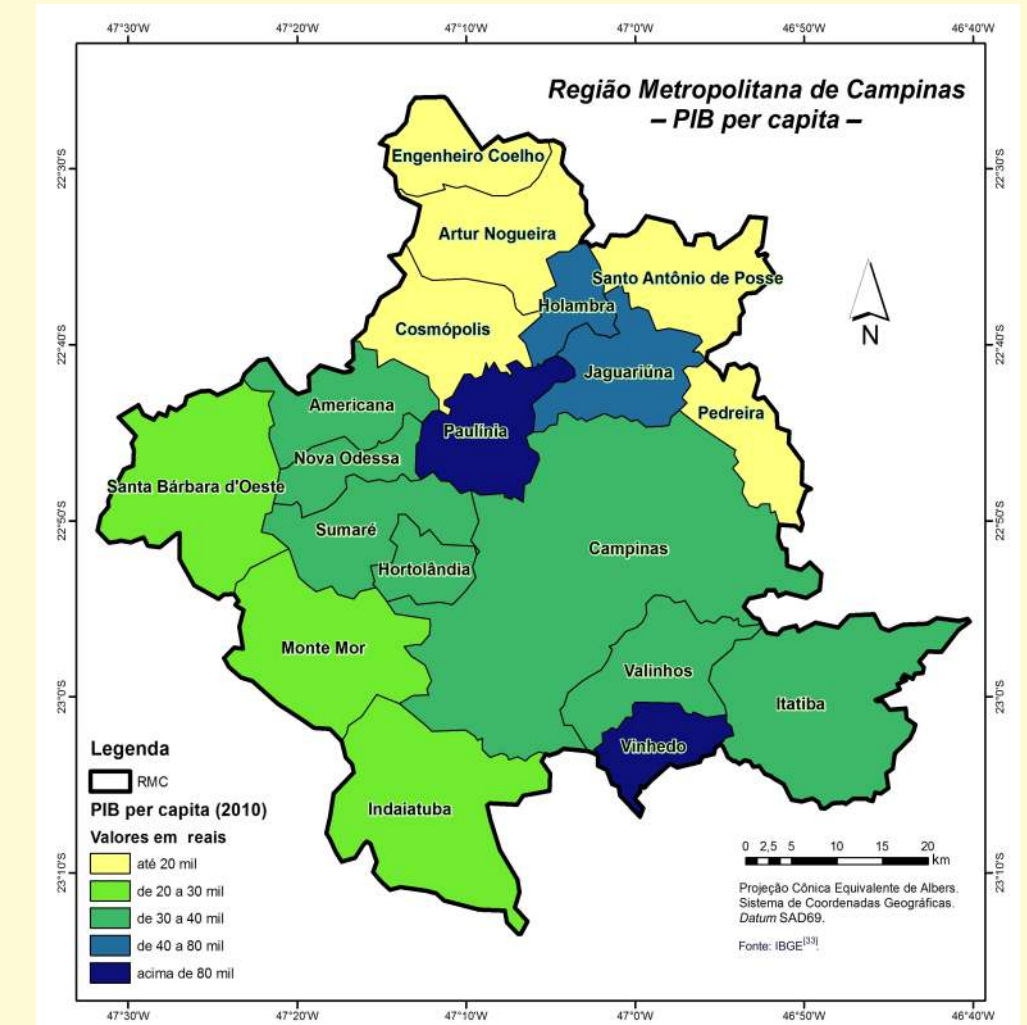
Quanto ao **setor secundário**, a RMC tem um parque industrial diversificado, onde têm destaque os segmentos de telecomunicações, eletrônica e informática, indústrias farmacêuticas, petroquímicas, alimentícias, automotivas, têxteis e metalúrgicas. Na RMC, existem grandes indústrias nacionais e multinacionais.

Devido ao dinamismo econômico e à concentração de população urbana, a RMC conta com uma ampla gama de opções em serviços prestados à sociedade e também com uma rede de comércio que atende consumidores tanto do atacado quanto do varejo. O **setor terciário** é o que mais contribui com o PIB da RMC, conforme tendência verificada em regiões com economia emergente.

Outro indicador utilizado em análises econômicas é o **Produto Interno Bruto per capita (PIB per capita)**. Esse indicador é obtido quando se divide o PIB pelo número total de habitantes de um determinado local em um determinado ano. O PIB per capita é utilizado em análises econômicas para avaliar como ocorre a distribuição da renda gerada em um local por sua população.

Em 2009, o PIB per capita médio da Região Metropolitana de Campinas foi de **35,2** mil reais, com variações locais, conforme representado no **mapa**^[33].

Nesse mesmo período, o Estado de São Paulo registrou PIB per capita de **30,2** mil e o Brasil, de **19** mil reais. Os municípios que



apresentaram maiores valores de PIB per capita na RMC foram Vinhedo, Paulínia e Jaguariúna, sendo que os dois primeiros ocuparam, respectivamente, a **20ª** e **23ª** posições na lista dos cem maiores PIBs per capita brasileiros^[34]. Por outro lado, alguns municípios apresentaram valores inferiores aos da média nacional.

Emprego na RMC

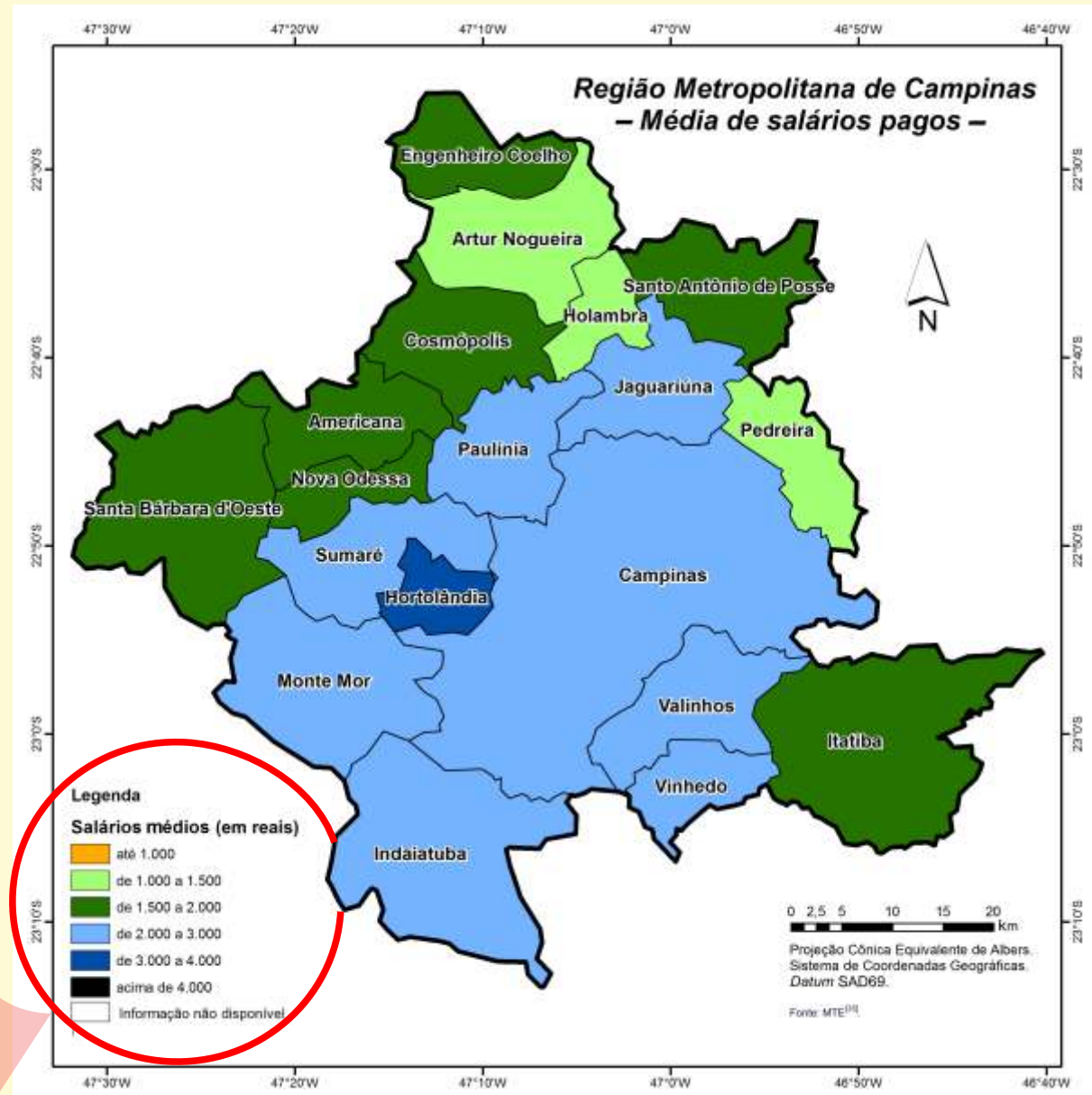
População Economicamente Ativa, ou PEA, corresponde ao conjunto de pessoas que estão dispostas e em faixa etária apta a exercer atividade econômica. Nesse total são incluídos: empregados, desempregados, empregadores, autônomos, voluntários e aprendizes.

Na RMC, o setor terciário foi o que mais empregou em 2011, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego^[35]. As exceções foram registradas no Município de Holambra, onde o maior número de empregos foi gerado no setor primário, e nos municípios de Monte Mor, Nova Odessa e Pedreira, onde o mesmo ocorreu com o setor industrial.

Quanto aos salários pagos aos trabalhadores, se considerarmos todos os setores da economia agrupados, os municípios de Hortolândia e Paulínia apresentaram os maiores valores médios para a RMC^[35]. Os resultados são diferentes entre os municípios, pois relacionam-se à base econômica adotada em cada um deles. Acompanhe pela tabela e pelo mapa ao lado.

Observe a variação de salários nos setores

Localidade	Agricultura, pecuária produção florestal, pesca e aquicultura	Indústria	Construção	Comércio atacadista e varejista	Serviços
Americana					
Artur Nogueira					
Campinas					
Cosmópolis					
Engenheiro Coelho					
Holambra					
Hortolândia					
Indaiatuba					
Itatiba					
Jaguariúna					
Monte Mor					
Nova Odessa					
Paulínia					
Pedreira					
Santa Bárbara d'Oeste					
Santo Antonio de Posse					
Sumaré					
Valinhos					
Vinhedo					



Segundo a Associação Comercial e Industrial de Campinas (Acic), em 2012, a região registrou **3,9%** de taxa de desemprego sobre a PEA, obtendo valores abaixo da média nacional, que foi de **4,9%**^[36].

No mês de novembro de 2012, a RMC tinha 898,2 mil trabalhadores com vínculo formal, assim distribuídos:

4,2%
setor primário



Produção agrícola: hortaliças.
Foto: Cristina Criscuolo.

35%
indústria e na construção civil



Indústria da construção civil.
Foto: Cristina Criscuolo.

60,8%
comércio e serviços



Comércio: panificadora.
Foto: Cristina Criscuolo.

O trabalho também é importante para compreendermos as alterações humanas sobre o ambiente. Se observarmos atentamente a paisagem, vamos encontrar elementos construídos em várias épocas que se sobrepõem, como resultado do trabalho realizado no tempo presente e no passado.

Observem os efeitos do trabalho sobre o ambiente ao longo do tempo:

FOTOGRAFIAS



Construção da Torre do Castelo, entre 1936 e 1940.
Foto: Acervo Histórico-Cultural da Sanasa.



Torre do Castelo em 2012.
Foto: Cristina Criscuolo.

FOTOGRAFIAS AÉREAS



1940



2008

Região próxima à Torre do Castelo.
Fotografias aéreas: Acervo da Prefeitura de Campinas.

Pesquisa, desenvolvimento e inovação na RMC

Existem profissionais aptos para:

- desenvolver novas tecnologias (materiais, processos, produtos ou ferramentas);
- aperfeiçoar as tecnologias que já existem e que podem ser melhoradas; e
- avançar no conhecimento científico, por meio de descobertas sobre determinado tema de interesse.

De acordo com sua atuação, esses profissionais são chamados de técnicos ou de cientistas e trabalham em centros de pesquisa, onde muito conhecimento pode ser gerado e também aperfeiçoado.

Diante de um problema ou de uma necessidade identificada pela sociedade, as instituições de pesquisa mobilizam-se para propor soluções amparadas por métodos científicos e baseadas em novas tecnologias.

Desde o século 19, a Região Metropolitana de Campinas contribui para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação no País. O marco inicial dessa história ocorreu associado à agricultura, com a criação do Instituto Agrônomo (IAC), em 1887^[37].

Na época de criação do IAC, o café era cultivado na região de Campinas e os agricultores precisavam solucionar os problemas encontrados nas lavouras. O próprio imperador D. Pedro II criou a então Estação Agrônoma de Campinas para contribuir com o avanço da agricultura como segmento econômico para o Brasil^[37].

Com o passar do tempo e interagindo com a história da região, as inovações dos centros de pesquisa foram voltadas também às atividades da indústria^[38].

Nessa transição da cafeicultura para a industrialização, foi necessário abastecer o mercado local com mão de obra especializada e, com isso, foram criadas as universidades e os centros de formação profissional^[38].

Quando o conhecimento gera uma tecnologia, um produto ou serviço que é efetivamente utilizado pela sociedade, ele passa a ser denominado de **inovação**. Vem daí a importância que as atividades de pesquisa exercem no mercado consumidor e na melhoria da qualidade de vida das pessoas, pois os resultados descobertos nos laboratórios são integrados à sociedade.

Por meio da inovação, a ciência passa a ser apropriada pela sociedade e a movimentar amplos setores da economia, desde a estrutura para que se instalem os institutos de pesquisa, universidades e recursos humanos, até a geração de emprego e renda para que as descobertas materializem-se e cheguem efetivamente ao usuário.

O Parque Tecnológico de Campinas é um projeto da Prefeitura de Campinas, da Universidade Estadual de Campinas e do Governo do Estado de São Paulo. Os parques tecnológicos, nos moldes do Ciatec, são criados para atrair investimentos e empresas provedoras de ciência, pesquisa e inovação. As empresas podem contar com recursos e incentivos governamentais para as pesquisas aplicadas ao mercado.

Embora especializada em **Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)** e em tecnologias voltadas à agropecuária, a RMC conta com centro de pesquisa e universidades que atuam em diversas áreas do conhecimento e investem em alta tecnologia.

Observe algumas inovações geradas pelos institutos de pesquisa localizados na RMC



Tecnologia para construção de telefone para deficientes auditivos. | Foto: Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações – CPqD.



Tecnologia nacional para fabricação de fibras ópticas. Foto: Inova, Unicamp.



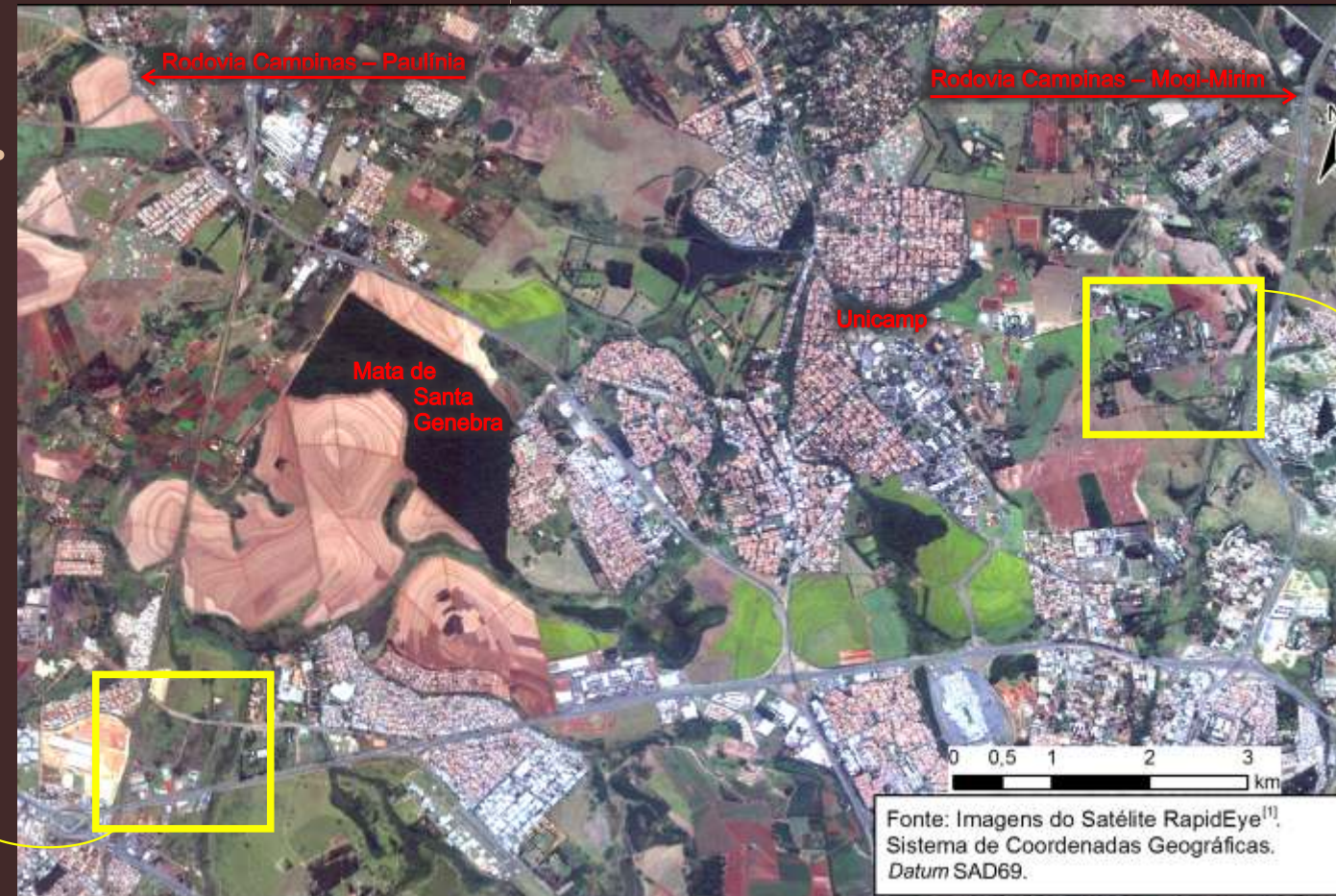
Novas variedades de produtos agropecuários, como o café Mundo Novo e o feijão Carioca. Fotos: IAC e Cristina Criscuolo.

A RMC agrega ambientes de inovação reconhecidos internacionalmente, como os polos geridos pela **Companhia de Desenvolvimento do Polo de Alta Tecnologia de Campinas (Ciatec)**, localizados próximos às rodovias SP-65 (D. Pedro I) e SP-340 (Adhemar P. de Barros).

Polo de Alta Tecnologia I



Imagens de satélite: WorldView^[19].



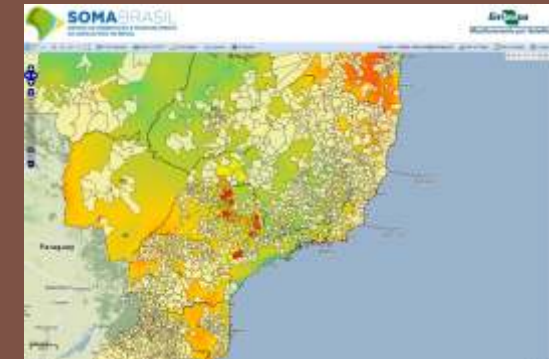
Polo de Alta Tecnologia II



Imagens de satélite: WorldView^[19].

Pesquisas em tecnologia da informação, meio ambiente e inovações geoespaciais para a agricultura desenvolvidas pelas Unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) localizadas na RMC.

Ao lado, o Sistema de Observação e Monitoramento da Agricultura no Brasil, disponível na internet, onde se observam as áreas de citricultura em 2003. Foto: Embrapa.



Características microscópicas dos materiais ajudam em pesquisas que vão desde novos remédios à exploração de petróleo no Pré-Sal. | Foto: LNLS Síncrotron.

Agropecuária na RMC



Ceasa, Campinas. | Foto: Cristina Rodrigues.



As **pastagens** ocorrem em toda RMC, mas predominam em sete municípios, onde são cultivadas para criação de animais de corte e leite e também para pousio. A crescente expansão urbana na região vem ocupando cada vez mais as áreas anteriormente destinadas a esse tipo de uso da terra, que ocorre com frequência em Campinas e em seus municípios limítrofes. | Foto: Cristina Criscuolo.



A atividade **canaveira** aparece como segunda maior componente na paisagem agrícola da RMC e predomina em oito municípios, com destaque para Santa Bárbara d'Oeste, com mais de 17 mil hectares cultivados.

Foto: Cristina Criscuolo.



A **terceira cultura de maior expressão** em termos de **área cultivada** é a **citricultura**, representada pela laranja, que ocorre nos municípios ao norte da RMC: Artur Nogueira e Engenheiro Coelho. Cada um deles tem mais de 4 mil hectares de laranjais plantados.

Foto: Cristina Criscuolo.

A agropecuária contribui diretamente para a economia regional ao fornecer produtos consumidos in natura ou matérias-primas que são processadas pelas indústrias, movimentando diversas cadeias produtivas.

Alguns fatores são fundamentais para que seja praticada:

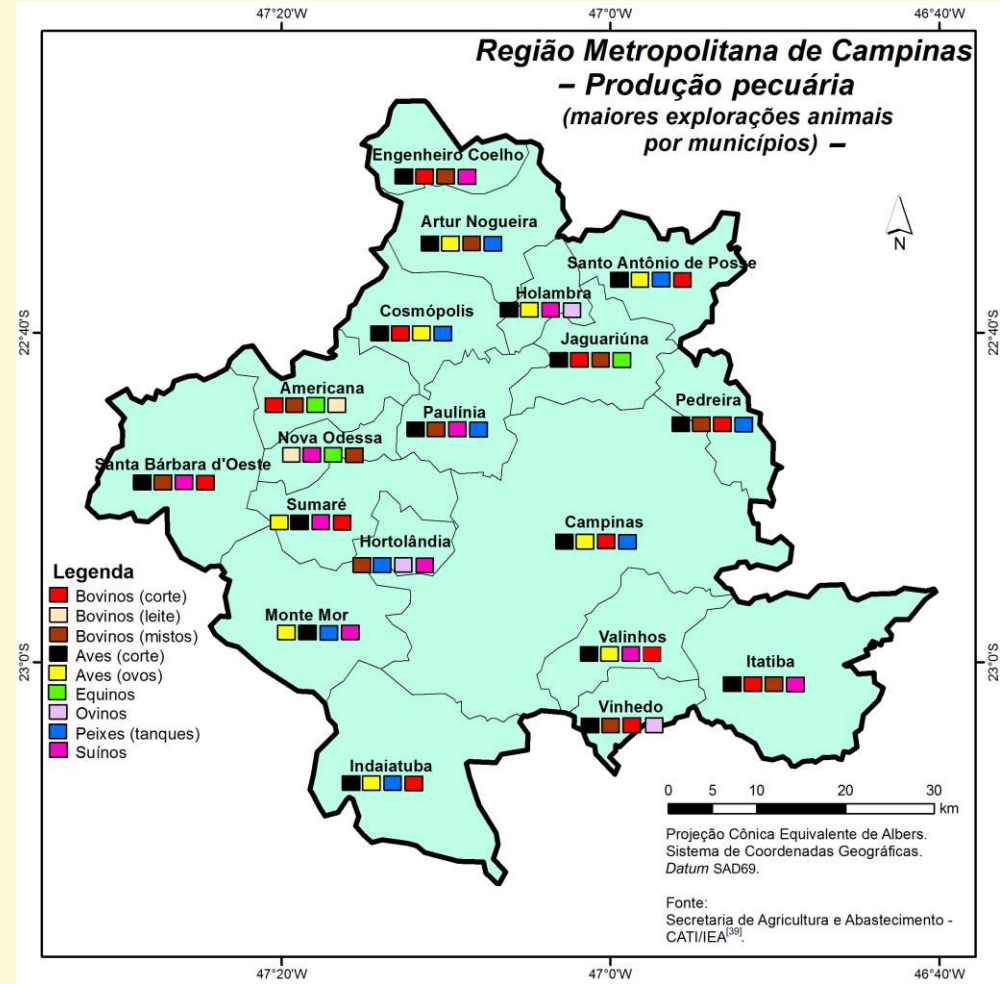
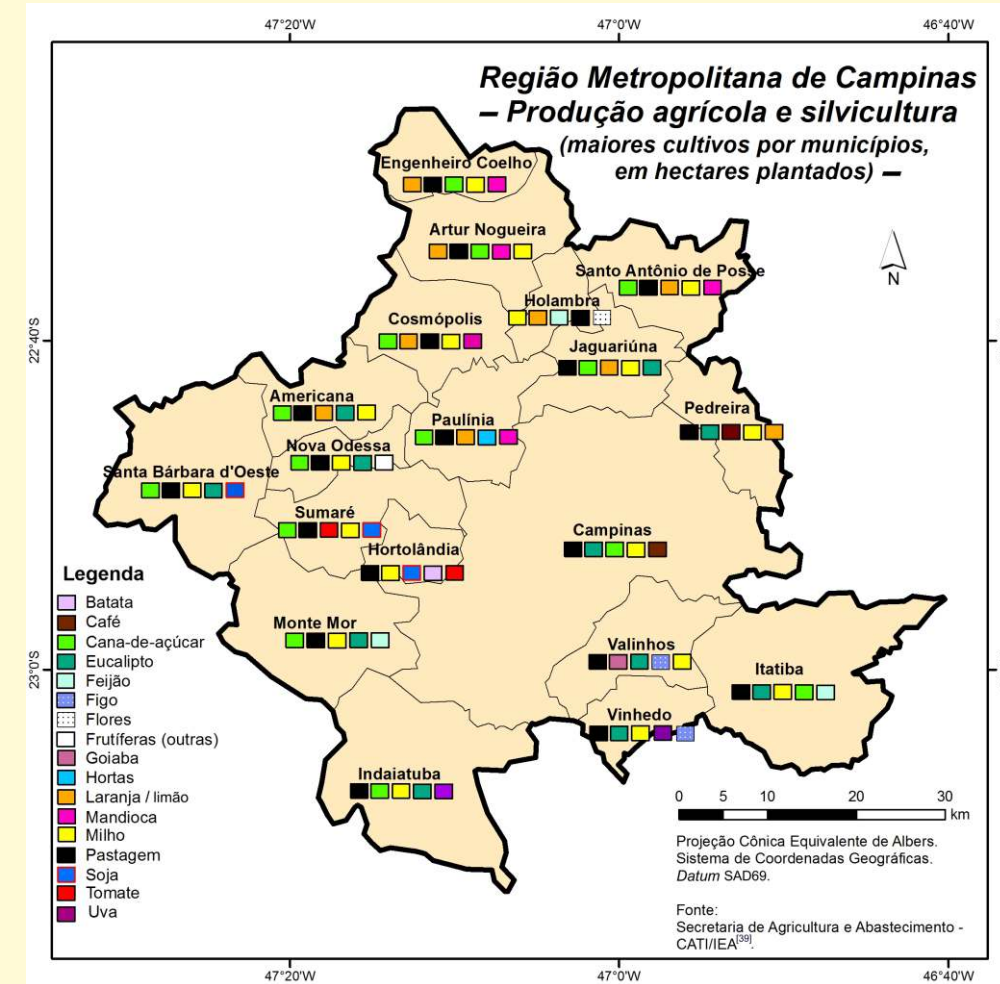
- ✦ adequação das culturas aos recursos naturais (solo, água, relevo e clima);
- ✦ equipamentos para o desenvolvimento da atividade e infraestrutura de transporte, formada por rodovias, ferrovias e aeroportos;
- ✦ localização estratégica e proximidade de mercado consumidor;
- ✦ existência de **centro de distribuição** dos produtos para atacado e varejo; e
- ✦ institutos de pesquisa e de assistência técnica especializados em agricultura.

Na RMC, em termos de **área cultivada**, predominam as pastagens, cana-de-açúcar e citricultura^[39]. Quanto à produção de animais, têm destaque as aves (tanto para corte quanto para ovos).

Se considerarmos a **história** como critério de análise para a definição dos principais produtos agropecuários e regionais, não podemos deixar de citar a cana-de-açúcar e, principalmente, a **cafeicultura**, em decorrência de sua importância para a formação dos municípios, territórios, das culturas e também para a acumulação de capital, que tornou possível o surgimento da industrialização na região.

A **produtividade** também pode ser utilizada como critério de importância. Neste caso, destacam-se os municípios da RMC que pertencem ao Circuito das Frutas (Indaiatuba, Itatiba, Valinhos e Vinhedo) e também o Município de Holambra^[39]. Os primeiros são importantes produtores de frutas de diversos tipos, principalmente goiaba, figo, pêssago, uva e caqui.

Nesses municípios, o turismo rural atua como promotor das atividades agropecuárias. Já Holambra possui ampla variedade de produtos, com destaque para as aves e a floricultura, que faz do município o maior produtor do País, com 360 hectares destinados ao cultivo de flores e plantas ornamentais.



Cafezal do IAC.
Foto: Cristina Criscuolo.



Produção de hortaliças.
Foto: Daniel Nicastro.



Cultivo de flores em larga escala.
Foto: André Furtado.



Criação de AVES.
Foto: Cristina Rodrigues.



Plantação de goiaba.
Foto: Carolina Marra.

Solos da RMC

Os **solos** são formados por elementos em diferentes fases ^[40]:

- ⊕ **fase sólida:** formada por matéria inorgânica ou orgânica. A matéria inorgânica é composta por minerais resultantes da decomposição das rochas e a matéria orgânica, por animais e vegetais vivos ou em decomposição no solo;
- ⊕ **fase líquida:** é composta pela água, sais minerais dissolvidos e matérias coloidais em suspensão; e
- ⊕ **fase gasosa:** corresponde aos elementos do ar alojados nas camadas do solo, que não são necessariamente iguais aos do ar disponível na atmosfera.

Na superfície terrestre, os solos se organizam em camadas denominadas de "horizontes". Eles interagem com os elementos do ambiente e com as atividades humanas realizadas em seu local de ocorrência. De acordo com a interação dos elementos que o compõem cada solo tem fertilidade diferente e maior aptidão para uso em determinadas atividades.

Conhecer o tipo de solo de uma região é fundamental para o sucesso das atividades humanas, por exemplo, para as atividades agrossilvipastoris, a implantação de obras, a definição do traçado de rodovias, a construção de indústrias, prédios, aterros sanitários, entre outros.

ARGISSOLOS

Na região, há predomínio de Argissolos Vermelho-Amarelos com susceptibilidade à erosão e graus variáveis de fertilidade. Esses solos geralmente são pobres de nutrientes, embora eventualmente possam ocorrer em áreas com ótima fertilidade natural.



Região dos distritos de Sosas e Joaquim Egídio, Município de Campinas, SP.
Foto: Célia Grego.

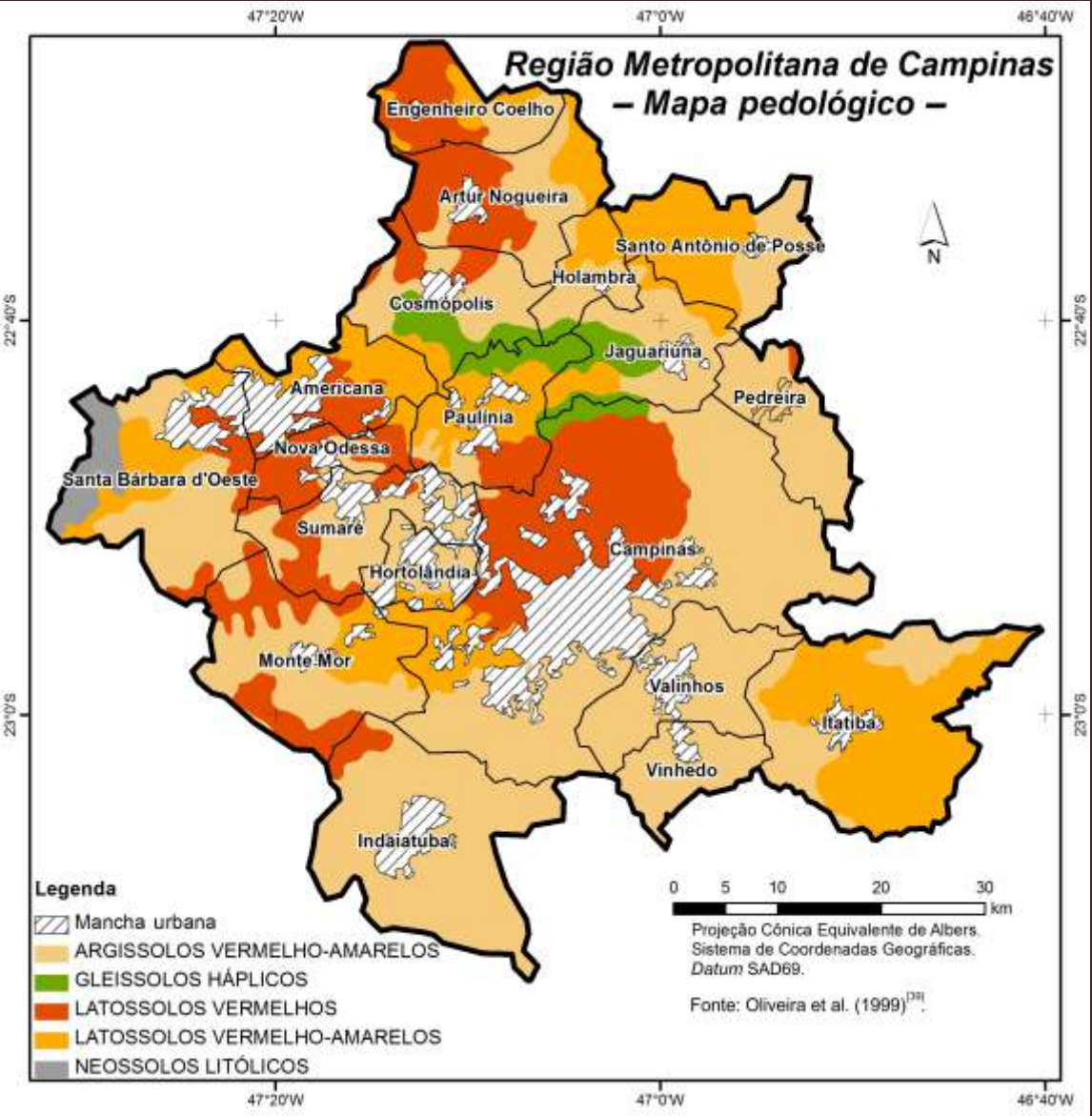
LATOSSOLOS VERMELHOS

São frequentes na região e apresentam baixa susceptibilidade à erosão e bom potencial para atividades agropecuárias.



Fazenda Santa Elisa, Instituto Agrônomo (IAC), Município de Campinas, SP.
Foto: Célia Grego.

Observe o **mapa** com os solos predominantes na Região Metropolitana de Campinas.



Classes de solos

Cor no mapa	Classes no 1º e 2º níveis categóricos (Ordem e subordem)	Principais características ^[42]
	Argissolos Vermelho-Amarelos	Solos com acumulação de argila em horizonte subsuperficial, bastante evoluídos e alterados em relação às rochas originais que os formaram. A característica marcante desse tipo de solo é o desenvolvimento da cor e da textura, de acordo com sua profundidade e quantidade de argila em sua constituição.
	Gleissolos Hápicos	Apresentam-se com forte manifestação de cores acinzentadas a partir dos 50 cm da superfície (horizonte glei). Uma característica marcante é a presença de material argiloso e muito argiloso, que passou por processos de oxidação e redução, em ambientes saturados por água ou mal drenados.
	Latossolos Vermelhos	Esse tipo de solo possui horizonte subsuperficial em cor vermelha (B Latossólico). Além da cor, outra característica marcante é a susceptibilidade magnética. Partículas desse solo são facilmente atraídas por um ímã. Isso acontece devido à presença de magnetita e hematita, que contêm óxido de ferro, com propriedades magnéticas. São solos argilosos ou muito argilosos, profundos, homogêneos, muito permeáveis e compostos por minerais que passaram pela atuação de agentes físicos e químicos, altamente transformados. A forte coloração faz com que seja muito difícil separar os horizontes a partir do critério de cor, o que pode ser conseguido em análises de laboratório. O material de origem é geralmente rocha do tipo vulcânica.
	Latossolos Vermelho-Amarelos	Apresentam cor alaranjada causada pelo amarelo do mineral chamado goethita, um óxido de ferro, presente em sua constituição. Podem apresentar textura de média a muito argilosa. São menos profundos que os Latossolos Vermelhos.
	Neossolos Litólicos	São solos jovens e muitas vezes cascalhentos, com horizonte superficial posicionado diretamente sobre rocha sã ou semidecomposta. Contêm minerais primários, são pouco profundos e pouco permeáveis.

Relevo da RMC

O **relevo** é resultante da ação dos processos ocorridos sobre a superfície da Terra ao longo do tempo geológico.

Os processos ocorrem a partir de duas grandes forças:

- ⊕ **endógenas**, assim chamadas pois resultam da dinâmica interna da Terra, e são as responsáveis por esculpir as formas de relevo;
- ⊕ **exógenas**, que modelam as formas de relevo e são resultantes da ação da gravidade na superfície terrestre e da interação das rochas com a energia solar, a água e o vento; podem ser consideradas, ainda, a influência do homem no modelado dessa superfície^[43].

Na RMC, dentro da unidade da Depressão Periférica, predominam as formas de relevo do tipo colinas amplas e médias com topos aplainados, altitudes entre 500 m e 600 m e declividades de baixa a média. Na unidade do Planalto Atlântico, são expressivas as formas de relevo do tipo morros, morrotes e serras com topos arredondados e angulosos, com altitudes de 600 m a mais de 1.000 m e declividade de média a alta^[44].

As atividades humanas interagem com o ambiente na formação das paisagens regionais. A compreensão das formas de relevo nos oferece subsídios para reconstruirmos a história da ocupação de uma região e analisarmos a adequação das atividades humanas no território.

Na Região Metropolitana de Campinas, os principais tipos/unidades de relevo encontrados são:

Unidade morfoescultural
Planalto Atlântico



Planalto de Jundiá.
Foto: Fabio Torresan.



Planalto de Serra Negra/Lindóia.
Foto: Flávia Fiorini.

Unidade morfoescultural
Depressão Periférica Paulista

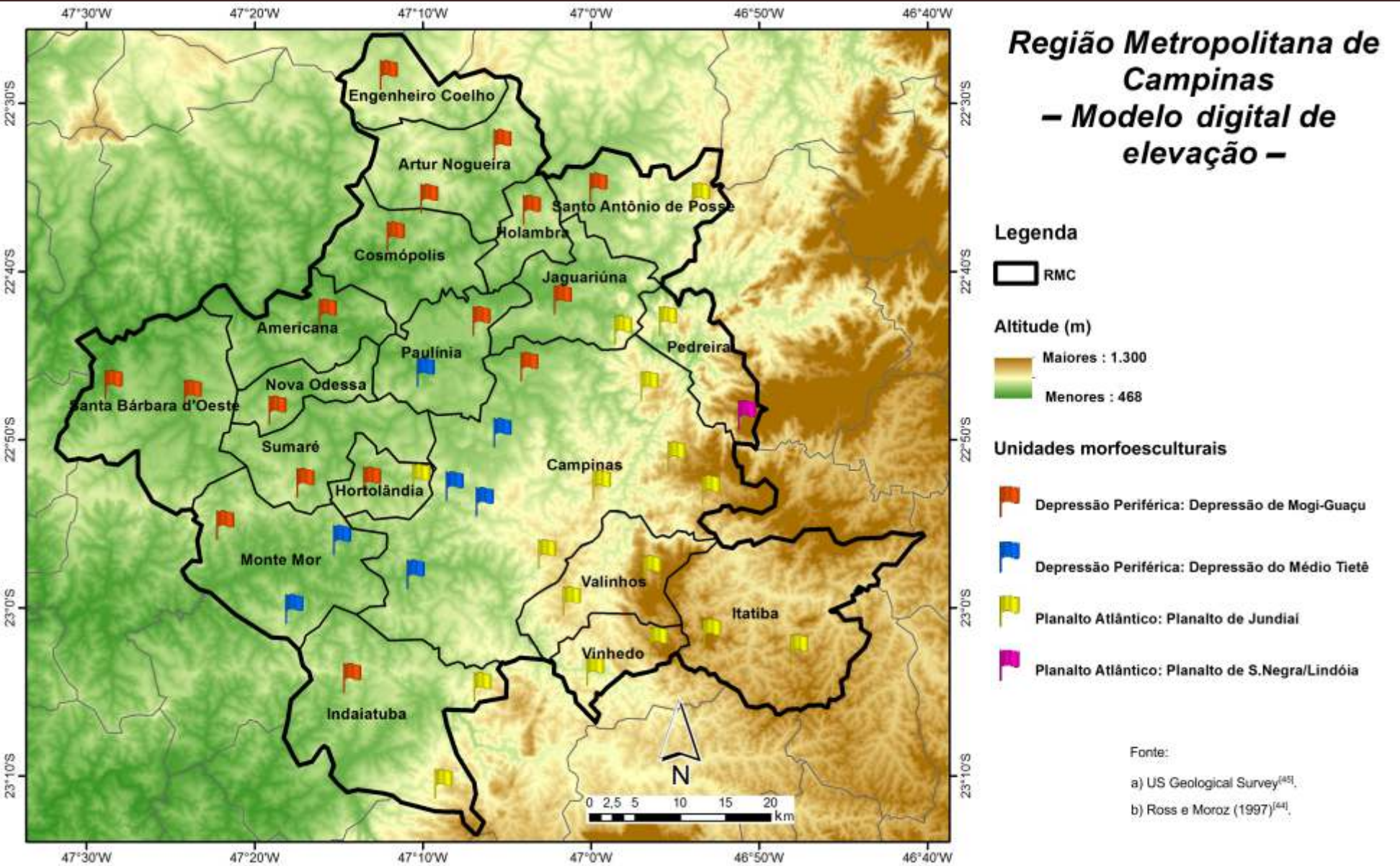


Depressão de Mogi-Guaçu.
Foto: Cristina Rodrigues.



Depressão do Médio Tietê.
Foto: Cristina Rodrigues.

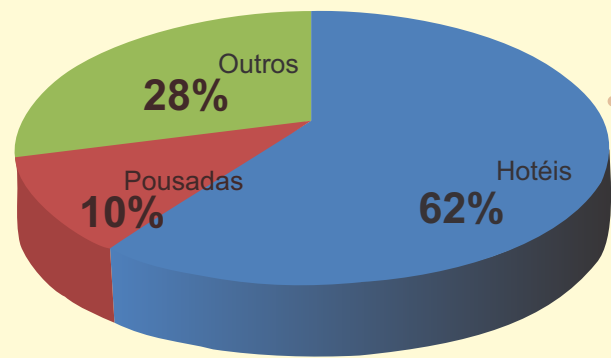
Conheça o relevo da RMC a partir do modelo digital de elevação (MDE), que representa espacialmente as **variações de altitude** em uma área.



Turismo na RMC

Segundo a Secretaria Estadual de Turismo, Campinas é um dos destinos mais procurados no Estado de São Paulo, por ser um centro de turismo de negócios. A Região Metropolitana de Campinas também tem atrativos naturais e culturais, infraestrutura, facilidade de meios de transporte e está próxima dos grandes centros

populacionais. Além do turismo de negócios, seis municípios da RMC estão integrados aos circuitos turísticos do estado (Indaiatuba, Itatiba, Valinhos, Vinhedo, Jaguariúna e Pedreira) e Holambra é considerada estância turística^[46].



Fonte: IBGE^[47].

Em 2011, o Município de Campinas tinha capacidade para atender simultaneamente **13.600** hóspedes, em mais de **5.400** unidades habitacionais, em **100** estabelecimentos^[47].

A atividade turística na RMC poderá crescer ainda mais nos próximos anos, se houver maior investimento em políticas públicas, infraestrutura de recepção e valorização dos atrativos regionais. O turismo é uma importante atividade econômica, pois contribui para a geração e circulação de riquezas e também pode induzir a conservação da natureza e de elementos culturais.

Além de receber visitantes de diversas partes do País, a RMC é também um polo emissor de turistas, característica favorecida, entre outros, pela presença do Aeroporto Internacional de Viracopos.



Evento de inovação tecnológica. | Foto: Graziella Galinari.

Turismo de negócios e eventos

Ocorre a partir de encontros de interesse profissional, comercial ou mesmo científico, quando são organizadas reuniões, visitas, missões e eventos de várias naturezas, que envolvem relacionamentos de trabalho e atraem a participação de visitantes, tanto nacionais quanto estrangeiros. Com a importância das empresas e institutos de pesquisa sediados na RMC, fica fácil entender porque o turismo de negócios e eventos é tão expressivo regionalmente.



Curso de geotecnologias na Embrapa Monitoramento por Satélite, Campinas, SP. | Foto: Carolina Marra.

Turismo de estudos e intercâmbio

É o turismo impulsionado por atividades e programas de aprendizagem disponíveis na região, tais como cursos e treinamentos formais e não formais. Nessa categoria enquadram-se as pessoas que buscam ampliar sua qualificação, seu conhecimento e seu desenvolvimento pessoal e profissional em escolas, universidades e institutos de pesquisa localizados na RMC.

Turismo cultural

Nesta modalidade estão incluídos os visitantes que querem conhecer, contemplar e vivenciar experiências que revelam um pouco da memória, da identidade de populações e comunidades regionais. A existência de rica história, que contempla a formação do território paulista e a presença de imigrantes de diversas nacionalidades e de seus descendentes são atrativos para esta modalidade de turismo praticado regionalmente. Estão incluídos nesta categoria eventos cívicos, religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, gastronômicos, exposições e feiras.



Passeio de Maria Fumaça. Campinas, SP. Foto: Luiz Alves Brigido Maia.

Turismo rural

São as atividades de turismo que contribuem para promover e resgatar o patrimônio cultural e natural do meio rural, responsáveis por agregar valor aos produtos e serviços associados à produção agropecuária desenvolvida por uma comunidade. Entre as atividades estão a visitação de propriedades, os estudos do meio, a recreação e o entretenimento realizados no meio rural. Na RMC, diversos municípios beneficiam-se desta modalidade.



Produtos Coloniais. Valinhos, SP. Foto: Alexandre Mendeleck.



Resort, Itatiba, SP. | Foto: Celia Grego.

Turismo de saúde

Engloba as atividades e os serviços realizados com fins medicinais, terapêuticos ou estéticos e utiliza os serviços e estruturas disponíveis na RMC. Além de Campinas, destacam-se os municípios de Jaguariúna e Pedreira, que integram o **Circuito das Águas Paulista** por localizarem-se em região com abundância e qualidade desse recurso hídrico, além de terem clima ameno, vales bucólicos e atrativos que são procurados por visitantes interessados em realizar atividades relacionadas à melhoria do bem-estar.



Paraquedistas. Campinas, SP. | Foto: Luciane Dourado.

Turismo de aventura

Impulsionado pela prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo. As atividades devem minimizar os impactos negativos ao ambiente e promover o respeito aos valores das comunidades.

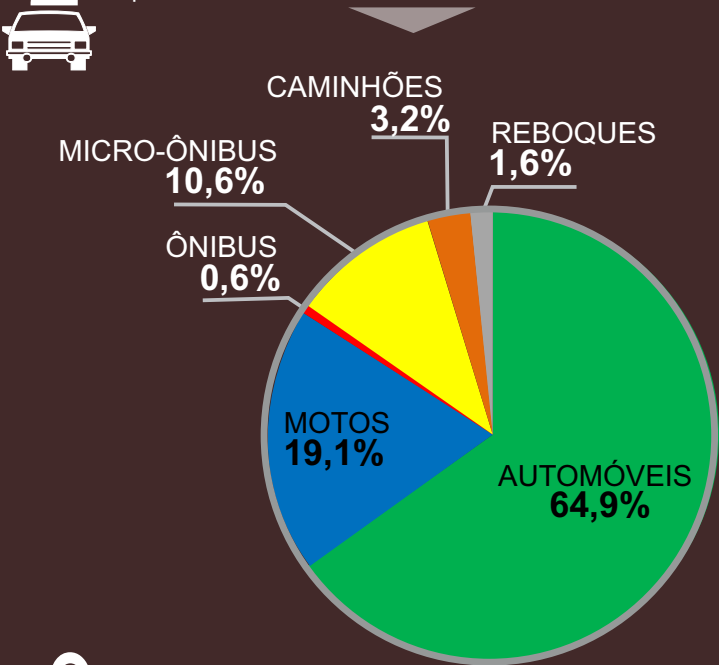
Fonte: Brizolla (2013.)^[48].

Além dessas modalidades, também são praticadas atividades de turismo de esporte e ecoturismo.

Meios de transporte na RMC

A Região Metropolitana de Campinas é um entroncamento modal estratégico do Estado de São Paulo. A seguir, são apresentados os principais meios de transportes utilizados na região.

2 **VEÍCULOS PARTICULARES**
A RMC possui **1,7 milhões** de veículos distribuídos conforme o gráfico abaixo. Os veículos da RMC correspondem a **7,9%** do total disponível no Estado de São Paulo^[51].



3 **ÔNIBUS URBANOS INTERMUNICIPAIS**
Todos os municípios da região são atendidos por linhas de ônibus que operam localmente e também realizam a interligação entre os municípios da RMC. No mapa, estão representados os principais deslocamentos diários^[52].

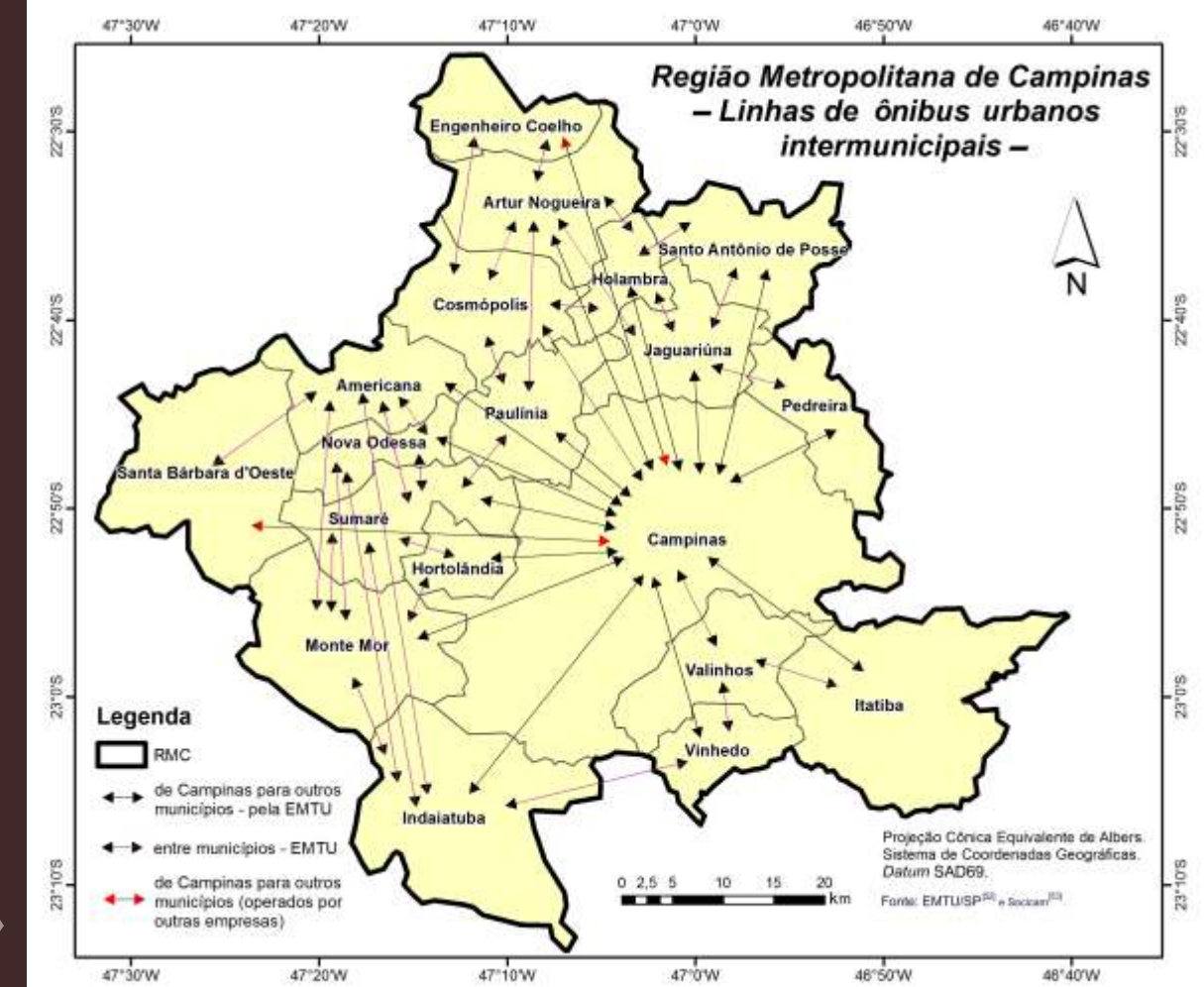
1 **TRANSPORTE AÉREO NACIONAL E INTERNACIONAL**
Localizado na RMC, o Aeroporto Internacional de Campinas (Viracopos) é um dos mais importantes do País em termos de movimento operacional. Além de passageiros, também opera com transporte de cargas para o Brasil e para o exterior. Com os dados é possível analisar o movimento de Viracopos em duas datas (2007 e 2012) e a importância que o aeroporto tem em relação ao Estado de São Paulo e ao Brasil^[49].

Principais produtos^[50]

Importados: metal mecânico, automotivos, telecomunicações, informática, químicos, aeronáuticos, eletroeletrônicos, farmacêuticos, papéis e embalagens.

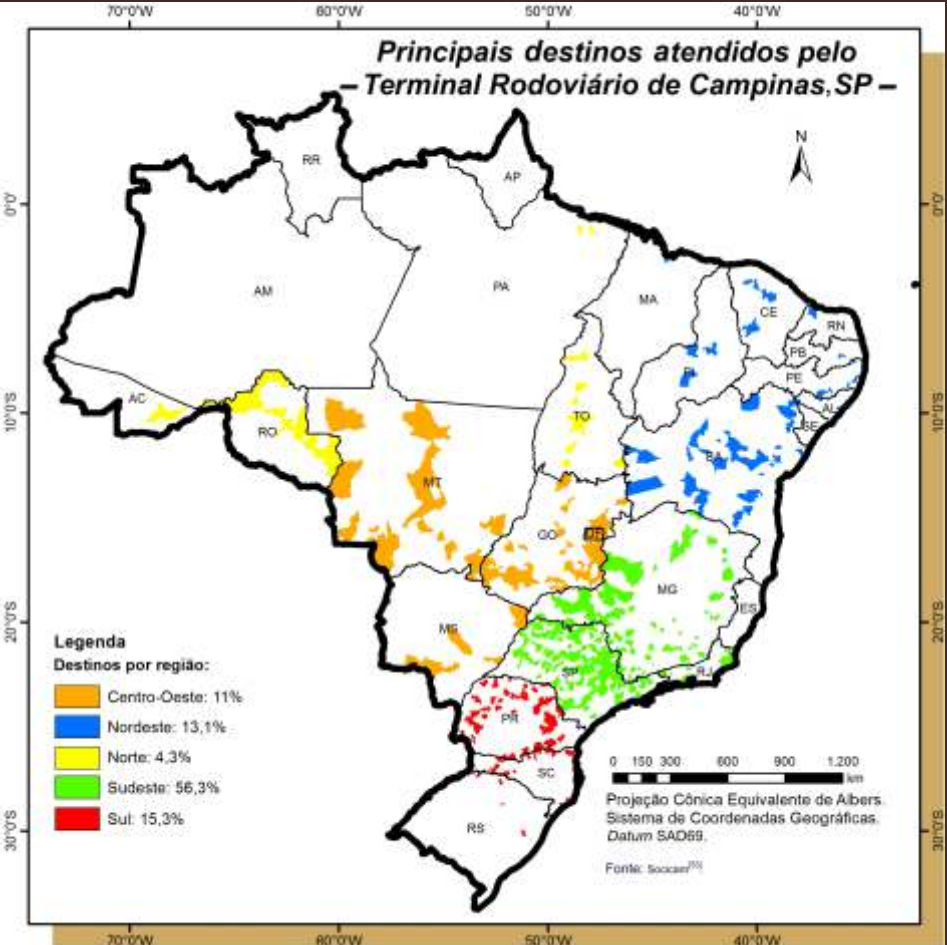
Exportados: automotivos, metal mecânico, telecomunicações, calçados, bolsas, cintos, perecíveis, farmacêuticos, informática, papéis e embalagens e eletroeletrônicos.

TRANSPORTE DE PASSAGEIROS		
	2007	2012
	1 milhão de passageiros, sendo 99,7% em destinos nacionais e 0,3% em destinos internacionais	8,8 milhões de passageiros, sendo 99,1% em destinos nacionais e 0,9% em destinos internacionais
O que representou:	SP: 2,8 % • 3º colocado BRASIL: 0,9% • 19º colocado	O que representou: SP: 15% • 3º colocado BRASIL: 4,6% • 7º colocado



TRANSPORTE DE CARGAS		
	2007	2012
	238 milhões de toneladas de cargas, sendo 4,1% em destinos nacionais e 95,9% em destinos internacionais (importação e exportação)	246 milhões de toneladas de cargas, sendo 1,3% em destinos nacionais e 98,7% em destinos internacionais (importação e exportação)
O que representou:	SP: 34,1% • 2º colocado BRASIL: 18% • 5º colocado	O que representou: SP: 31,5 % • 2º colocado BRASIL: 17,1% • 2º colocado

4 **ÔNIBUS INTERMUNICIPAIS E INTERESTADUAIS**
O Terminal Rodoviário de Campinas atende regularmente mais de 500 destinos em todo o Brasil, ou seja, aproximadamente **9%** dos municípios nacionais^[53]. No mapa, podemos identificar as principais conexões de transportes terrestres e os deslocamentos populacionais que ocorrem entre a RMC e as demais localidades do País.



5 **TRANSPORTE FERROVIÁRIO**
A malha ferroviária que passa na região é principalmente utilizada para transportar cargas. O percurso atual das estradas de ferro necessita de modernização para atuar de forma mais competitiva em relação às outras modalidades de transporte disponíveis. Esse é um problema que ocorre em outros locais do território nacional.

Na RMC, existe a expectativa de implantação do projeto do trem de alta velocidade. A construção do Terminal Multimodal Ramos de Azevedo, no Município de Campinas, foi realizada já prevendo a integração das diversas formas de transportes que poderão ser oferecidas para a população no futuro.

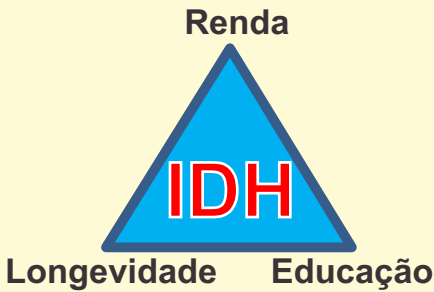


Desenvolvimento humano na RMC

Os avanços na ciência resultaram em melhorias nas condições de vida e na saúde da população, mas, nem sempre, a ciência consegue satisfazer todos os interesses da sociedade. O que é importante para uma pessoa ou comunidade pode não ter a mesma relevância para outra.

Na sociedade moderna, o padrão econômico associado à capacidade de consumo passou, em muitos casos, a ser referência para a satisfação plena das necessidades humanas. Entretanto, a qualidade de vida de uma população não se resume unicamente ao seu poder aquisitivo. Ela deve ser avaliada pelo conjunto de elementos que são colocados à disposição de uma comunidade ou de um indivíduo e que possam, ao mesmo tempo, satisfazer suas necessidades básicas e também despertar suas potencialidades.

A análise da qualidade de vida passa, portanto, por aspectos bem amplos. Para fundamentar o debate e a busca por melhores padrões de desenvolvimento, utiliza-se o **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)**, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU)^[55]. Com o IDH, é possível estabelecer um parâmetro de comparação entre os países com base na avaliação de três grandes dimensões do desenvolvimento humano:



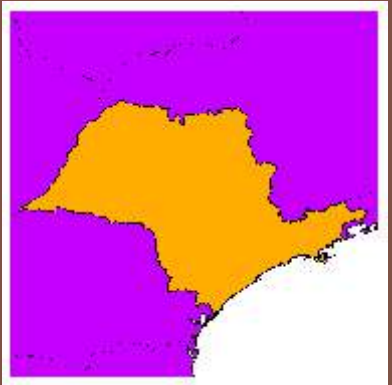
O acompanhamento das dimensões do IDH e de seus reflexos sobre a população também pode ser realizado entre os estados e entre os municípios de um país. Para isso, a ONU também criou o **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal**, ou IDH-M. Esse índice é obtido a partir dos resultados dos censos demográficos oficiais, que, no Brasil, ocorrem a cada dez anos e são elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dados do IDH-M de 2010

BRASIL: 0,727^[55]



SP: 0,783^[22]



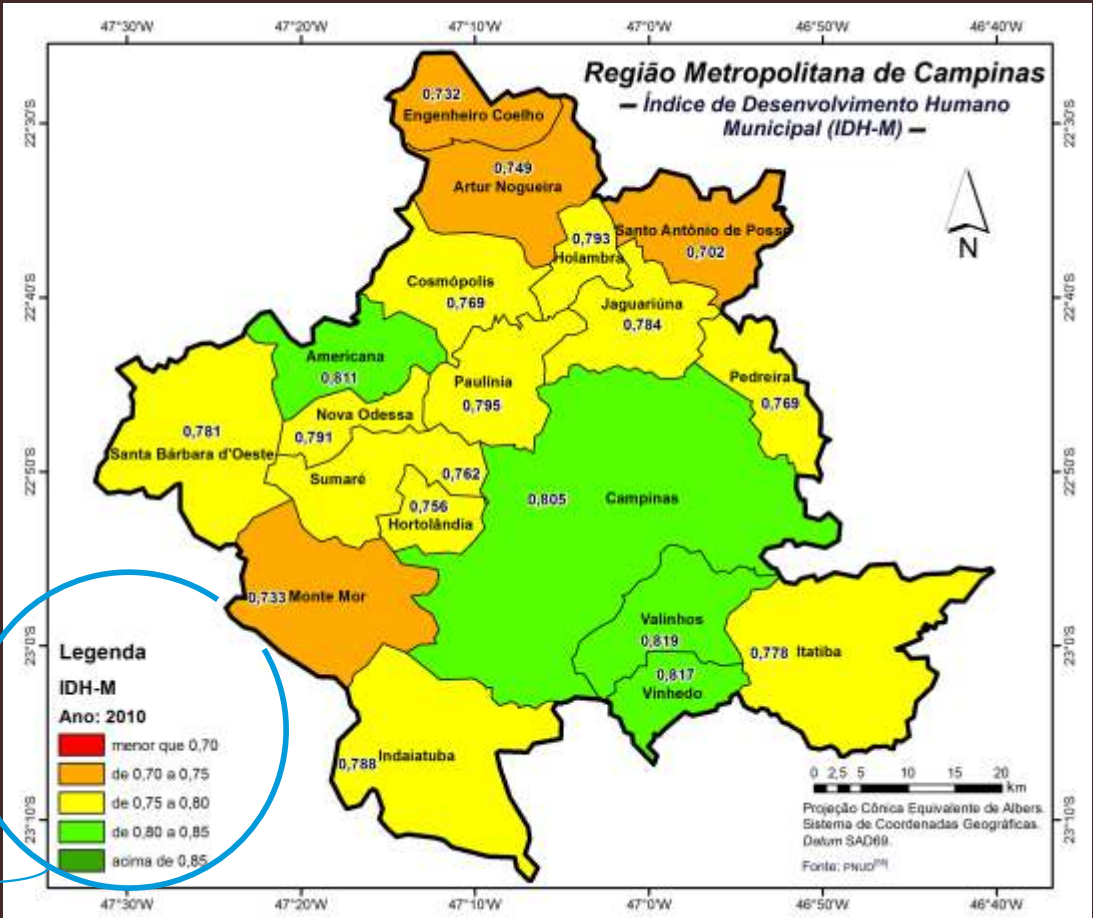
IDH DA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

Para interpretarmos o IDH, quanto mais próximo de:

- 0 = desempenho ruim e
- 1 = desempenho ótimo

Pelo **mapa** é possível observar o IDH-M da Região Metropolitana de Campinas para o ano 2010.

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)									
IDH-M / Município	IDH-M Renda			IDH-M Longevidade			IDH-M Educação		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Americana									
Artur Nogueira									
Campinas									
Cosmópolis									
Engenheiro Coelho									
Holambra									
Hortolândia									
Indaiatuba									
Itatiba									
Jaguariúna									
Monte Mor									
Nova Odessa									
Paulínia									
Pedreira									
Santa Bárbara d'Oeste									
Santo Antônio de Posse									
Sumaré									
Valinhos									
Vinhedo									



Em 2012, o Brasil ficou com a 85ª posição (de um total de 186 países avaliados), com o IDH de **0,730**.

Outros elementos devem ser levados em consideração para que um indivíduo alcance níveis elevados de qualidade de vida, por exemplo:



É importante assegurar que ele não sofra nenhum tipo de discriminação;



Que ele tenha condições mínimas de existência e dignidade junto ao seu grupo, tendo acesso à habitação e aos equipamento de saúde, higiene, segurança, lazer e educação;



Que tenha oportunidade para praticar uma modalidade esportiva que melhor lhe convier;



Que ele viva em comunidade e participe ativamente de manifestações culturais; e



Que receba incentivo para conhecer o lugar onde habita e consiga entender seus arranjos, sentindo-se nele integrado e corresponsável por ele.



Capítulo II

A Região Metropolitana de Campinas e seus municípios



Estação Ferroviária de Campinas.
Foto: Cristina Rodrigues.

A paisagem da RMC

Os elementos que formam a paisagem estão em constante alteração. Eles são resultantes da ação da natureza e dos homens ao longo do tempo.

É interessante saber que alguns elementos ainda permanecem gravados na paisagem, herança de tempos ocorridos no passado.

Pela clássica definição de Milton Santos^[56],

Paisagem “(...) pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.”

Nas próximas páginas, serão relatados aspectos sobre a formação de cada um dos municípios que compõem a Região Metropolitana de Campinas. As informações foram organizadas para incentivar nossa habilidade de observar e interpretar a paisagem de forma crítica.

A **Estação Ferroviária de Campinas** está localizada no centro da cidade.

Ela é bem diferente em relação aos prédios existentes no entorno.

- ✦ Por que a estação está situada nesse local?
- ✦ Quando foi construída?
- ✦ Como era o município naquela época?
- ✦ Quem eram os habitantes de Campinas?
- ✦ Qual era a base econômica da região?

O que mudou na cidade desde aquela época até o presente?

Americana

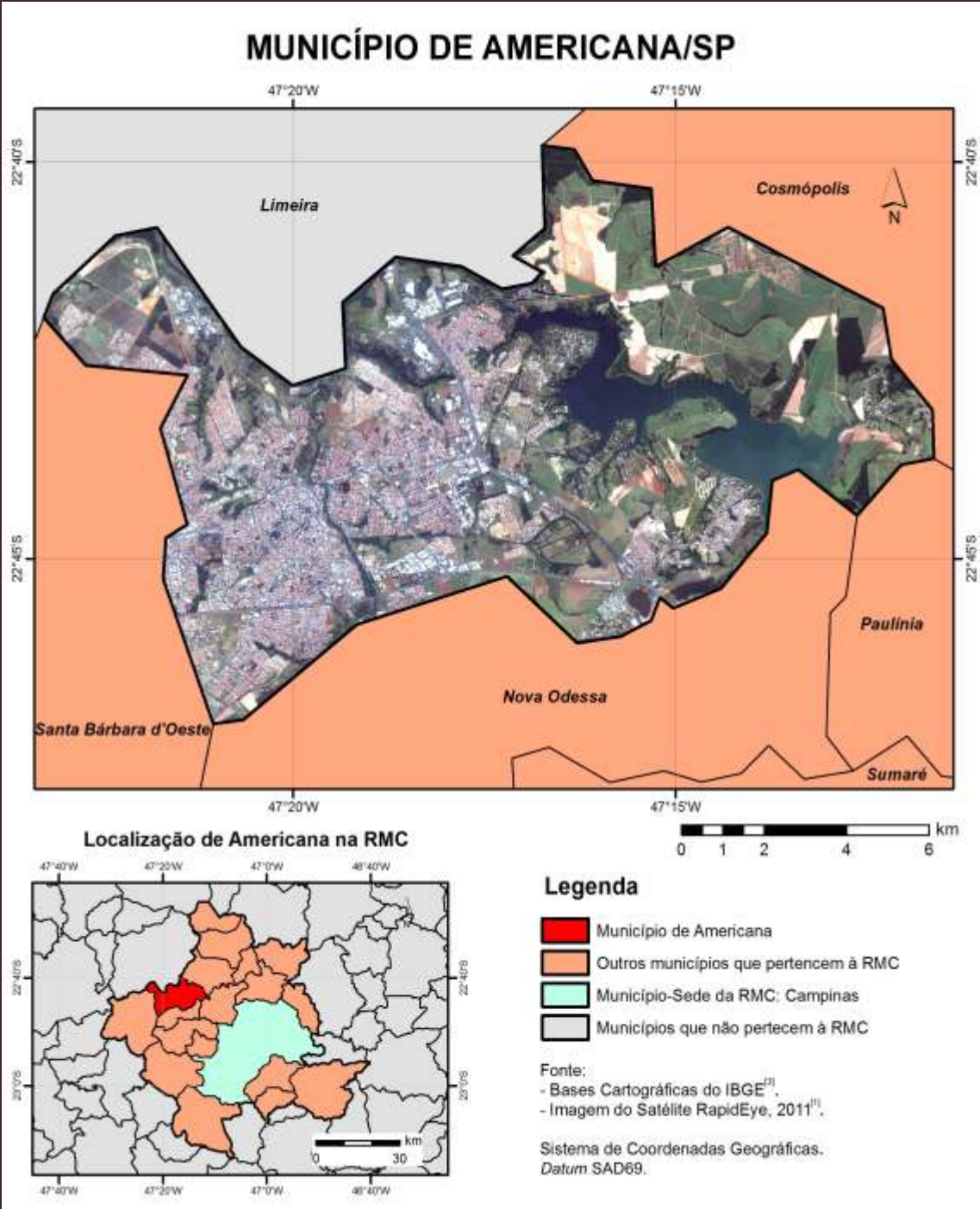
Histórico

O início da colonização do território hoje ocupado pelo Município de Americana ocorreu no século 18, associado ao cultivo da cana-de-açúcar. Em 1875, com o estabelecimento da cafeicultura na região e com a chegada da ferrovia, fortaleceu-se o povoado ao redor da estação férrea de Santa Bárbara d’Oeste^[57]. Nessa época, a região recebeu contingente de imigrantes vindos dos Estados Unidos logo após o término da Guerra Civil Americana. Esses imigrantes vieram para o Brasil com incentivo do governo brasileiro e difundiram técnicas agrícolas associadas ao cultivo de algodão e de melancia^[57].

A Fazenda Machadinha, como era conhecida a região, passou a chamar-se Vila Americana e continuou a receber povos imigrantes de diversas localidades, principalmente italianos, ucranianos, alemães e russos, que se somaram aos americanos, luso e afro-brasileiros^[58]. A vila começou a crescer no entorno da estação férrea em pleno ciclo do café e foi impulsionada pela abertura da Fábrica de Tecidos Carioba^[57]. A fábrica foi instalada às margens do Rio Quilombo e utilizava a água como força motriz e o algodão produzido regionalmente como matéria-prima. A Carioba foi um marco na história de Americana por representar o elemento indutor da atividade econômica que seria realizada no município desde suas origens até os dias de hoje: a fabricação de tecidos. Em 1896, a fábrica foi fechada, porém reaberta em 1901, contribuindo mais uma vez para o crescimento da atividade fabril regional.

Área: 133,93 km²^[58]
Altitude: 545 m^[60]
Gentílico: americanense^[58]

Coordenadas^[61]
Latitude: 22° 44’ 20” S
Longitude: 47° 19’ 52” W



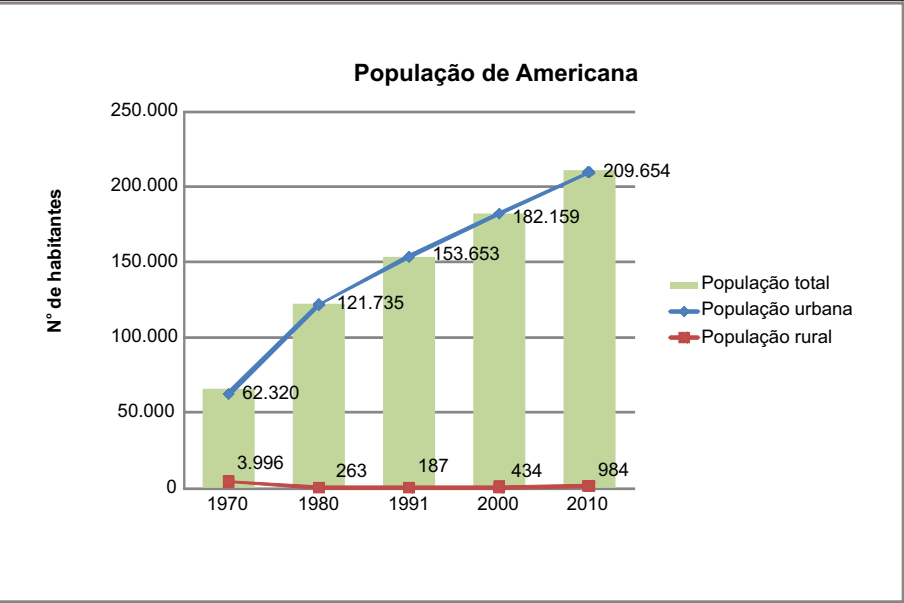
Antiga Fábrica de Tecidos Carioba.
Atualmente ocupada com galpões de pequenas tecelagens. | Foto: Cristina Crisculo.



Matriz de Santo Antônio.
Construída por imigrantes italianos e seus descendentes. | Foto: Cristina Crisculo.

A crescente demanda por energia motivou, inclusive, a construção da Usina de Salto Grande, para abastecer os agrupamentos populacionais localizados na região de entorno. A Fábrica de Tecidos Carioba passou novamente por um período de crise a partir da década de 1940 e encerrou suas atividades na década de 1970.

Antes do fechamento da Fábrica Carioba, em 1924, Americana desmembrou-se de Campinas e foi elevada à categoria de município^[58]. Pouco tempo depois, a cafeicultura passou por uma grave crise na região e, entre 1930 e 1960, houve a expansão da indústria têxtil regional baseada em pequenas e numerosas empresas familiares, que se beneficiaram também da pavimentação de importantes vias, como a Anhanguera e a Luiz de Queiroz^[59]. Durante a década de 1970, houve intenso crescimento da população nas áreas urbanas e, a partir da década de 1980, foi a vez do setor têxtil entrar em crise, porém a cidade conservou sua força na indústria de tecidos até os dias atuais, contando também com parque industrial diversificado que agrega indústrias metalúrgicas, químicas, alimentícias entre outras^[59].



Fonte: IBGE^[14].

Artur Nogueira

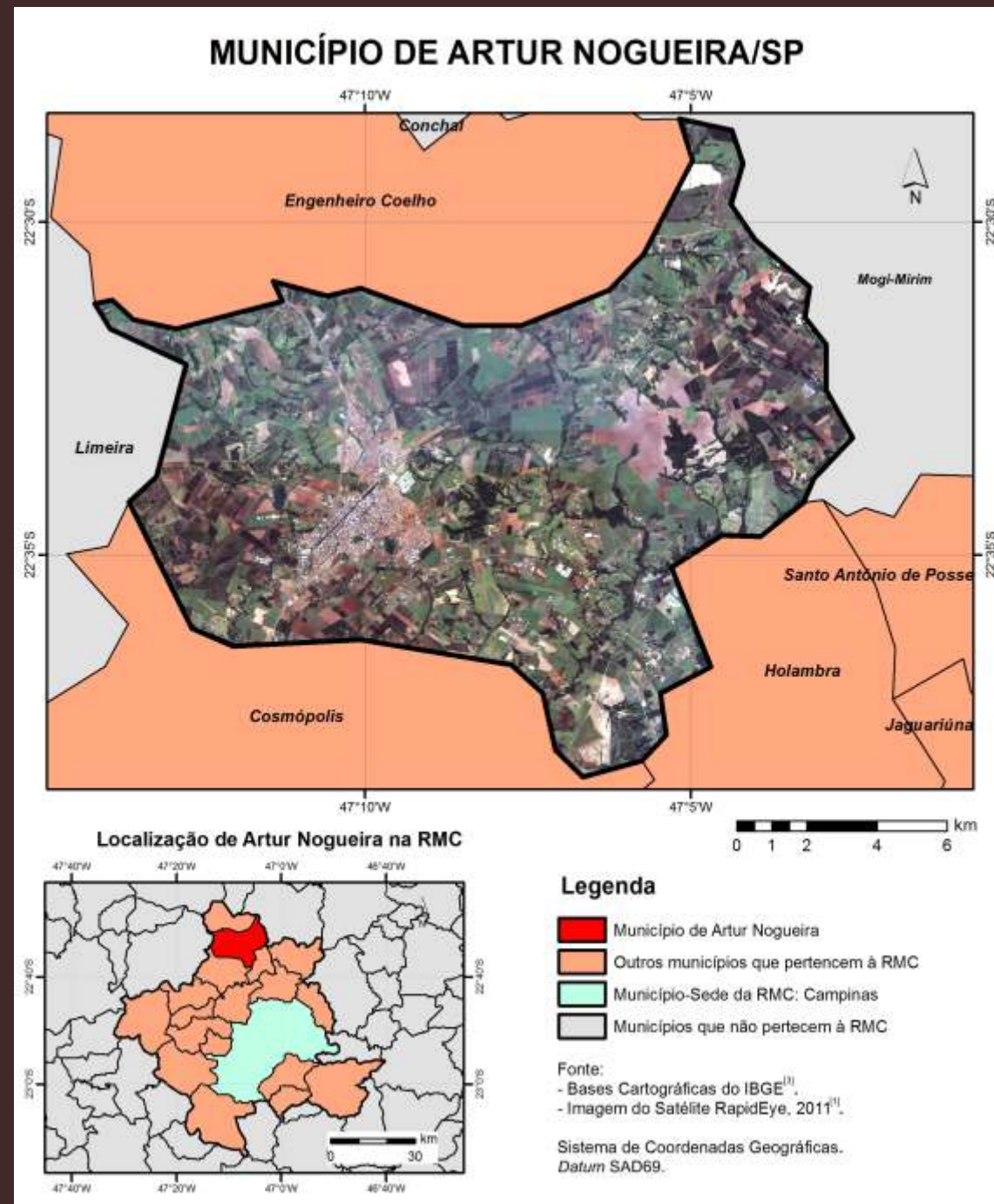
Histórico

O Município de Artur Nogueira era conhecido, em meados do século 19, como a região de Funil, e, nela, havia várias fazendas próximas a um núcleo colonial chamado Campos Sales. Sua origem está associada ao cultivo da cana-de-açúcar em fazendas adquiridas pela família Nogueira, proprietária da Usina Ester desde o fim do século 19. Em 1907, foi construída a estação ferroviária da Cia. Carril Agrícola Funilense, que contribuiu para o estabelecimento do povoado^[62]. Com a facilidade no deslocamento propiciada pela ferrovia, a região recebeu imigrantes de origem italiana, alemã e espanhola, que estabeleceram o cultivo de café em minifúndios^[58].

Em 1948, Artur Nogueira foi emancipado do Município de Mogi-Mirim após a realização de um plebiscito entre os habitantes do antigo distrito^[58]. Atualmente as atividades agropecuárias representam uma importante fatia da economia do município, com destaque para o cultivo de cana-de-açúcar e citricultura. Embora Artur Nogueira tenha crescido após sua inserção na RMC, ainda se conserva como um local bucólico. Essa característica, aliada ao custo de vida menor em relação aos municípios regionais, faz com que trabalhadores de cidades vizinhas optem por fixar residência em Artur Nogueira^[57].

Área: 178,02 km² ^[58]
Altitude: 588 m ^[62]
Gentílico: nogueirense ^[58]

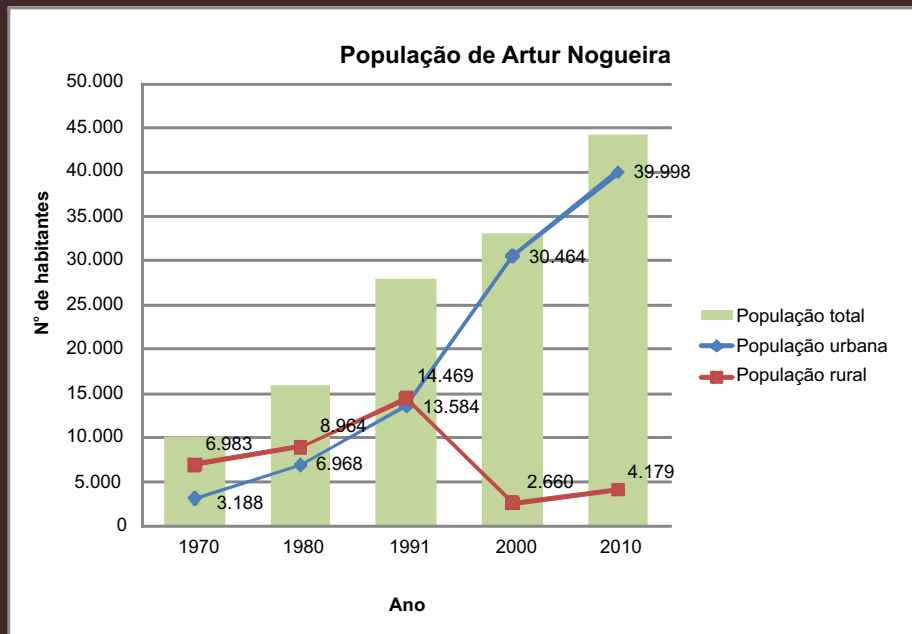
Coordenadas ^[59]
Latitude: 22° 34' 26" S
Longitude: 47° 10' 15" W



Antiga Estação da Companhia Carril Funilense.
A facilidade aberta pela ferrovia atraiu imigrantes italianos para trabalharem nas fazendas de café. | Foto: Cristina Criscuolo.



Condomínio residencial.
O município também absorve população que trabalha em outros locais. | Foto: Cristina Criscuolo.



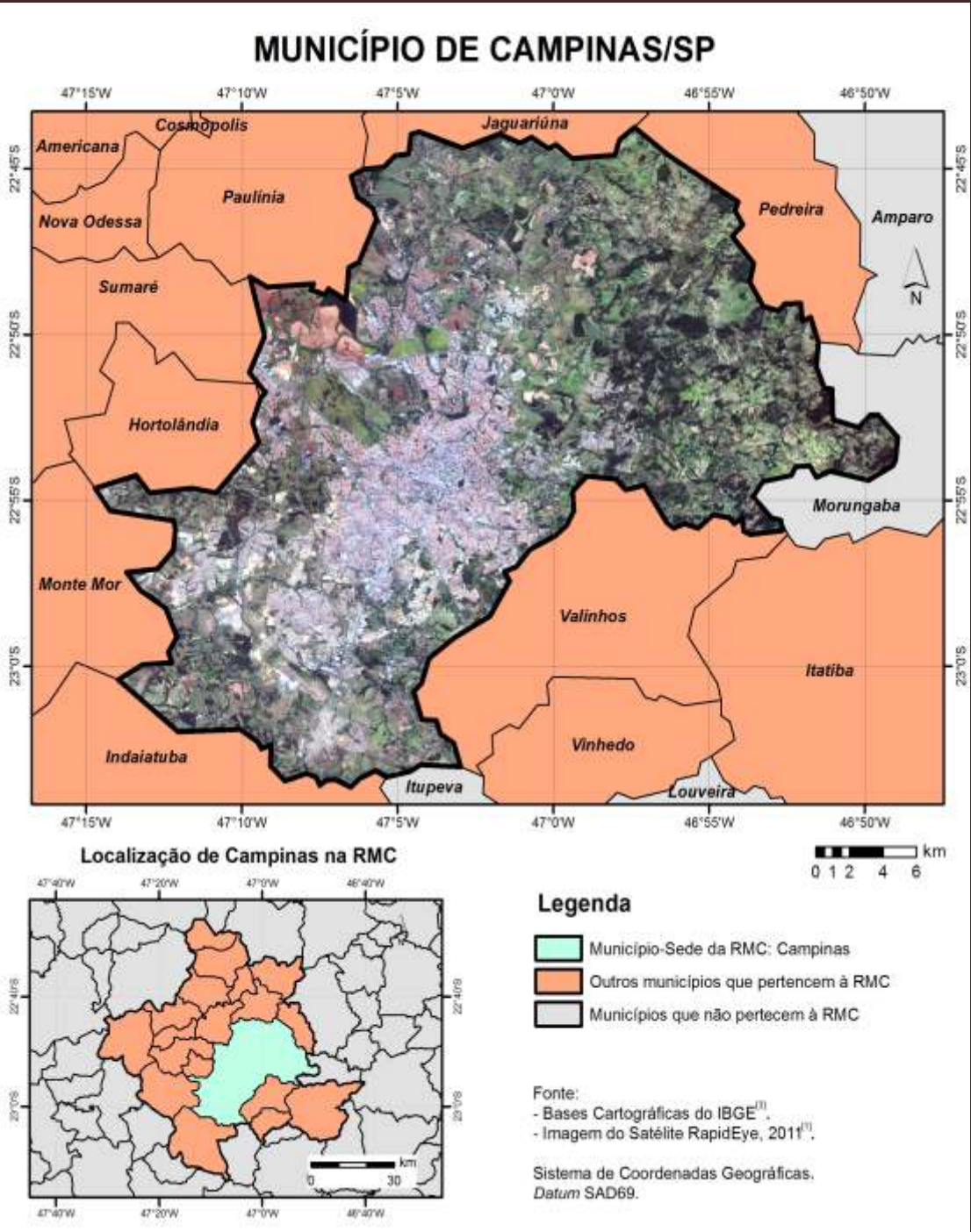
Fonte: IBGE^[14].

Campinas

Histórico

A ocupação das terras onde hoje se encontra o Município de Campinas começou antes da colonização do Brasil, quando a região era habitada pelos povos ameríndios^[63]. A colonização do território, ocorrida após a chegada dos portugueses e seus descendentes no Brasil, está ligada ao ciclo do ouro, por ser a região caminho para as tropas que partiam de São Paulo em direção a Goiás e ao Mato Grosso. Nos pontos de parada dos viajantes, formaram-se vilarejos que, mais tarde, deram origem às cidades regionais. O antigo nome de Campinas era Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso. Ela começou a adquirir identidade econômica a partir da segunda metade do século 16, com economia baseada no cultivo da cana-de-açúcar.

Campinas foi fundada em 1774 e, alguns anos mais tarde, deixou de pertencer a Jundiaí. Na época, a cana-de-açúcar era cultivada em maior escala no Nordeste do Brasil e, aos poucos, na região de Campinas, foi perdendo espaço para o cultivo do café, que adentrava as terras a partir do Vale do Rio Paraíba do Sul paulista. Em 1860, Campinas era a maior produtora de café do estado, superando a cidade de São Paulo em recursos e em população, com destaque para o grande contingente de africanos que habitavam a região e eram utilizados como mão de obra^[63]. Com o capital dos agricultores, foi inaugurada a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tornando mais eficiente o transporte do café, de mercadorias e pessoas entre Campinas e as demais localidades, principalmente o porto de Santos. As companhias Mogiana, Sorocabana e Funilense vieram em seguida e transformaram o município num importante entroncamento ferroviário do império e início da república^[57], característica que se repete atualmente com as estradas de rodagem.



Largo do Café e Lagoa do Taquaral. Área verde que surgiu a partir da década de 1970. | Foto: Cristina Criscuolo.



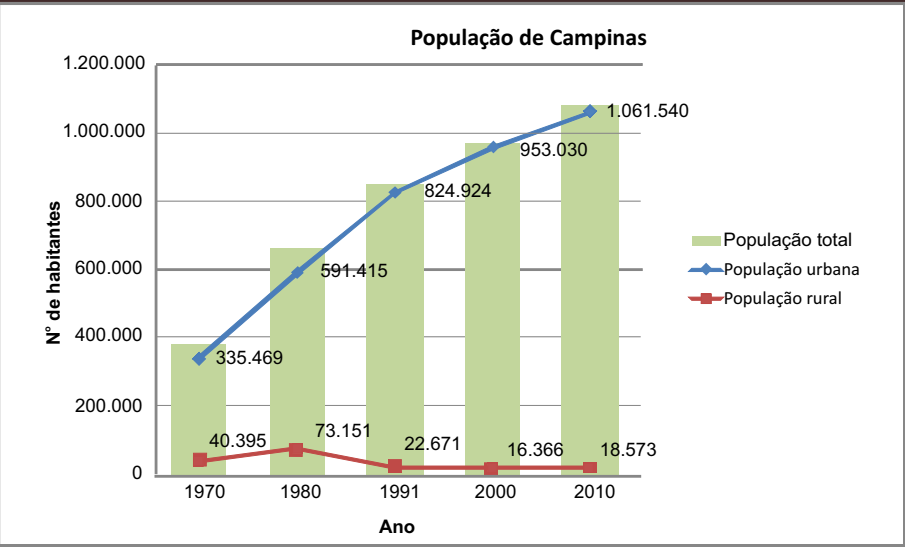
Terminal Multimodal Ramos de Azevedo. Integração dos meios de transporte na RMC. | Foto: Fabio Torresan.

A partir de 1870, foi registrado o surgimento de indústrias, fortemente associadas ao capital cafeeiro. Nessa época e nas primeiras décadas do século 20, a economia cafeeira no município era pujante, e Campinas era destaque não só no cenário econômico e político do Estado de São Paulo, mas também no brasileiro. Em 1887, foi criada a Estação Agronômica de Campinas, atual Instituto Agrônomo (IAC)^[57].

Com a crise da cafeicultura na década de 1930, Campinas começou a mudar sua identidade de uma economia essencialmente agrícola para uma de base industrial e de serviços. Essa mudança foi facilitada pela localização estratégica e implantação de políticas públicas, como a pavimentação da Rodovia Anhanguera, ocorrida em 1948^[57]. Atualmente Campinas tem destaque na fabricação de produtos de alta tecnologia, na presença de institutos de pesquisa renomados, na formação de mão de obra especializada e contempla rede de serviços e comércio que a torna referência nacional, atuando principalmente nas áreas de tecnologia da informação, nanotecnologia, farmacêutica, alimentícia, agropecuária, entre outras^[59]. Campinas é o município-sede da região metropolitana que leva seu nome, criada em 19 de junho de 2000.

Área: 794,43 km²^[58]
Altitude: 685 m^[63]
Gentílico: campineiro^[58]

Coordenadas^[61]
Latitude: 22° 53' 20" S
Longitude: 47° 04' 40" W



Fonte: IBGE^[14].

Cosmópolis

Histórico

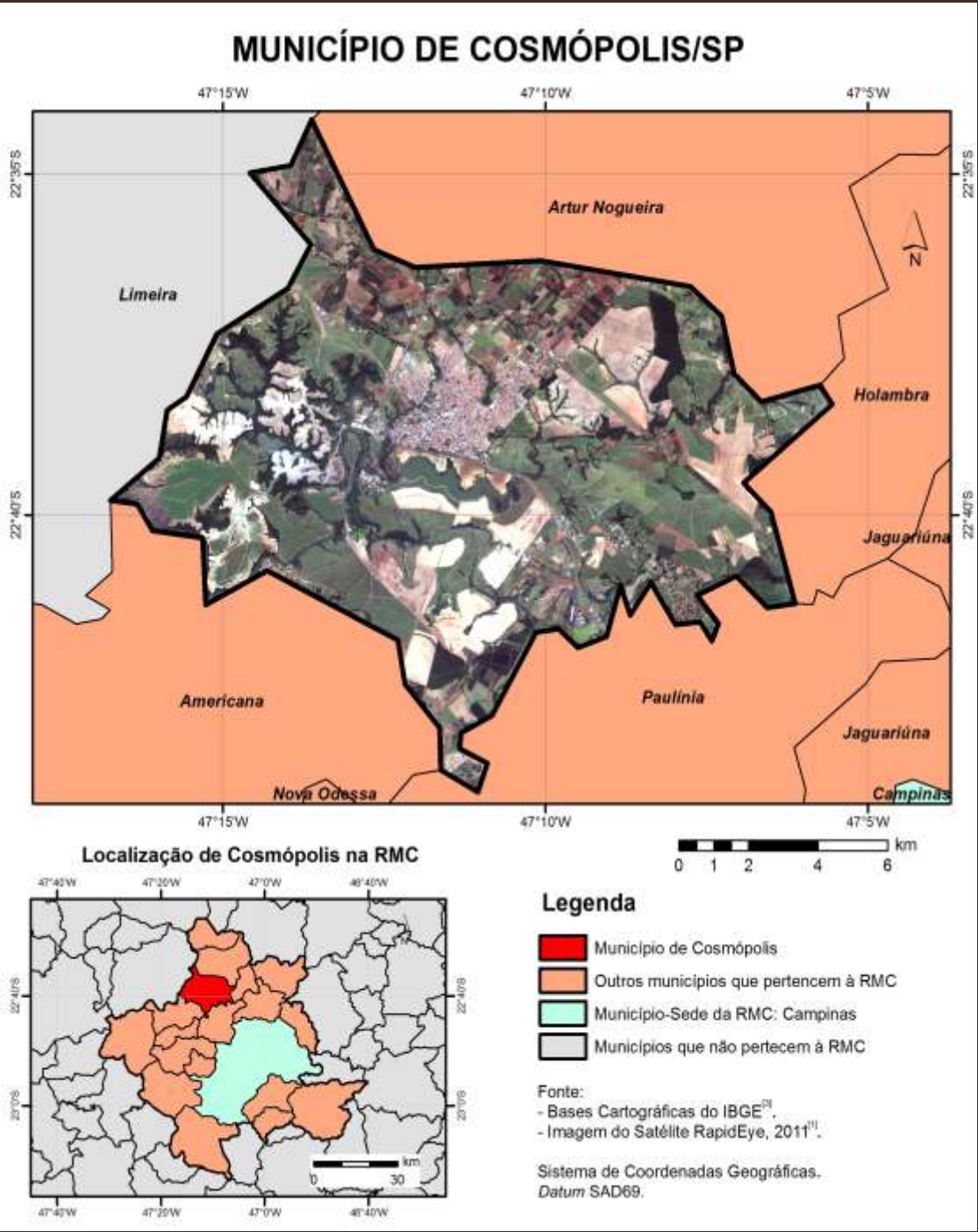
O Município de Cosmópolis teve seu surgimento no fim do século 19 com a implantação da antiga e extinta estrada de ferro Carril Funilense, que servia para escoar a produção agrícola regional do antigo bairro Funil para Campinas^[59]. Com o objetivo de incentivar o crescimento regional baseado na agricultura, iniciou-se, em 1892, a implantação de um plano de colonização no entorno da estrada de ferro^[59]. A colonização ocorreu inicialmente com imigrantes suíços, que formaram o antigo Núcleo Campos Sales, em meados de 1898.

Na sequência da implantação do Núcleo Colonial, a região recebeu imigrantes de diversas localidades, como alemães, austríacos, italianos, espanhóis, poloneses, dinamarqueses, portugueses, russos e franceses, para trabalharem na lavoura^[59]. Após o estabelecimento do Núcleo, foi inaugurada a Usina Ester, que atua no segmento de cana-de-açúcar desde o fim do século 19 até a atualidade^[58]. Em 1944, foi criado o Município de Cosmópolis, emancipando-se de Campinas.

A principal fonte de renda e empregos em Cosmópolis é o setor terciário, composto pelas atividades comerciais e de serviço, seguindo pelas atividades industriais, onde têm destaque os ramos de alimentos e bebidas e as indústrias químicas.

Área: 154,65 km² ^[58]
Altitude: 652 m ^[64]
Gentílico: cosmopolense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 38' 35" S
Longitude: 47° 11' 40" W



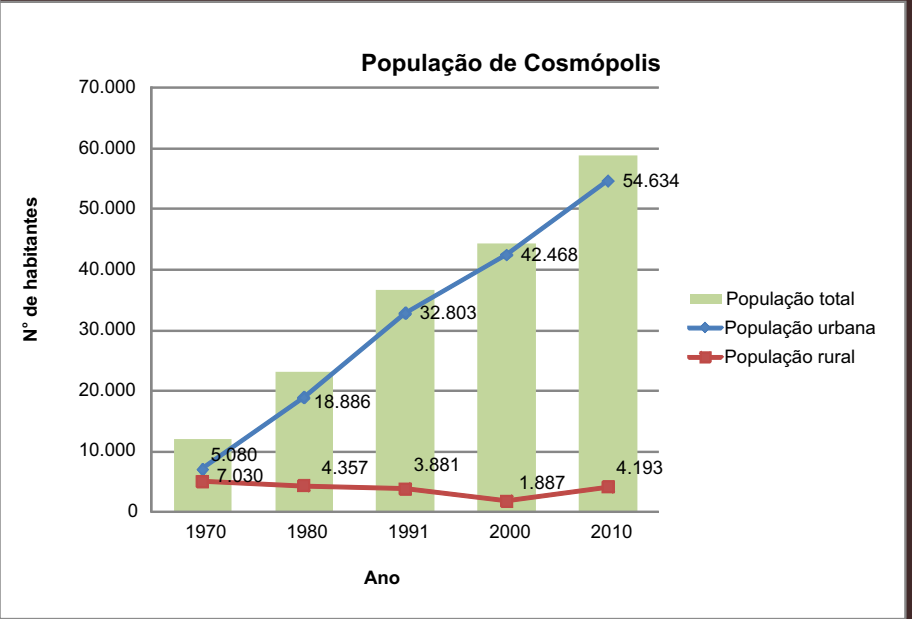
Usina Açucareira Ester.
Ao fundo, as plantações de cana-de-açúcar que marcaram a economia do município desde a sua origem.
Foto: Flávia Fiorini.



Vista área da cidade de Cosmópolis.
Destaque para o crescimento horizontal da área urbana. | Foto: Cristina Rodrigues.



Composição férrea.
Pertencia à antiga Companhia Carril Funilense. | Foto: Cristina Criscuolo.



Engenheiro Coelho

Histórico

No século 19, Engenheiro Coelho fazia parte de uma fazenda chamada Guaiquica^[58]. O local recebeu contingente de imigrantes alemães, belgas, suíços, suecos, húngaros, austríacos, poloneses e italianos, vindos para trabalhar na lavoura. Eles formaram os povoados que deram início à futura cidade^[65]. A origem do município está associada também à implantação da estrada de ferro Carril Funilense em 1891, construída para escoar a produção agrícola em direção à Campinas, à capital do estado e ao Porto de Santos. A estação ferroviária foi inaugurada em 1912 e recebeu o nome de Engenheiro Coelho, em homenagem ao engenheiro que a projetou.

O crescimento econômico da região foi influenciado pela construção da Usina Ester, pela família Nogueira, no fim do século 19. Engenheiro Coelho foi elevado à categoria de município em 1991, emancipando-se de Artur Nogueira^[58]. A cana-de-açúcar mantém-se como importante fonte de renda, juntamente com outros produtos agrícolas, entre os quais se destaca a produção de laranja. O setor terciário é responsável pela maior parcela do PIB municipal, seguido pelo setor secundário.

Área: 109,94 km² ^[58]

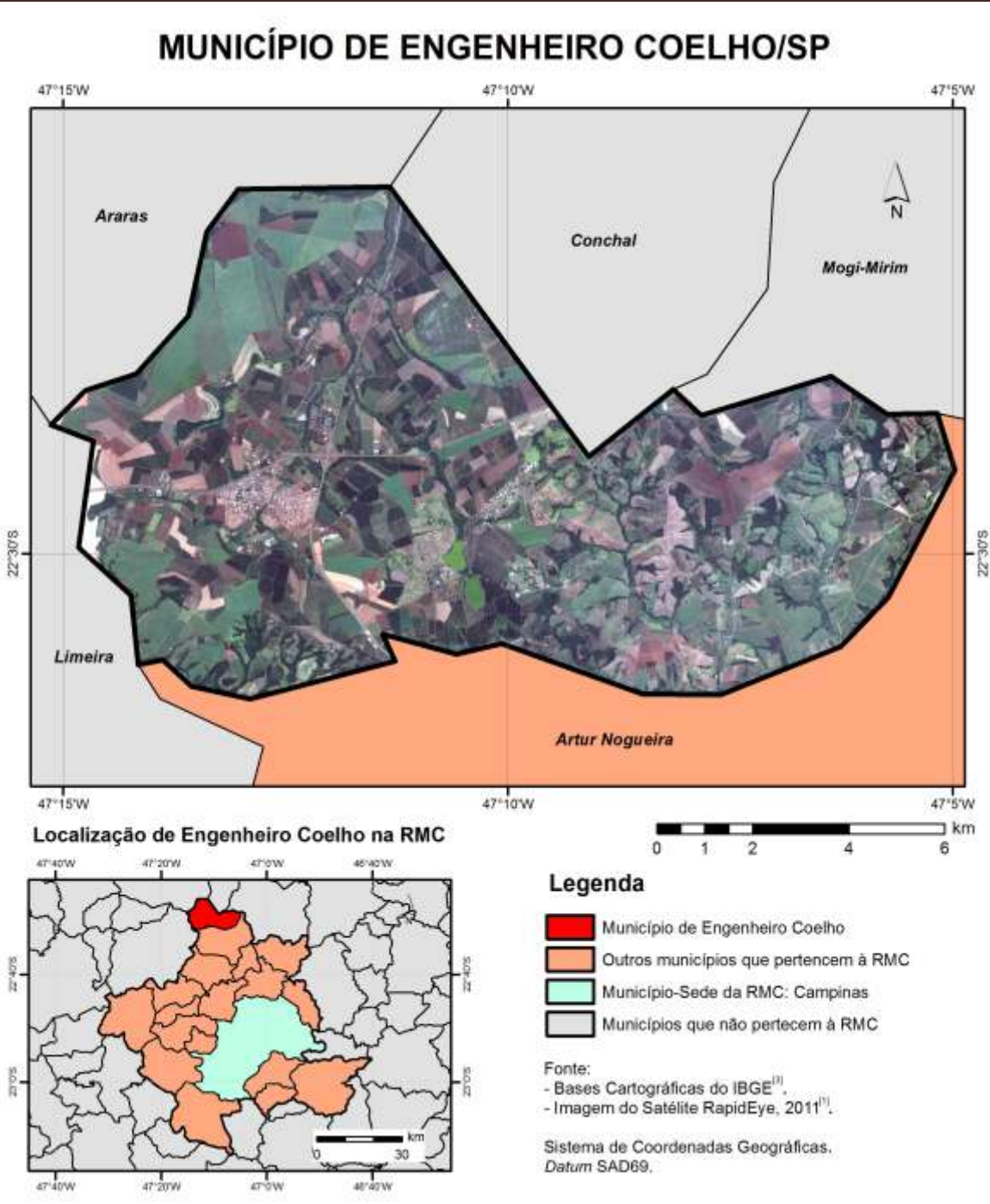
Altitude: 655 m ^[66]

Gentílico: engenheiro coelhense^[58]

Coordenadas ^[61]

Latitude: 22° 29' 01" S

Longitude: 47° 12' 47" W



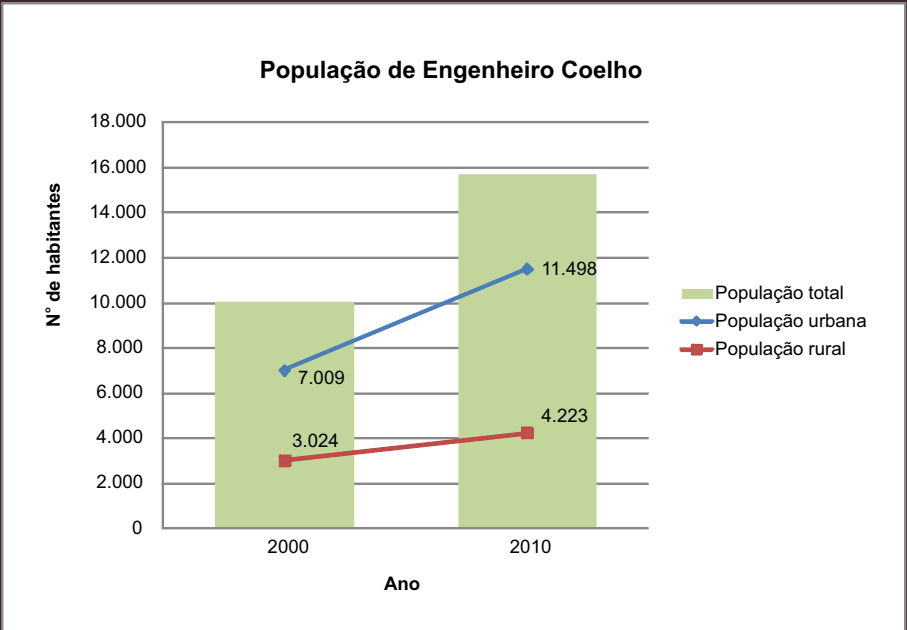
Prédio da antiga Capela de São Pedro. Atualmente funciona no local a câmara municipal. | Foto: Luiz Alves B. Maia.



Prédio da antiga estação ferroviária de Engenheiro Coelho. Atualmente é o Centro de Especialidades Médicas. | Foto: Luiz Alves B. Maia.



Terminal Rodoviário de Engenheiro Coelho. Destaque para o transporte intermunicipal na RMC. | Foto: Luiz Alves B. Maia.



Holambra

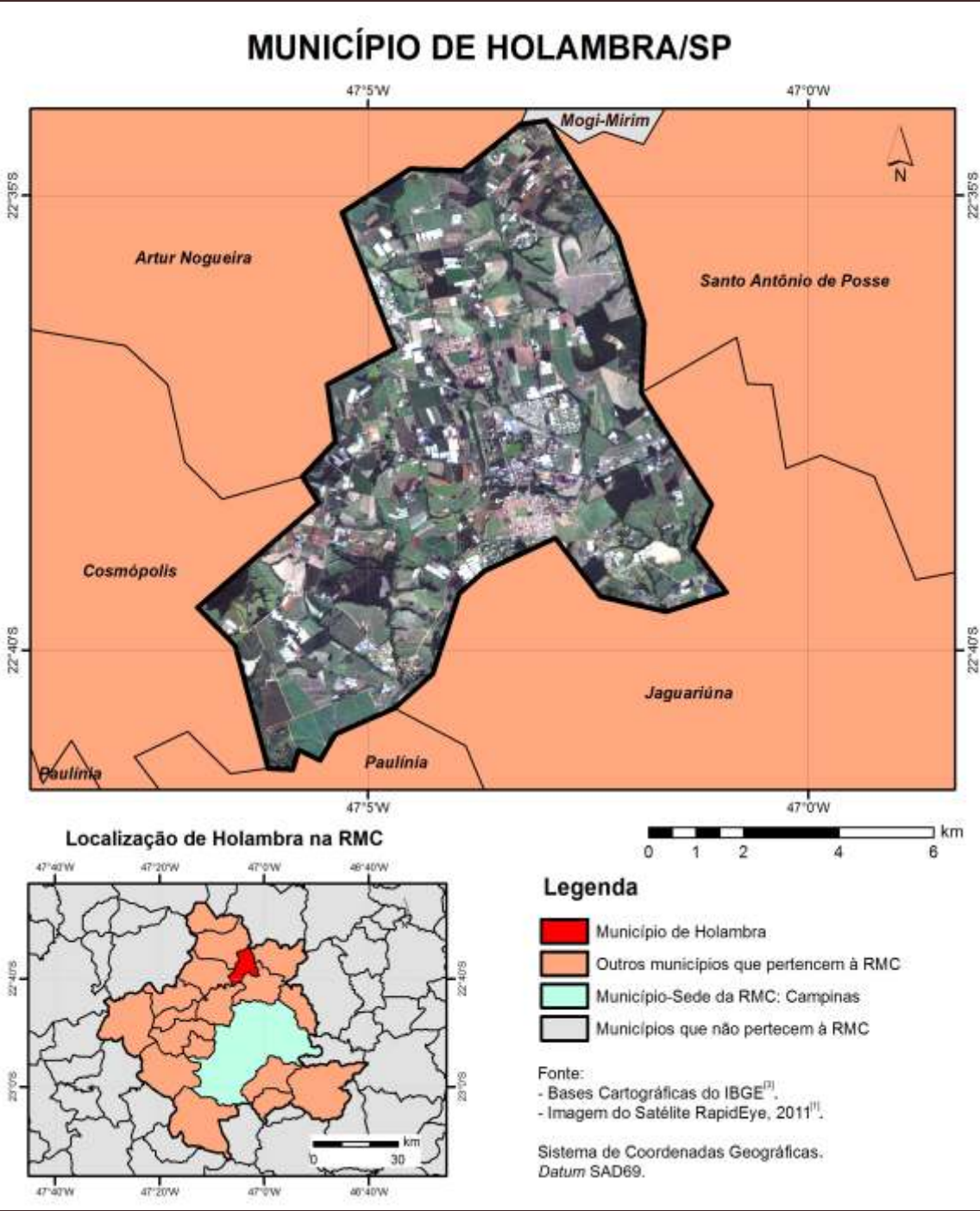
Histórico

A formação do Município de Holambra teve início com a chegada de imigrantes holandeses após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, incentivados por políticas governamentais dos dois países (Brasil e Holanda).

A colônia foi implantada nas terras de uma antiga fazenda chamada Ribeirão, gerida pela Cooperativa Agropecuária Holambra^[58]. O grupo de imigrantes passou por muitas dificuldades na fase de adaptação às realidades do novo território. Entre as dificuldades cruciais para o sucesso das atividades agrícolas, estavam as diferenças climáticas e edáficas, além da falta de técnicas apropriadas para o trato com a terra e a não adaptação dos animais trazidos da Holanda^[59].

Nesse período crítico, algumas famílias migraram para o Sul do País e as que ficaram iniciaram um plano de ocupação das terras da antiga fazenda com base na implantação de pequenas propriedades com produção diversificada na lavoura e criação de animais já adaptados ao clima regional. Todo o trabalho era organizado pela Cooperativa Agropecuária Holambra, que também era responsável pelas orientações técnicas para os agricultores, pelo processamento e pela valorização dos produtos agropecuários da colônia.

Dez anos mais tarde, a região recebeu um novo contingente de imigrantes e começou a cultivar flores com base na experiência trazida de seu país de origem. O sucesso com essa cultura começou a surgir a partir de 1965 e consagrou a região como referência na produção de flores e plantas ornamentais no cenário brasileiro^[67].



Paisagem do Município de Holambra. Policultura de base familiar. | Foto: Cristina Rodrigues.



Símbolos construídos para valorizar a cultura holandesa. | Foto: Cristina Criscuolo.

Campos de flores comercializadas na cooperativa local, que atende 45% do mercado nacional. Foto: André Furtado.

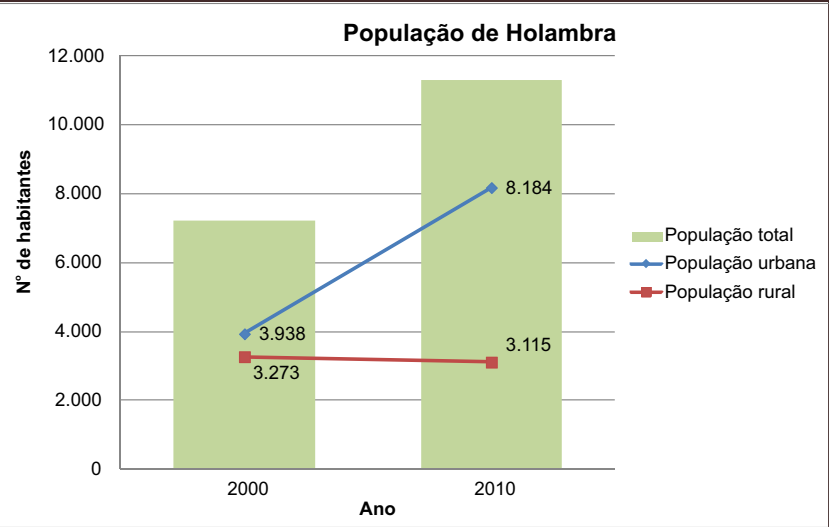
O nome do município foi atribuído para representar a união entre brasileiros e holandeses e significa a junção de três territórios “Holanda - América - Brasil”. A cooperativa atuou como gestora do território de Holambra até a criação do município, definida por meio de um plebiscito realizado em 1991, que o desmembrou de Jaguariúna, Cosmópolis, Artur Nogueira e Santo Antônio de Posse^[57].

A base econômica do município advém da agricultura desenvolvida por pequenos produtores que atuam de forma cooperada, com predomínio de atividades de horticultura, citricultura, plantas exóticas, flores, suinocultura, avicultura e laticínios.

Eles atuam na produção e também agregam valor aos produtos, com atividades voltadas ao turismo, potencializadas pela exposição que ocorre anualmente na cidade e já atraiu milhões de visitantes interessados em conhecer as novidades no mercado de flores, conseguidas com pesquisa e desenvolvimento dos setores locais. Em 1998, Holambra foi considerada estância turística e investe no segmento ao incentivar a manutenção da cultura e do estilo holandês, representados claramente nas construções e nos espaços de recepção aos visitantes^[69].

Área: 65,57 km²^[58]
Altitude: 600 m^[67]
Gentílico: holambrense^[58]

Coordenadas^[61]
Latitude: 22° 37' 55" S
Longitude: 47° 03' 36" W



Fonte: IBGE^[14].

Hortolândia

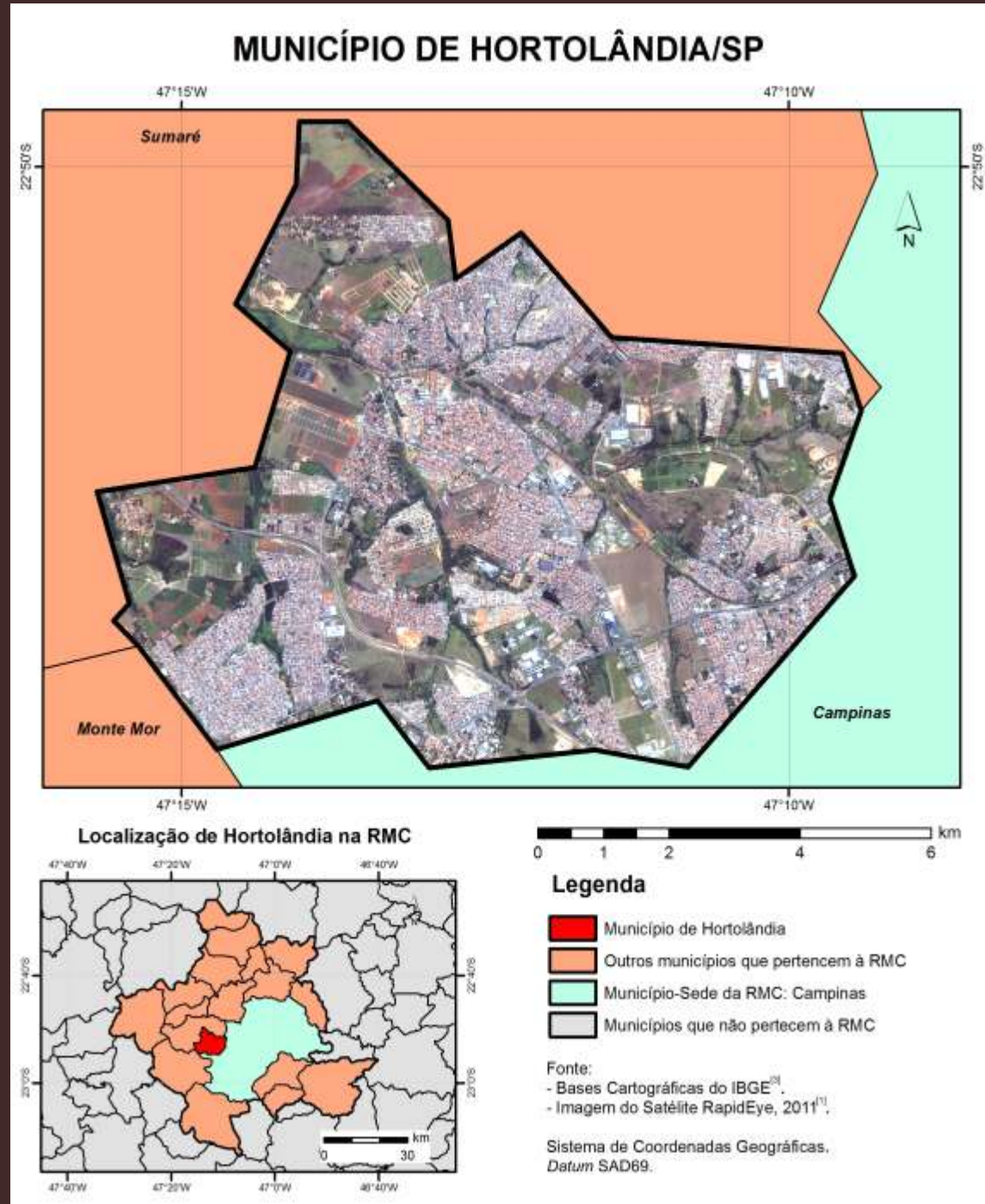
Histórico

Segundo os registros históricos, entre o fim do século 18 e início do século 19, existia um povoado chamado Jacuba na região onde hoje se localiza o Município de Hortolândia^[57]. Os habitantes desse povoado iniciaram o cultivo da terra, principalmente com cana-de-açúcar, café, algodão e culturas de subsistência como mandioca e milho. No início, o povoado era ponto de parada de tropeiros e o transporte de pessoas e cargas era precário. A situação mudou em 1917, data da inauguração da estação férrea da Companhia Paulista, que facilitou o intercâmbio comercial, populacional e também impulsionou a economia local^[59].

Hortolândia cresceu no entorno de suas vias de ligação, inicialmente com a estrada de ferro e, logo depois, com as rodovias^[57]. O crescimento econômico pujante de Hortolândia, alcançado na década de 1980, resultou na emancipação do Município de Sumaré, ocorrida em 1991^[68].

Atualmente o município tem expressivo parque industrial, composto por mais de 400 unidades, com destaque para indústrias nas áreas de tecnologia da informação, eletroeletrônica, transporte, metalúrgica, alimentícia, farmacêutica, entre outras^[68].

Hortolândia também absorve população dos municípios limítrofes, fato iniciado quando ainda pertencia a Campinas e depois a Sumaré. Nessa época, seus primeiros loteamentos residenciais foram aprovados e implantados^[58]. Atualmente suas vias de ligação com os municípios da RMC transformaram-se em grandes avenidas, e sua malha urbana funde-se também com a dos municípios vizinhos. Hortolândia tem 100% de sua população localizada em zona urbana^[14].



Edifício da Prefeitura Municipal de Hortolândia.
O poder executivo deve implementar ações e políticas públicas para atender às necessidades da população.
Foto: Cristina Criscuolo.



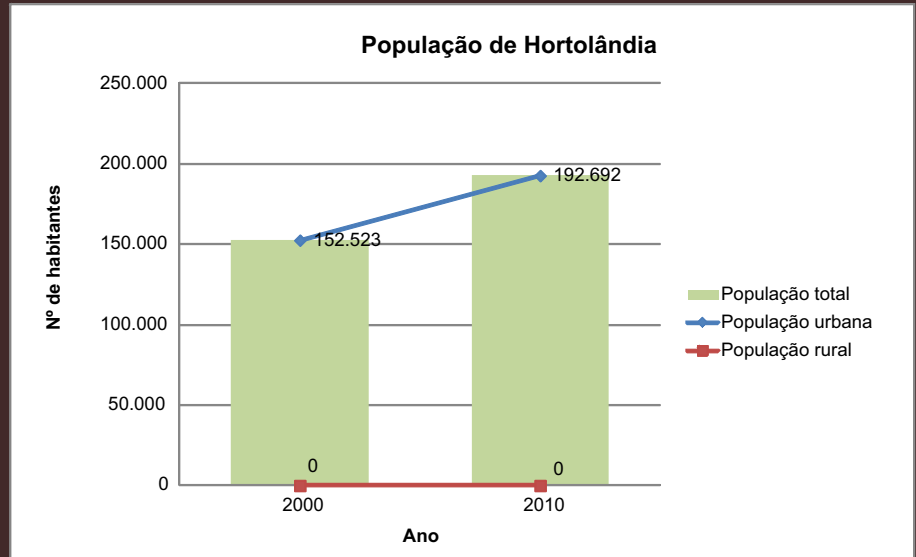
Centro comercial.
O município possui áreas comerciais em diversos bairros. | Foto: Cristina Criscuolo.



Construção de unidades habitacionais.
O mercado imobiliário disponibiliza novas opções de moradias, que atraem população da RMC.
Foto: Cristina Criscuolo.

Área: 62,27 km² ^[58]
Altitude: 587 m ^[68]
Gentílico: hortolandense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 51' 22" S
Longitude: 47° 13' 05" W



Fonte: IBGE ^[14].

Indaiatuba

Histórico

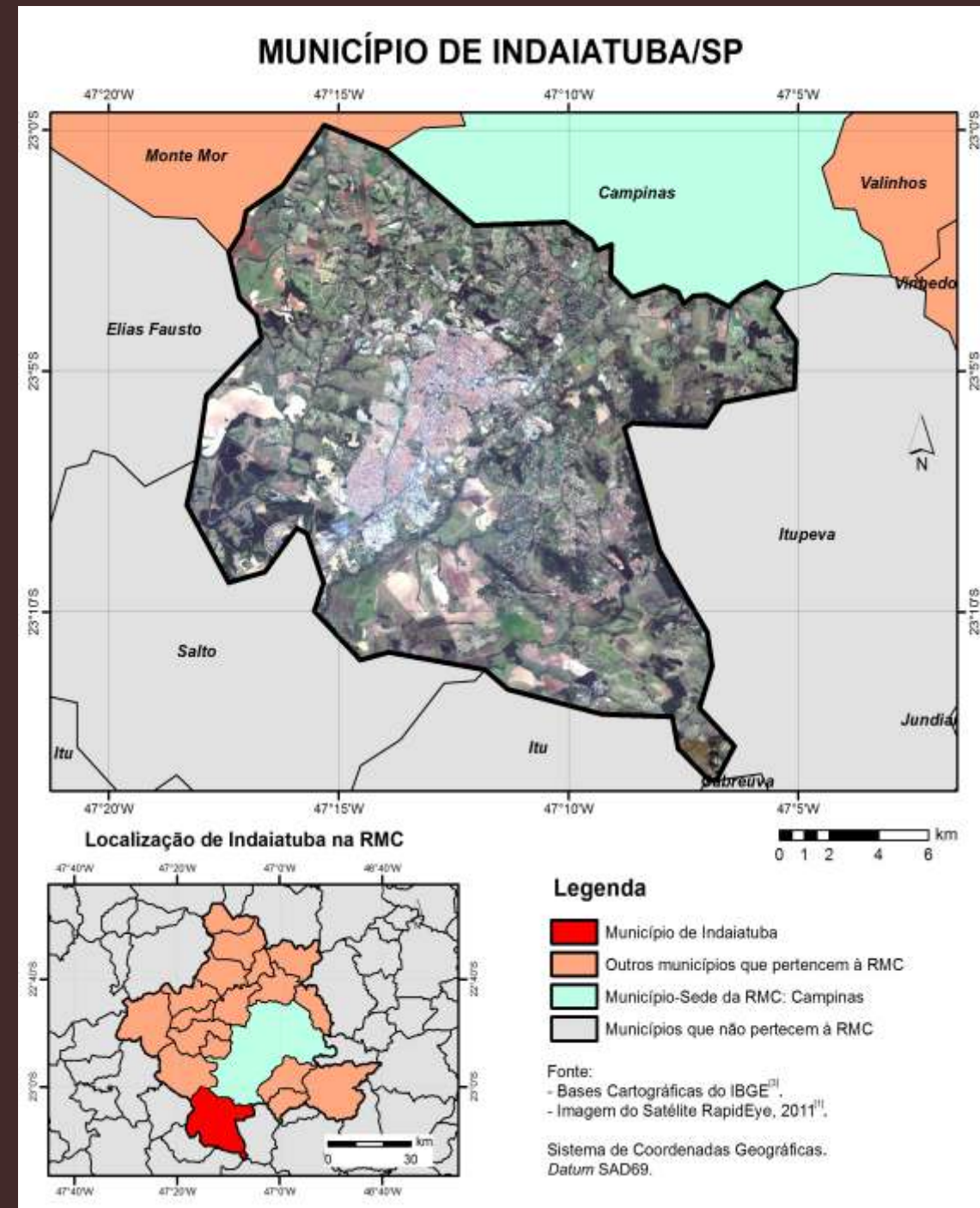
O Município de Indaiatuba surgiu às margens do antigo Ribeirão Votura, denominado atualmente de Córrego Barnabé^[59]. O local era ponto de parada de tropeiros no século 18, no caminho que partia de Sorocaba, passava por Itu e seguia em direção a Goiás e Mato Grosso, onde havia exploração de ouro e outros recursos minerais^[69]. Nessa época, havia estímulo da coroa portuguesa para colonização das terras regionais, que foram ocupadas por canaviais em extensas fazendas. No século 18, não só Indaiatuba, mas toda a região era repleta de engenhos para fabricação de açúcar e cachaça. Algumas heranças ainda restam desses tempos, como as edificações da época bandeirista construídas em taipa de pilão, como o Casarão do Pau Preto e a Casa Número 1^[69].

Depois de 1850, a cafeicultura foi instituída na região, substituindo e coexistindo com as plantações de cana-de-açúcar^[69]. A autonomia política de Indaiatuba em relação a Itu ocorreu em 1859^[58]. Vinte anos mais tarde, Indaiatuba ganhou sua estação de trem e, em 1911, uma outra estação foi construída ao lado da primeira, que já estava em operação. Os dois edifícios estão conservados até hoje e podem ser visitados pela população, em prol da memória do município^[69].

Antigamente, Indaiatuba destacava-se na agricultura com a cana-de-açúcar, o café, o algodão e a batata. A base populacional foi composta inicialmente pelos portugueses, indígenas e africanos. A partir do fim do século 19, a região recebeu imigrantes de vários países, principalmente europeus, como os suíços, alemães, austríacos, italianos e espanhóis, sírio-libaneses e, no século 20, também os japoneses^[59].

Área: 312,04 km²^[58]
Altitude: 640 m^[61]
Gentílico: indaiatubano^[58]

Coordenadas^[61]
Latitude: 23° 05′ 12″ S
Longitude: 47° 13′ 06″ W



Casa Número 1.
Construção bandeirantista, marco da história regional.

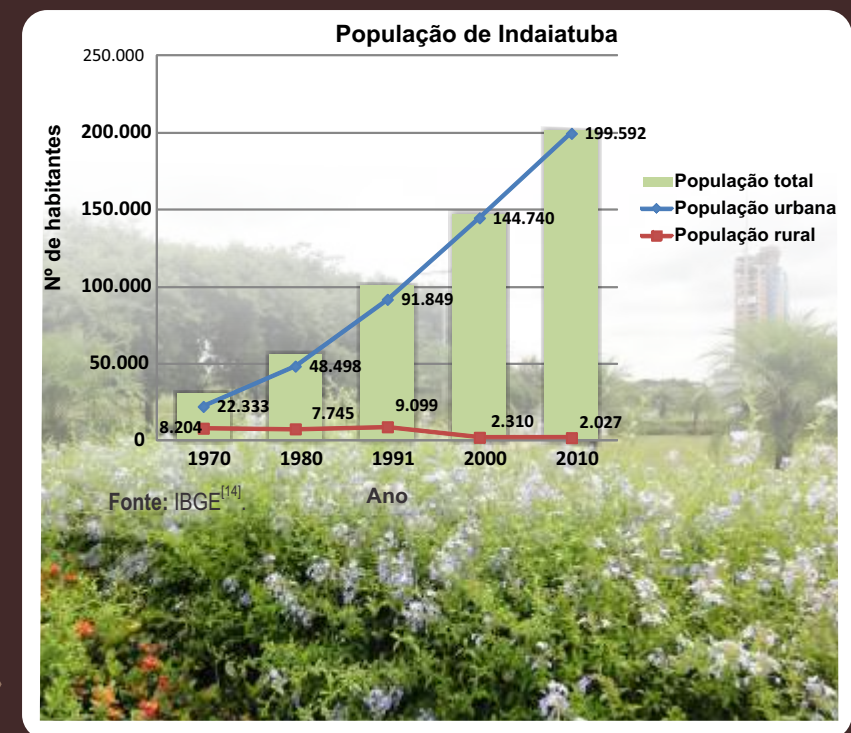
Vista do Parque Ecológico.
Espaço de lazer para a população.

Fotos: Cristina Criscuolo.

Na década de 1920, as atividades industriais madeireiras e ceramistas começaram a ser implantadas em Indaiatuba. Quarenta anos mais tarde, a região passou a ser referência no ramo têxtil e, na atualidade, têm destaque as indústrias mecânicas e metalúrgicas^[59].

Após a década de 1960, o município recebeu migrantes de outras regiões do País, atraídos pelas oportunidades abertas pelas indústrias^[59]. Nessa época, a cidade aumentou sua população, que, por sua vez, demandou por moradias, serviços e comércio. Fundamental para garantir a qualidade de vida dos habitantes, desde a década de 1960, a cidade construiu seu Plano Diretor de Desenvolvimento, com a adoção de políticas públicas e disponibilização de equipamentos urbanos para uso da população^[69].

Até hoje a agricultura mantém sua importância na economia de Indaiatuba. O município destaca-se pelo cultivo da cana-de-açúcar e do milho, além de fazer parte do Circuito das Frutas do Estado de São Paulo, com predomínio do cultivo da uva^[59].

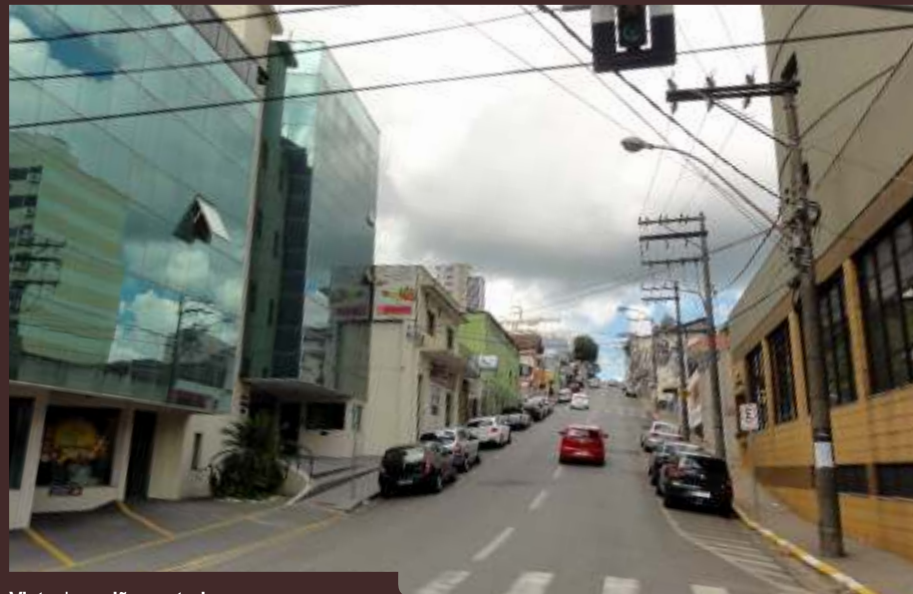
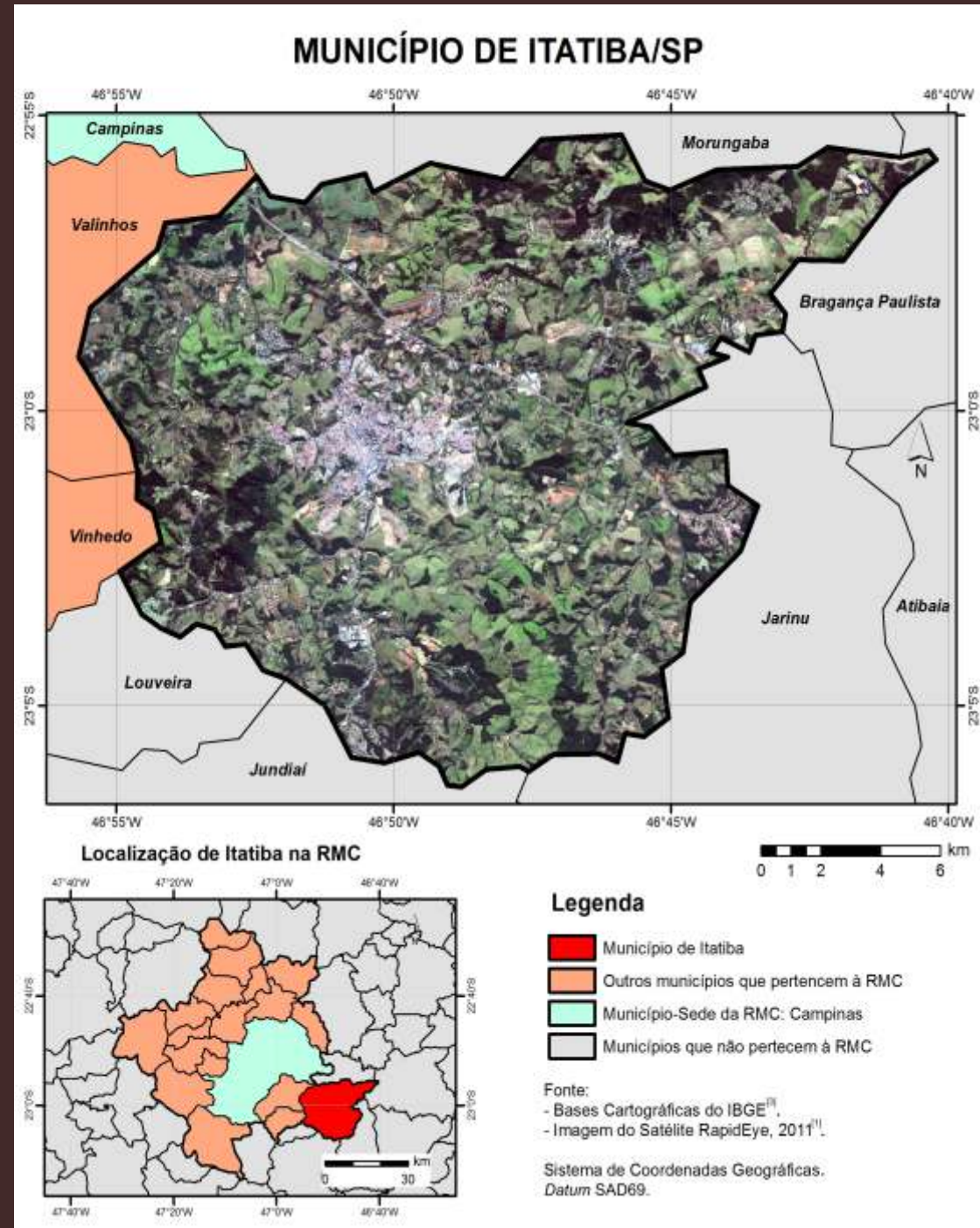


Itatiba

Histórico

A povoação de Itatiba foi iniciada no século 18, às margens do Rio Atibaia, região posicionada entre Campinas e Bragança. O povoado instalou-se a partir de 1786 e, devido à fertilidade do solo, atraiu outros habitantes desbravadores. A construção de uma capela no atual bairro do Cruzeiro, liderada por um antigo morador chamado Antônio Rodrigues da Silva, foi o marco da fixação da população no local. Alguns anos mais tarde, com o crescimento do povoado, foi construída uma nova igreja (atual Igreja do Rosário) e iniciado o traçado da malha urbana^[70].

Em 1850, a região estabeleceu-se como grande produtora de café, o que induziu a criação de uma ferrovia chamada “Estrada de Ferro Carril Itatibense”^[70]. A conquista da autonomia política de Itatiba em relação a Jundiaí ocorreu em 1857^[58]. A cafeicultura manteve-se como principal atividade econômica até a crise de 1929 e, a partir dessa época, o município viu surgir suas primeiras indústrias, nos ramos de vestuário, calçados e palitos de fósforos^[70]. A partir da década de 1960, agregou também como especialidade a fabricação de móveis em estilo colonial e hoje possui moderno distrito industrial, que inclui indústrias químicas, metalúrgicas, eletroeletrônicas, entre outras^[59]. Na agricultura praticada atualmente, tem destaque o cultivo de frutas, como figo e caqui, além da silvicultura. O município faz parte do Circuito das Frutas do Estado de São Paulo, e oferece roteiros turísticos que atraem visitantes interessados em conhecer o patrimônio cultural e natural de origem rural, atividade que também contribui para agregar valor aos produtos agrícolas cultivados nas propriedades locais^[70].



Vista da região central.
Os amplos morros do planalto são expressos na topografia urbana. | Foto: Cristina Criscuolo.



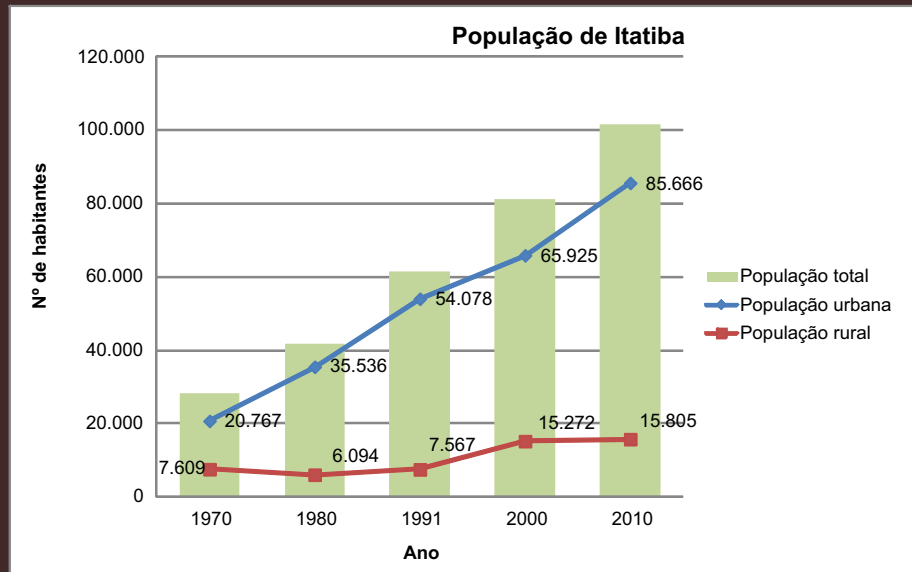
Matriz de Nossa Senhora do Belém.
Construída em 1850, durante o ciclo cafeeiro. | Foto: Cristina Criscuolo.



Indústrias na Rodovia Dom Pedro I.
Políticas públicas são criadas para atrair investimentos na região. | Foto: Cristina Criscuolo.

Área: 322,23 km² ^[58]
Altitude: 760 m^[70]
Gentílico: itatibense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 23° 00' 18" S
Longitude: 46° 50' 28" W



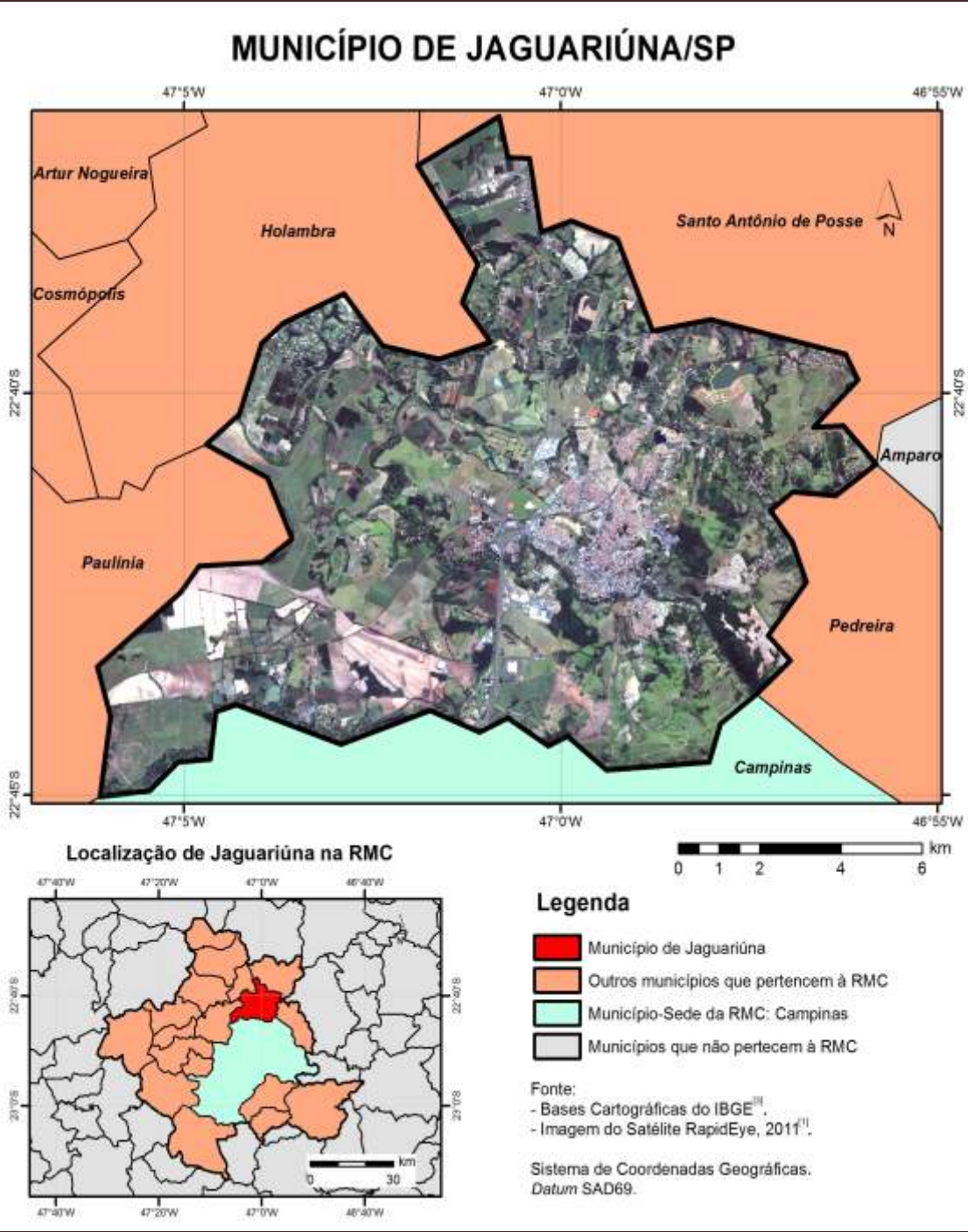
Fonte: IBGE^[14].

Jaguariúna

Histórico

As terras de Jaguariúna eram ponto de parada de tropas que seguiam para Goiás e Mato Grosso durante o Ciclo do Ouro, ocorrido no século 18. A primeira cultura agrícola produzida em escala comercial foi a cana-de-açúcar, também no século 18, utilizando a mão de obra escrava em engenhos de açúcar^[71].

Por volta de 1860, a cana-de-açúcar entrou em decadência e foi substituída paulatinamente pelo café^[71]. A nova cultura trouxe grande prosperidade não somente para Jaguariúna, mas para toda a região. O antigo povoado surgiu nas terras de uma fazenda, localizada às margens do Rio Jaguari. Esse povoado deu início à Vila Bueno, que teve crescimento incentivado pela construção, em 1875, da Estação de Jaguari, que pertencia à antiga Companhia Mogiana de Estradas de Ferro^[59]. Ainda no final do século 19, logo após a abolição da escravidão e com as facilidades de transporte abertas pela ferrovia, a região recebeu imigrantes italianos, que vieram trabalhar nas lavouras de café^[71]. O proprietário das terras, Coronel Amâncio Bueno, mandou construir uma igreja (Matriz Santa Maria de Jaguariúna) e deu início também ao arruamento do núcleo urbano, para incentivar o crescimento do povoado^[71]. O Distrito de Paz foi elevado em 1896 e passou a se chamar Jaguariúna em 1944^[58]. A emancipação ocorreu em 1953, decidida por meio de um plebiscito, quando Jaguariúna foi desmembrada de Mogi-Mirim^[58]. Atualmente o município destaca-se economicamente com um parque industrial diversificado, que agrega indústrias químicas, farmacêuticas, de alimentos e bebidas, de tecnologia da informação, cerâmicas, metalúrgicas, de peças automotivas, entre outras^[59]. O setor de turismo também ganhou destaque nos últimos anos, pois o município faz parte do “Circuito das Águas Paulista” e conta com hotéis e restaurantes. Além disso, oferece atrativos para visitantes de todo o estado, por exemplo, fazendas, haras, o passeio de Maria Fumaça e o rodeio internacional^[59].



Empresa multinacional com unidade em Jaguariúna. No destaque, indústria de bebidas. | Foto: Cristina Criscuolo.



Antiga estação férrea da Companhia Mogiana. Centro turístico e museu municipal. | Foto: Cristina Criscuolo.



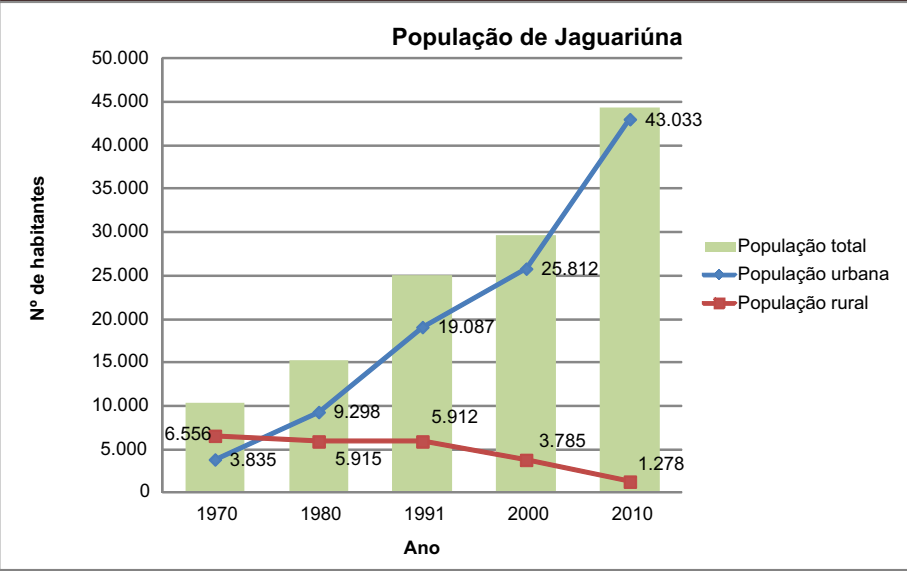
Igreja Matriz Santa Maria de Jaguariúna. Relíquia histórica da cidade. | Foto: Cristina Criscuolo.



Rio Jaguari. A cidade originou-se em suas margens. | Foto: Cristina Criscuolo.

Área: 141,40 km² ^[58]
Altitude: 580 m ^[61]
Gentílico: jaguariunense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 42' 18" S
Longitude: 46° 59' 22" W



Fonte: IBGE^[14].

Monte Mor

Histórico

Registros arqueológicos indicam que, por volta dos anos 1000 a 1500, existiu uma aldeia Tupi-Guarani na região onde hoje está localizado o Município de Monte Mor^[58].

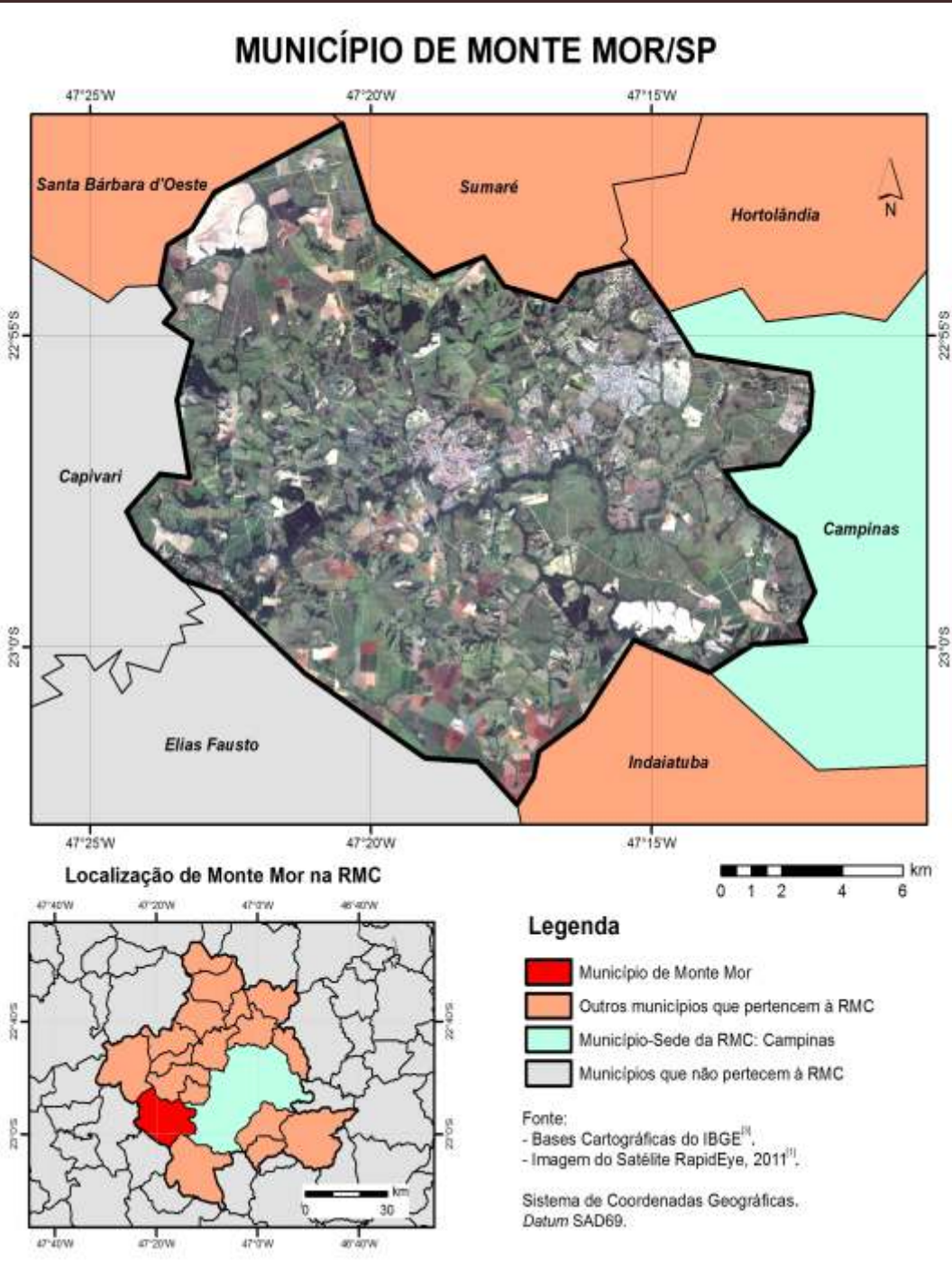
A colonização por povos europeus ocorreu no fim do século 18. Essa área era importante ponto de pousio dos viajantes provenientes de Piracicaba que seguiam em direção a São Paulo e encontravam água em abundância às margens do antigo Córrego Água Choca^[72].

As terras da região de Monte Mor faziam parte de antigas sesmarias que, com o passar do tempo, começaram a ser vendidas para particulares, que se instalaram em fazendas e iniciaram a povoação do lugar^[72].

Por volta de 1820, foi construída uma capela para Nossa Senhora do Patrocínio e algumas casas ao seu redor^[58]. Nessa época, o povoado era conhecido como “Capela Curada de Nossa Senhora do Patrocínio de Capivari de Cima”^[72]. Pouco depois, em 1832, passou a ser conhecido como “Freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio da Água Choca”^[59].

Os primeiros registros sobre a exploração agrícola das terras datam do início do século 19. Nessa época, existiam plantações de milho, feijão, exploração de aves e animais para a pecuária de leite. Por volta de 1870, era também cultivada a cana-de-açúcar, com mão de obra escrava, além de café e cereais^[58;72].

Em 1871, Monte Mor foi desmembrado de Itu^[58]. Quatro anos depois, a estrada de ferro Ituana cruzou a região, sendo a estação local construída em terras da atual Elias Fausto (que anteriormente pertencia a Monte Mor). Embora contasse com estação férrea própria, as estradas de terra carroçáveis continuaram a ter importância em Monte Mor por sua maior proximidade com a estação de Rebouças (que, na época, pertencia a Campinas)^[72].



Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio. Localizada na região central de Monte Mor. | Foto: Cristina Criscuolo.



Vista da área urbana de Monte Mor, e agricultura praticada no município. | Foto: Cristina Criscuolo.

No fim do século 19, a região recebeu imigrantes para o trabalho nas lavouras, a maior parte deles de origem italiana. Eles foram integrados aos habitantes de origem portuguesa e africana que já povoavam o território^[72].

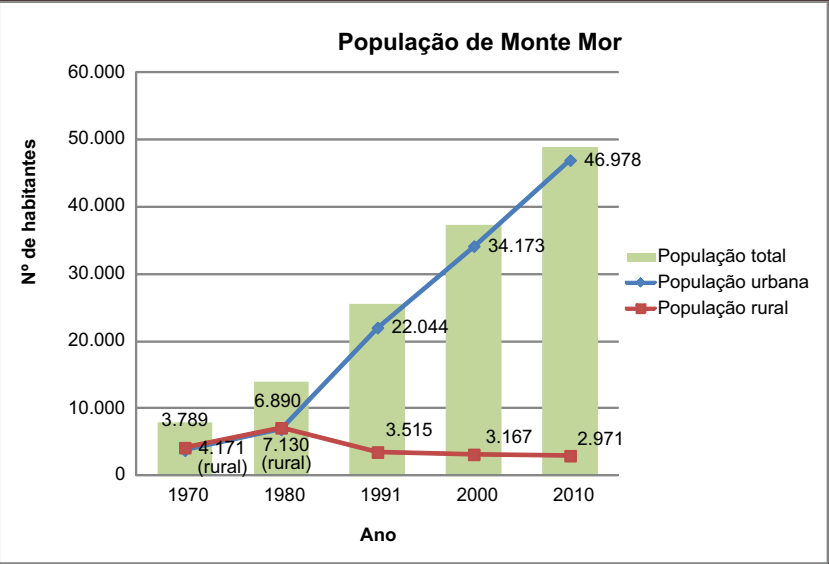
A cultura do café permaneceu como principal produto da economia até a crise de 1929, quando a produção passou a ser mais diversificada, com destaque para o plantio de batata^[72].

A partir da década de 1970, verificou-se significativa expansão da malha urbana. Esse fato decorreu dos baixos preços dos terrenos disponíveis em Monte Mor em relação aos municípios vizinhos, principalmente Campinas^[57].

A agricultura praticada em Monte Mor continua importante até os dias atuais, onde há predomínio do cultivo da cana-de-açúcar e do milho^[39]. No setor industrial, destacam-se as indústrias metalúrgicas e as indústrias de papel e embalagens^[59].

Área: 240,41 km² ^[58]
Altitude: 560 m ^[61]
Gentílico: montemorenses ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 56' 47" S
Longitude: 47° 18' 58" W



Fonte: IBGE^[14].

Nova Odessa

Histórico

Os primeiros registros de colonização da região de Nova Odessa ocorreram no século 18, associados ao cultivo de cana-de-açúcar em grandes glebas de terras denominadas sesmarias^[73].

Com o fim da escravidura, o governo incentivou a criação de núcleos coloniais como forma de atrair imigrantes, principalmente europeus, para trabalhar nas lavouras da região e impulsionar a agricultura. Assim surgiu, em 1905, um núcleo colonial na região anteriormente conhecida como Pombal e hoje denominada Nova Odessa.

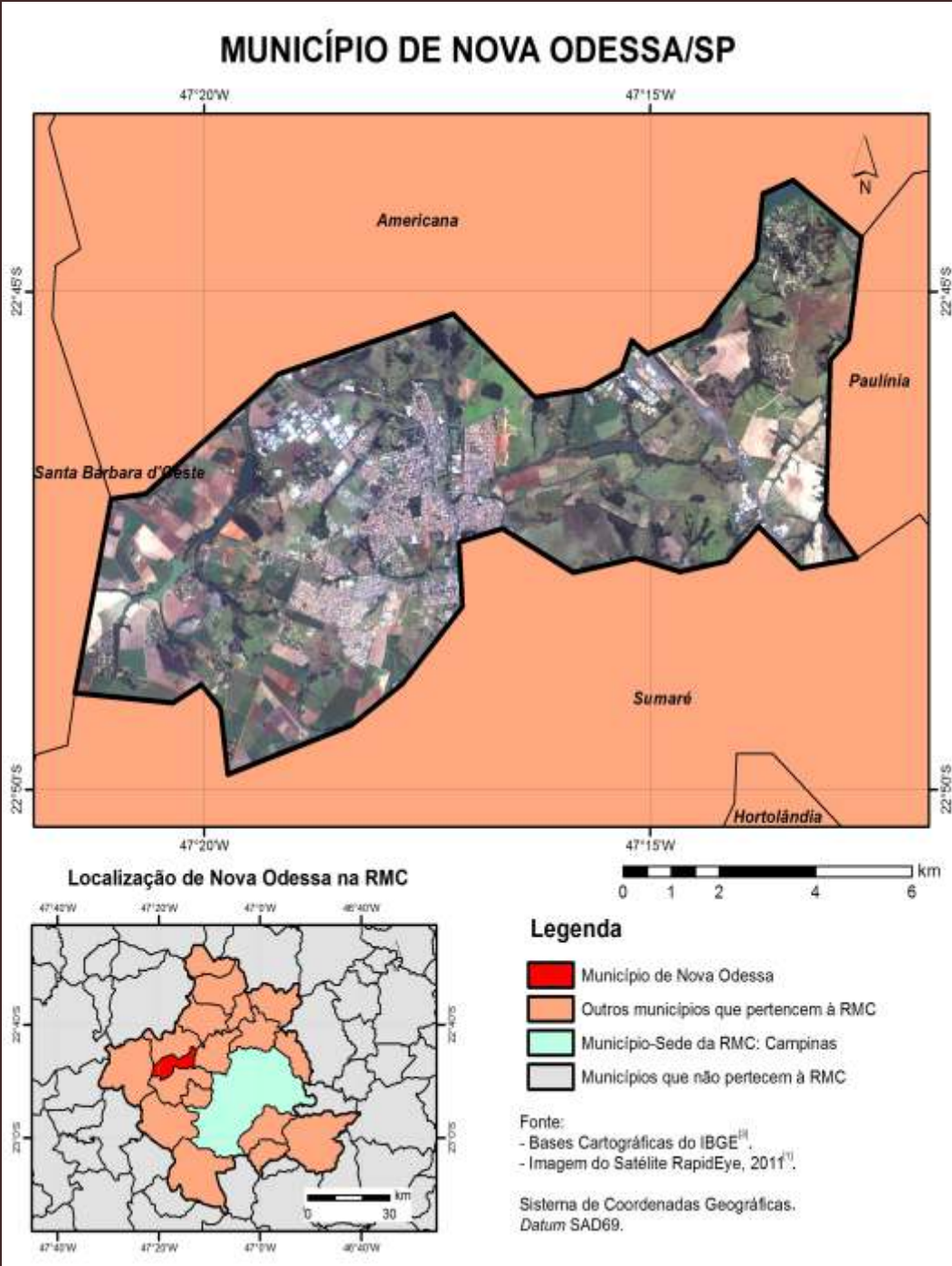
Esse núcleo recebeu um contingente de imigrantes da Rússia, que coexistiram por algum tempo com os portugueses e seus descendentes^[59]. Os imigrantes russos não se adaptaram ao novo lugar, já que, em sua maioria, eram profissionais essencialmente urbanos e não tinham conhecimento técnico em agricultura^[58].

Em 1906, chegaram a ocupar a região dezenas de famílias provenientes da Letônia, que já haviam passado pela região Sul do Brasil, trazendo consigo uma tradição de cultivo da terra^[58].

Embora os trilhos já cruzassem as terras da antiga Nova Odessa desde 1873, a inauguração da estação férrea ocorreu em 1907. Ela trouxe prosperidade ao núcleo colonial e ao setor agrícola, pois fazia a ligação do local a Campinas e a Rio Claro^[73]. Além da cana-de-açúcar, nesse período, a região também se destacou na produção de cereais, frutas, algodão, avicultura e laticínios^[58].

A emancipação do Município de Nova Odessa em relação a Americana ocorreu em 1958^[73].

As indústrias começaram a se instalar na década de 1940^[58], porém a diversificação e o expressivo crescimento industrial foram desencadeados a partir das décadas de 1980 e 1990. Na atualidade, sobressaem-se as indústrias têxteis, de transportes, metalúrgicas, de plásticos e químicas^[57].



Estação ferroviária de Nova Odessa.
Antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro. | Foto: Cristina Criscuolo.



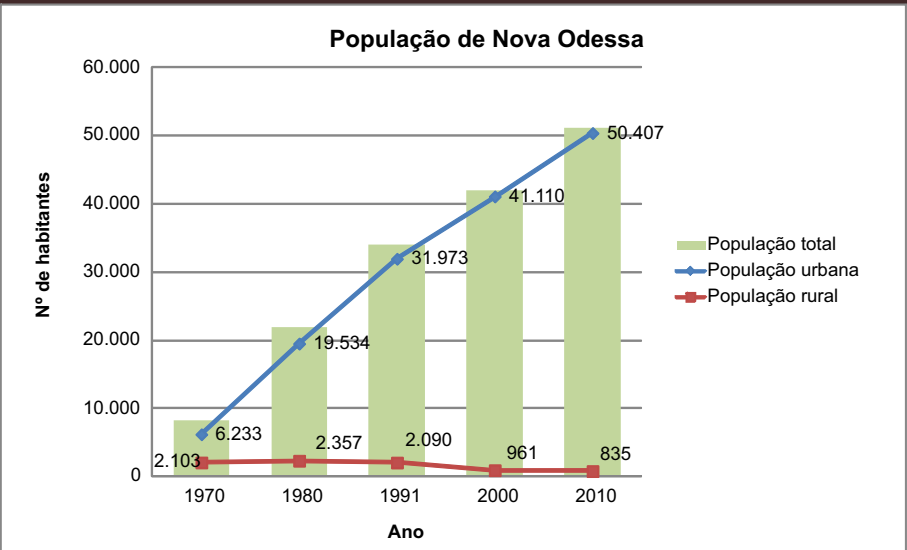
Vista do Bosque.
Localizado no município de Nova Odessa. | Foto: Fabio Torresan.



Instituto de Zootecnia.
Pesquisas científicas nas áreas de produção animal e pastagens. | Foto: Cristina Rodrigues.

Área: 74,32 km²^[51]
Altitude: 540 m^[66]
Gentílico: novaodessense^[51]

Coordenadas^[54]
Latitude: 22° 46' 38" S
Longitude: 47° 17' 49" W



Fonte: IBGE^[14].

Paulínia

Histórico

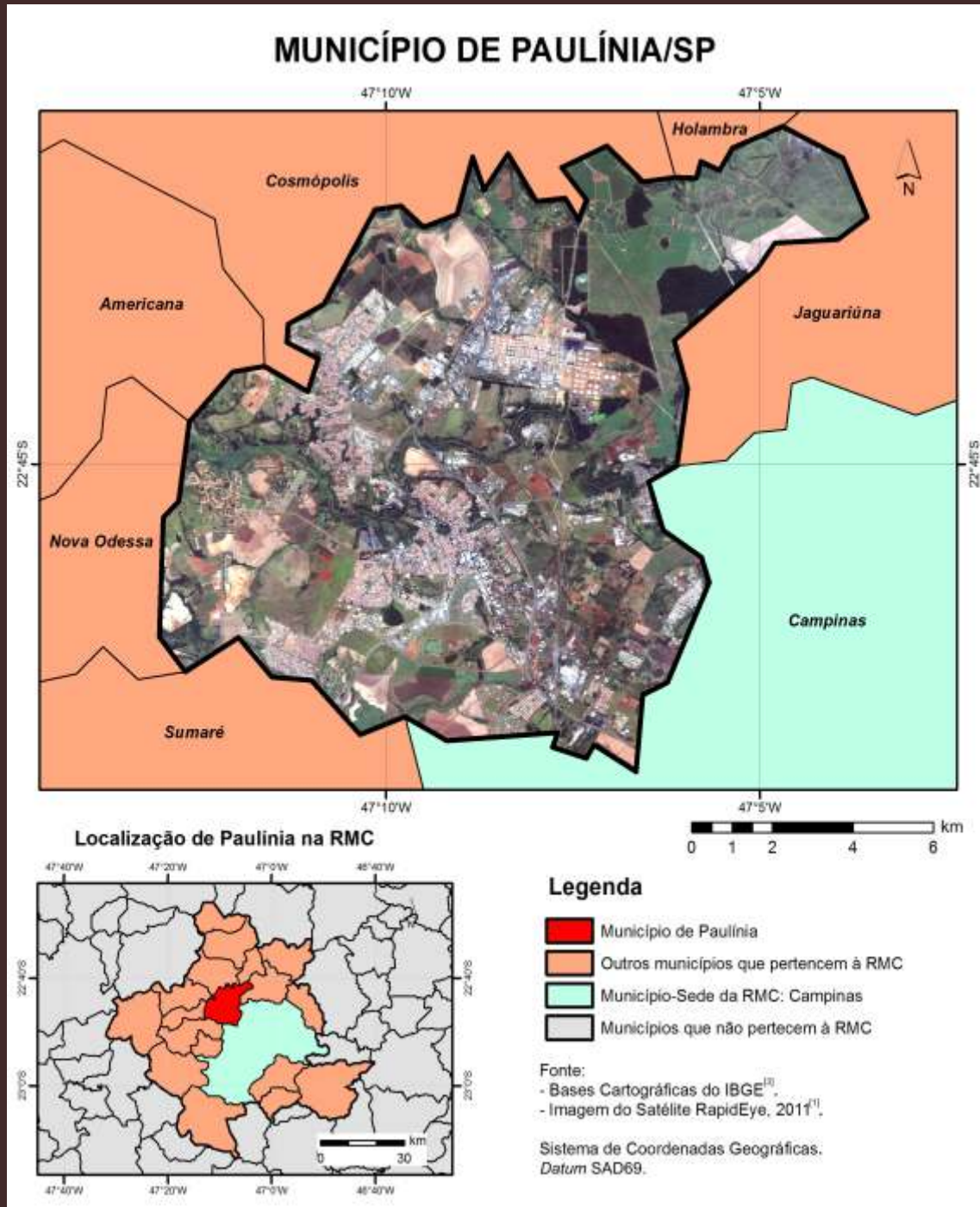
Assim como a grande maioria das cidades da região, em sua origem, Paulínia foi rota de tropeiros e seu território foi formado a partir da doação de grandes porções de terras aos interessados em colonizá-las e cultivá-las, as chamadas sesmarias. Com o passar do tempo, as terras desse local, situadas entre os rios Atibaia e Jaguari, se transformaram em grandes fazendas^[74].

No fim do século 19, destacava-se a Fazenda São Bento, de propriedade do Comendador Francisco de Paula Camargo, onde o café era o principal produto agrícola cultivado^[74]. A época também ficou marcada pela chegada de imigrantes italianos, que vieram trabalhar nas lavouras de café, em substituição à mão de obra escrava^[57].

Ainda no fim do século 19, os fazendeiros da região conseguiram implantar a ferrovia, denominada Cia. Carril Agrícola Funilense, que foi fundamental para o escoamento da produção de café. A estação local passou a se chamar José Paulino, como forma de homenagear importante pessoa pública e proprietário agrícola regional, pertencente à família Nogueira. A partir de então, a vila passou a ser conhecida pelo nome da estação e mais tarde, já no século 20, passou a ser denominada de Paulínia^[59].

Algumas heranças históricas desse período podem ser conferidas na paisagem, como a Capela de São Bento, construída na antiga fazenda, em 1903, e que hoje está localizada no centro da cidade^[74].

Na primeira metade do século 20, após a instalação de indústria química e têxtil na região, houve o impulso à vocação industrial^[59]. Nessa época, vinculada à indústria, era cultivada a cana-de-açúcar para produção de álcool^[58].



Vista aérea da Replan.
Localização estratégica no Estado de São Paulo. | Foto: Cristina Rodrigues.



Teatro Municipal de Paulínia.
Equipamentos e instalações para uso da população. | Foto: Cristina Crisculo.

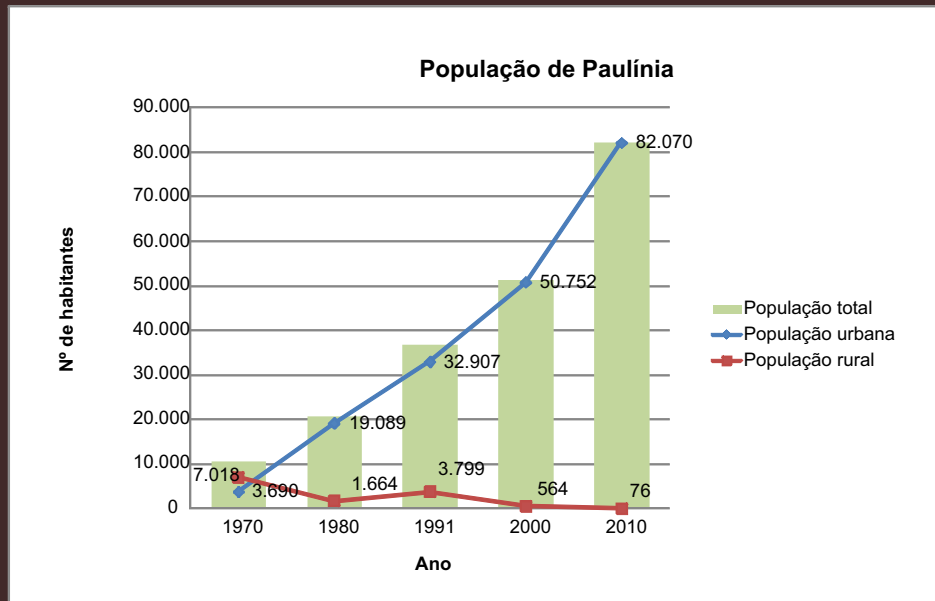
Em 1964, Paulínia desmembrou-se de Campinas e passou a ter autonomia política^[59]. Alguns anos depois, em 1972, foi inaugurada a refinaria de petróleo da Petrobrás (Replan) e, com ela, surgiram diversas outras indústrias, principalmente ao longo das rodovias^[57].

A implantação da refinaria fez com que o município se consolidasse como um polo petroquímico reconhecido internacionalmente. A implantação do polo foi fundamental para atrair população tanto para Paulínia quanto para os municípios vizinhos^[57].

Atualmente o Município de Paulínia tem uma base industrial consolidada, com destaque para as áreas petroquímica, química e da construção civil.

Área: 138,72 km² ^[58]
Altitude: 590 m ^[75]
Gentílico: paulinense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 45' 47" S
Longitude: 47° 09' 07" W



Fonte: IBGE^[14].

Pedreira

Histórico

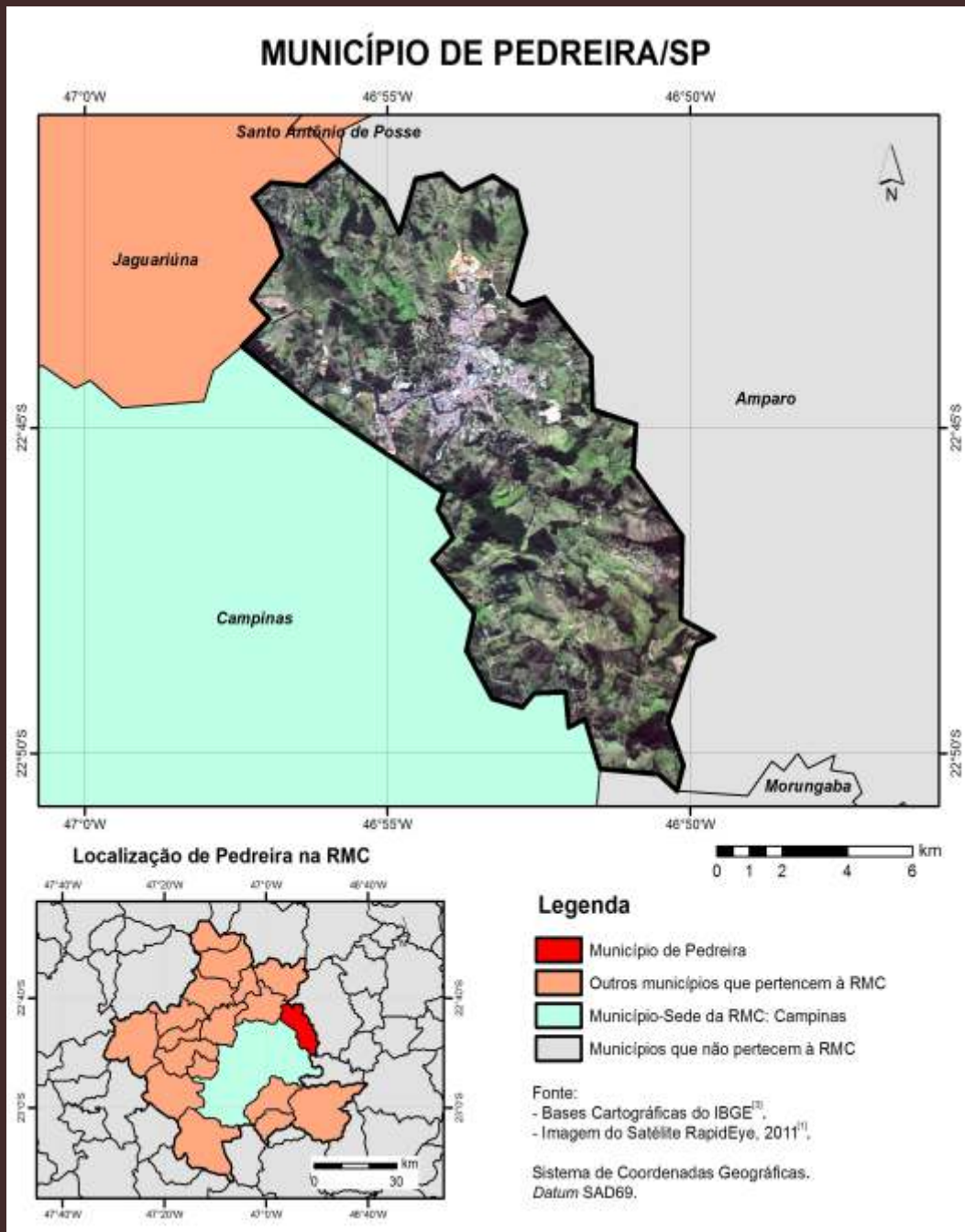
A formação do povoado que deu origem a Pedreira ocorreu a partir de 1820^[59], porém seu primeiro crescimento efetivo ocorreu por volta de 1885 às margens do Rio Jaguari, nas terras que pertenciam ao influente Coronel João Pedro de Godoy Moreira^[58].

Alguns anos depois, a região passou a ser rota da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, tendo sido a estação de Pedreira edificada nas terras do seu antigo proprietário. Ele também foi responsável pela construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora de Santana e pela abertura do arruamento inicial da vila com algumas instalações urbanas, como escola, cadeia, cemitério e hospital^[76].

A emancipação política de Pedreira em relação a Amparo ocorreu em 1896^[58].

Nessa época, a região se destacava no cultivo de café e já havia recebido contingente de imigrantes italianos para trabalhar na lavoura e também empreender na área urbana^[76]. O surgimento da indústria de cerâmica na região ocorreu a partir de 1914, com a fábrica de louças Santa Rita, que pertencia aos irmãos Rizzi^[76]. Na década de 1940, foram abertas duas importantes fábricas de porcelana, que contribuíram para o surgimento de dezenas de indústrias do setor^[76].

A partir da década de 1980, foram abertas as lojas para comercialização direta dos produtos fabricados regionalmente, assim como de itens de decoração elaborados a partir de outras bases, além da cerâmica^[76]. Após a década de 1990, o setor passou por dificuldades em razão da abertura do mercado nacional aos produtos estrangeiros, principalmente os de origem chinesa^[57]. A crise culminou no fechamento de diversas indústrias e fez com que o setor tivesse que diversificar para sobreviver. Atualmente o parque industrial e o comércio de Pedreira agregam a fabricação e a comercialização de enfeites e itens de decoração, destacando-se por oferecer produtos desse novo segmento aos consumidores^[59].



Prédio da estação férrea que pertencia à Cia Mogiana, rodeada por lojas e veículos dos consumidores de produtos regionais. | Foto: Cristina Criscuolo.

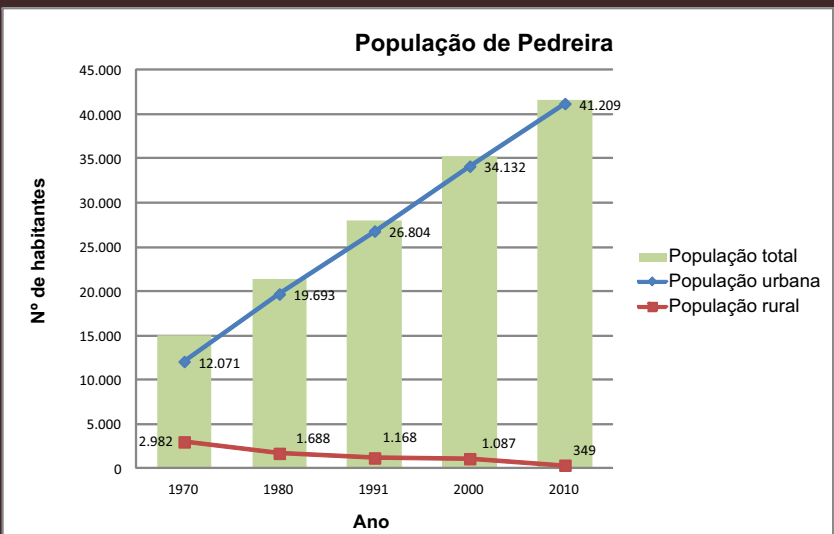


As antigas fazendas da região, com seus casarões. Paisagem é marcada por morros do Planalto Atlântico. | Foto: Cristina Criscuolo.

Pedreira pertence ao Circuito das Águas Paulista e explora o setor turístico como fonte de recursos. No município, existem roteiros que atraem desde visitantes interessados em adquirir os produtos locais até aqueles que buscam conhecer as antigas fazendas e a cultura regional. Os turistas também podem usufruir de paisagem bucólica, pois Pedreira está localizada no Planalto Atlântico, caracterizado por relevo acidentado.

Área: 108,59 km² ^[58]
Altitude: 600 m ^[61]
Gentílico: pedreirense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 44' 45" S
Longitude: 46° 53' 51" W



Fonte: IBGE^[14].



Antiga vila de operários de fábrica de porcelana, após o encerramento das suas atividades.

Cerâmica produzida e comercializada em Pedreira. Ícone da indústria local.

Maior diversificação dos produtos comercializados, verificada a partir de 1990.

Fotos: Cristina Criscuolo.

Santa Bárbara d’Oeste

Histórico

No início do século 19, a região de Santa Bárbara d’Oeste era cortada por estradas de tropeiros. As terras da região foram divididas em grandes propriedades pela Coroa Portuguesa e eram denominadas de sesmarias^[58].

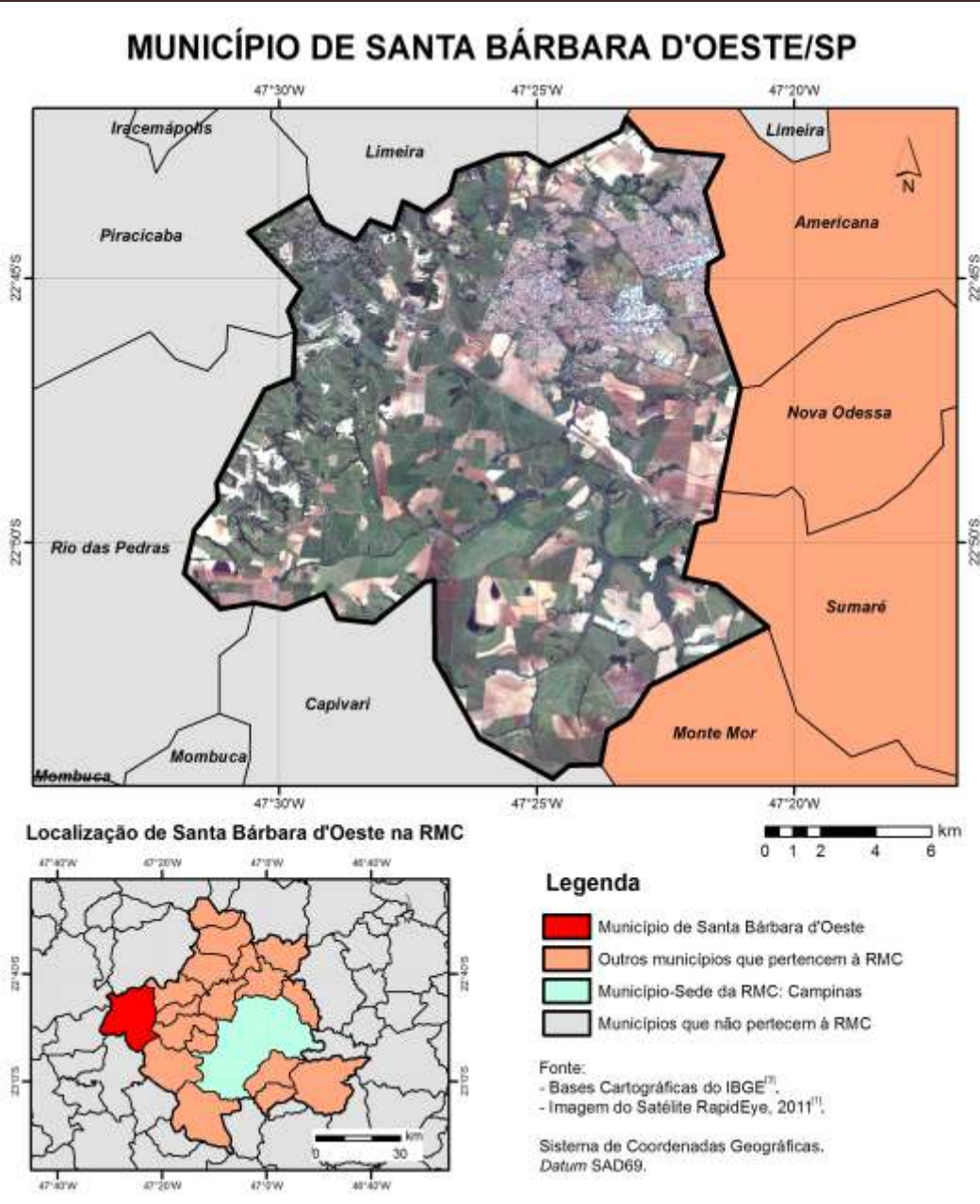
A sesmaria existente na região pertencia à família de Dona Margarida da Graça Martins, considerada a fundadora do município^[58]. O povoado foi iniciado nas terras dessa família por volta de 1818, onde também foi construída uma capela em homenagem à Santa Bárbara, que trouxe identidade ao bairro rural^[77].

A boa fertilidade das terras da região era associada ao porte das árvores que ali existiam^[58]. Essa característica atraiu desbravadores, que iniciaram o povoado e começaram a substituir as matas pelas lavouras, principalmente de cana-de-açúcar e cereais^[77].

Em 1867, após a Guerra Civil Americana, a região recebeu imigrantes do sul dos Estados Unidos, que trouxeram para o Brasil técnicas que melhoraram a prática agrícola regional^[58]. Nesse ponto, a história de Santa Bárbara d’Oeste funde-se com a de Americana, por ter sido esta última surgida nas proximidades da estrada férrea de Santa Bárbara, onde foi edificada uma vila que recebeu imigrantes norte-americanos e europeus^[57]. A emancipação política de Santa Bárbara d’Oeste ocorreu em 1869, quando ela se desmembrou de Piracicaba^[58].

Após a chegada dos imigrantes vindos dos Estados Unidos, outros também se fixaram na região, principalmente os italianos^[77]. Os imigrantes trouxeram força e habilidade para os trabalhos desempenhados no campo e nas vilas.

Na área agrícola, as plantações de cana-de-açúcar destacaram-se na paisagem desde o surgimento do município. Em 1877, ela já era cultivada em larga escala, para a produção de aguardente, açúcar e álcool em engenhos^[59;77].



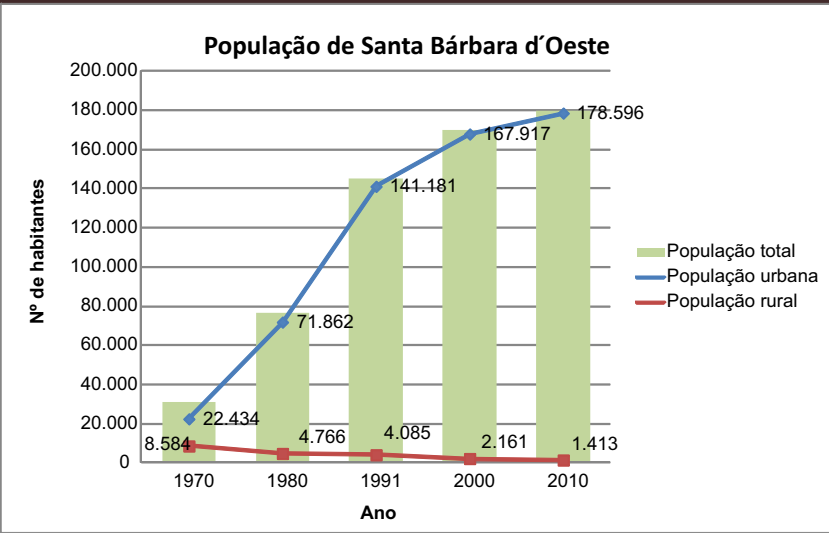
Igreja Matriz de Santa Bárbara
Localizada na região central da cidade. | Foto: Cristina Criscuolo.

A partir de 1910, foram implantadas as grandes usinas de açúcar e álcool, como a Furlan, Santa Barbara, Cillos e Galvão^[77].

O núcleo urbano de Santa Bárbara d’Oeste permaneceu estagnado^[58] até a metade do século 20, quando se desenvolveram o comércio, os serviços e as indústrias, com destaque para as metalúrgicas, mecânicas, têxteis, químicas, de borracha e de implementos agrícolas^[57].

Área: 270,89 km² ^[58]
Altitude: 560 m ^[61]
Gentílico: barbarenses ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 45' 15" S
Longitude: 47° 24' 58" W



Fonte: IBGE^[14].



Estação de Santa Bárbara, onde atualmente funciona a Estação Cultural. | Foto: Cristina Criscuolo.



Aspecto da cena urbana. | Foto: Cristina Criscuolo.

Santo Antônio de Posse

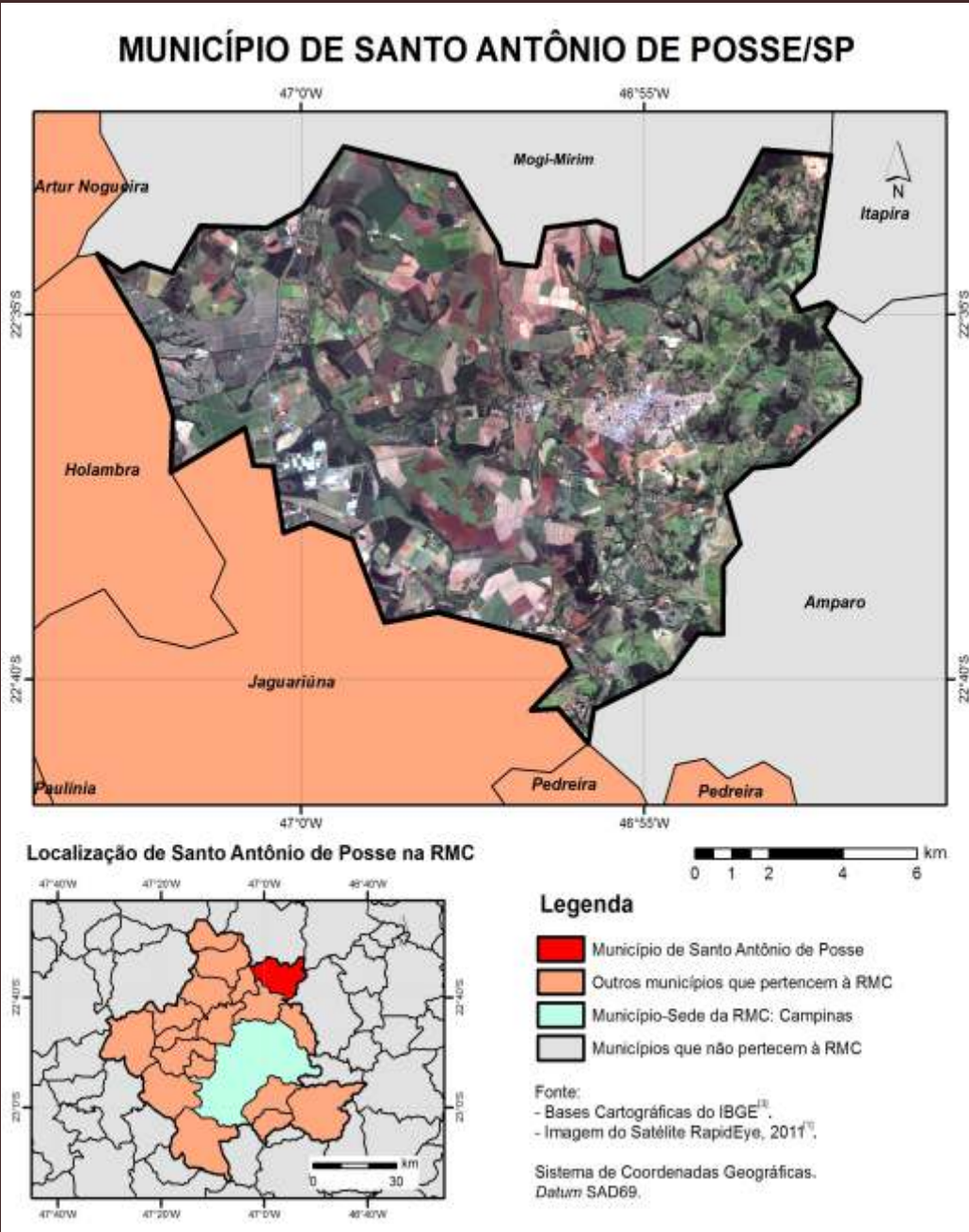
Histórico

As terras de Santo Antônio de Posse faziam parte de antigas sesmarias da região de Mogi-Mirim, as quais, no século 18, eram cortadas por caminhos precários que ligavam os atuais estados de São Paulo e de Minas Gerais. Os pontos de parada das comitivas e tropas que circulavam pela região deram origem aos povoados^[78].

O estabelecimento econômico da região ocorreu a partir do ciclo cafeeiro e da construção da estrada de ferro da Cia. Mogiana, por influência dos fazendeiros estabelecidos no local. A existência da Estação Ferroviária da Ressaca, a partir de 1875, facilitou o transporte de mercadorias e pessoas, interligando a região aos grandes centros da época. A chegada de imigrantes foi facilitada pela existência da ferrovia e impulsionada pela necessidade de trabalhadores para as lavouras de café. As principais nacionalidades dos imigrantes recebidos em Santo Antônio de Posse foram a italiana, a libanesa e a portuguesa. A origem do nome da estação (Ressaca) está no fato de que o café recebido das fazendas era ali reensacado para seguir de trem até o porto^[78].

O povoado começou a crescer próximo à igreja, que teve sua construção iniciada a partir de 1892. Anos depois, a localidade deixou de ser conhecida pelo nome de Sítio da Posse e, transformada em Distrito, passou a ser conhecida como Posse da Ressaca^[58]. Os principais eixos de crescimento urbano ocorreram ao longo das estradas, que ligavam a região às atuais Mogi-Mirim e Jaguariúna e às atuais Holambra e Amparo^[59; 78]. O nome de Santo Antônio de Posse foi adotado a partir da criação do município, ocorrida em 1953^[58].

Atualmente a região se destaca economicamente pelas atividades comerciais e de serviços. O município abriga indústrias especializadas nos setores metalúrgico e químico e, na produção agropecuária, os destaques são: a cana-de-açúcar, a citricultura, a produção de flores e plantas ornamentais, hortaliças, bovinocultura, avicultura e equinocultura^[39; 59].



Edifício da antiga estação ferroviária da Ressaca.
Pertencia à Cia. Mogiana de Estradas de Ferro. | Foto: Cristina Criscuolo.



Igreja Matriz de Santo Antônio de Posse.
Marco da criação da cidade. | Foto: Cristina Criscuolo.



Rua Dr. Jorge Tibiriçá.
Principal via de acesso ao município. | Foto: Cristina Criscuolo.

Área: 153,99 km² ^[58]

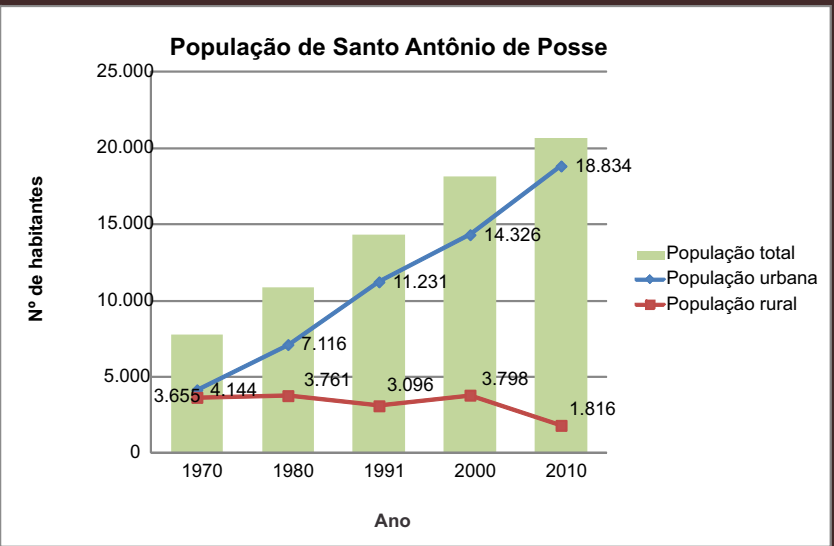
Altitude: 670 m ^[61]

Gentílico: possense^[58]

Coordenadas^[61]

Latitude: 22° 36' 05" S

Longitude: 46° 55' 05" W



Fonte: IBGE^[14].

Sumaré

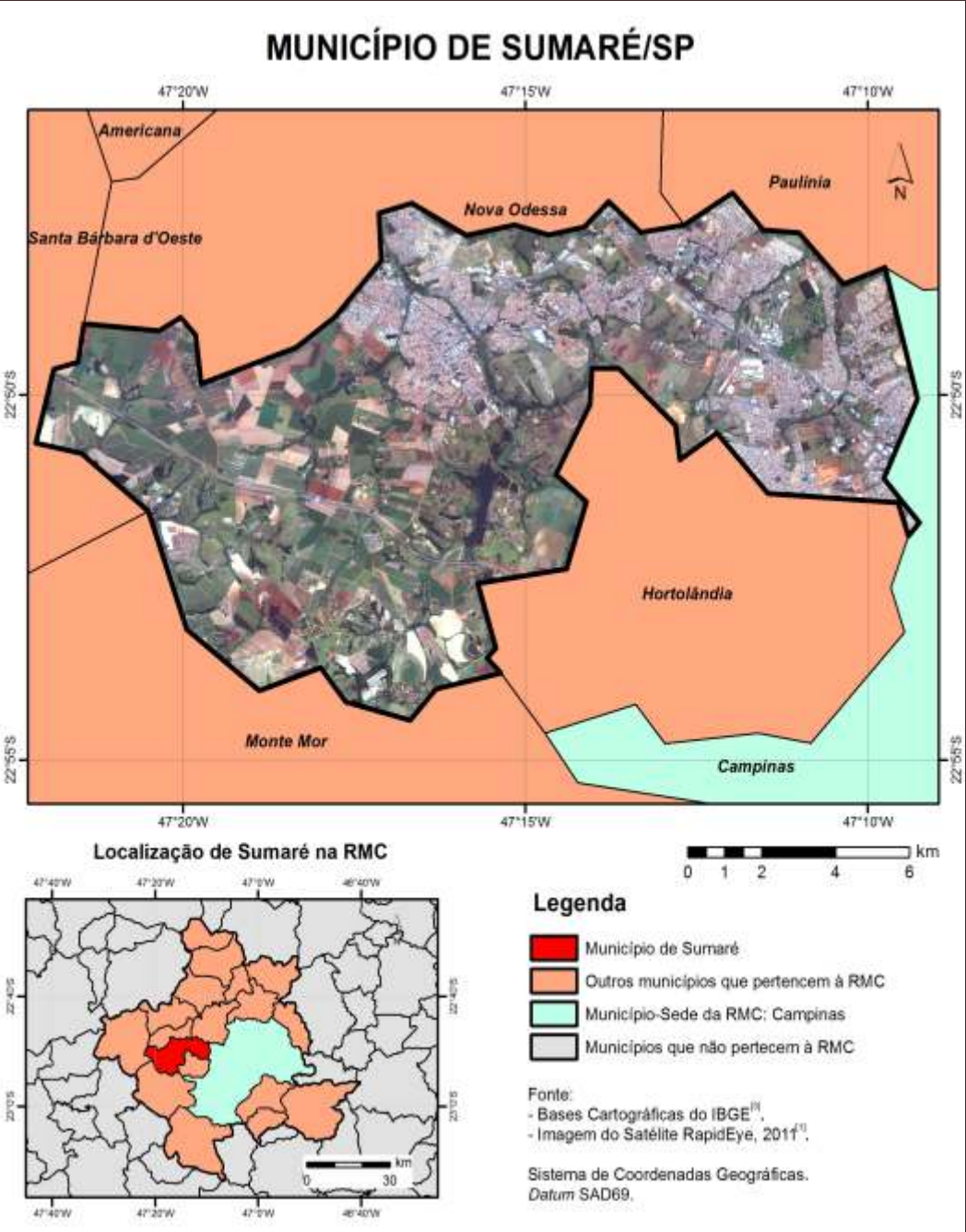
Histórico

O Município de Sumaré foi criado em 1953, quando se emancipou de Campinas^[58]. Até essa data, a história de Sumaré funde-se com a história de Campinas, fortemente influenciada pela lavoura cafeeira e pelas transformações da paisagem causadas por esse ciclo econômico na região. Como característica marcante do período da cafeicultura, existiam grandes fazendas produtoras originadas de antigas sesmarias^[79].

As lavouras de café eram cultivadas por meio de mão de obra escrava e, mais tarde, pelos imigrantes europeus, principalmente italianos^[79]. A região também teve seus terrenos cortados pelas linhas férreas da Companhia Paulista, em 1875, que trouxeram crescimento econômico e a incluíram nas principais rotas econômicas do estado^[58]. A construção da capela de Nossa Senhora de Sant’Ana foi marco de origem do vilarejo, que, mais tarde, seria chamado de Rebouças e, em seguida (1944) de Sumaré^[58].

Até a década de 1950, havia predomínio de mão de obra imigrante, principalmente de portugueses e italianos, fortemente associada ao cultivo de café. Após a década de 1950, a região começou a atrair grandes empresas e indústrias, muitas delas multinacionais, ocasionando atração de mão de obra nacional proveniente de outras regiões do estado e do País, com destaque para os migrantes da região Nordeste do Brasil e do Estado do Paraná^[79].

O parque industrial de Sumaré é dinâmico e diversificado, com destaque para os setores metalúrgico, têxtil, elétrico e químico. Com a chegada das indústrias, o crescimento da população e o dinamismo do setor imobiliário, o município presenciou o inchaço de sua área urbana, resultando na conurbação com outros municípios da região de Campinas.



Igreja Matriz Nossa Senhora de Sant’Ana. Marco de criação do município. | Foto: Cristina Criscuolo.



Antiga Estação Rebouças, construída em 1875, durante o ciclo do café.



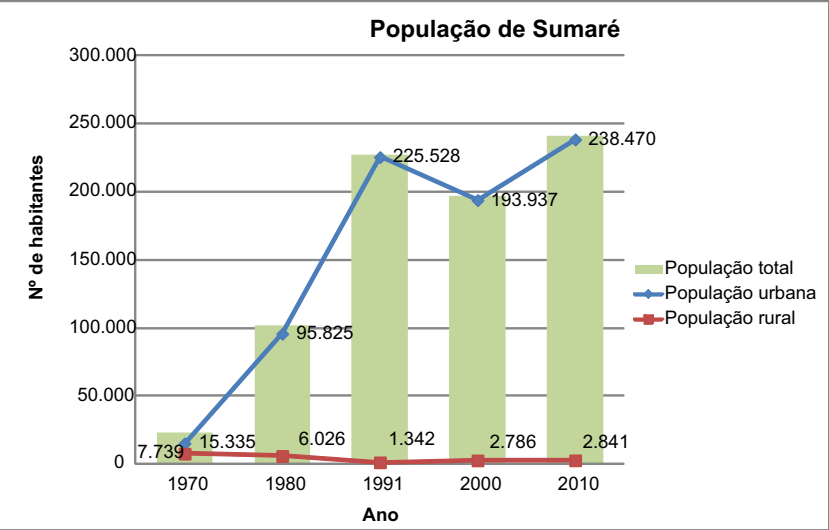
Estrada Municipal Teodor Condiev. Próxima ao Assentamento II do Projeto Reforma Agrária, implantado em 1985. | Foto: Cristina Criscuolo.



Vista aérea de empresa multinacional localizada na Rodovia Anhanguera. O município possui empresas especializadas em diversas áreas de conhecimento. | Foto: Cristina Rodrigues.

Área: 153,50 km² ^[58]
Altitude: 580 m ^[61]
Gentílico: sumareense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 49' 13" S
Longitude: 47° 16' 08" W



Fonte: IBGE^[14].

Valinhos

Histórico

A origem de Valinhos está ligada à sesmaria doada a Alexandre Simões Vieira em 1732. Ele abriu um novo caminho de Jundiaí em direção ao ouro descoberto nos campos de Goiás, que desviava da atual Campinas. Assim surgiu um ponto de parada dos viajantes nas margens do antigo Ribeirão dos Pinheiros^[80].

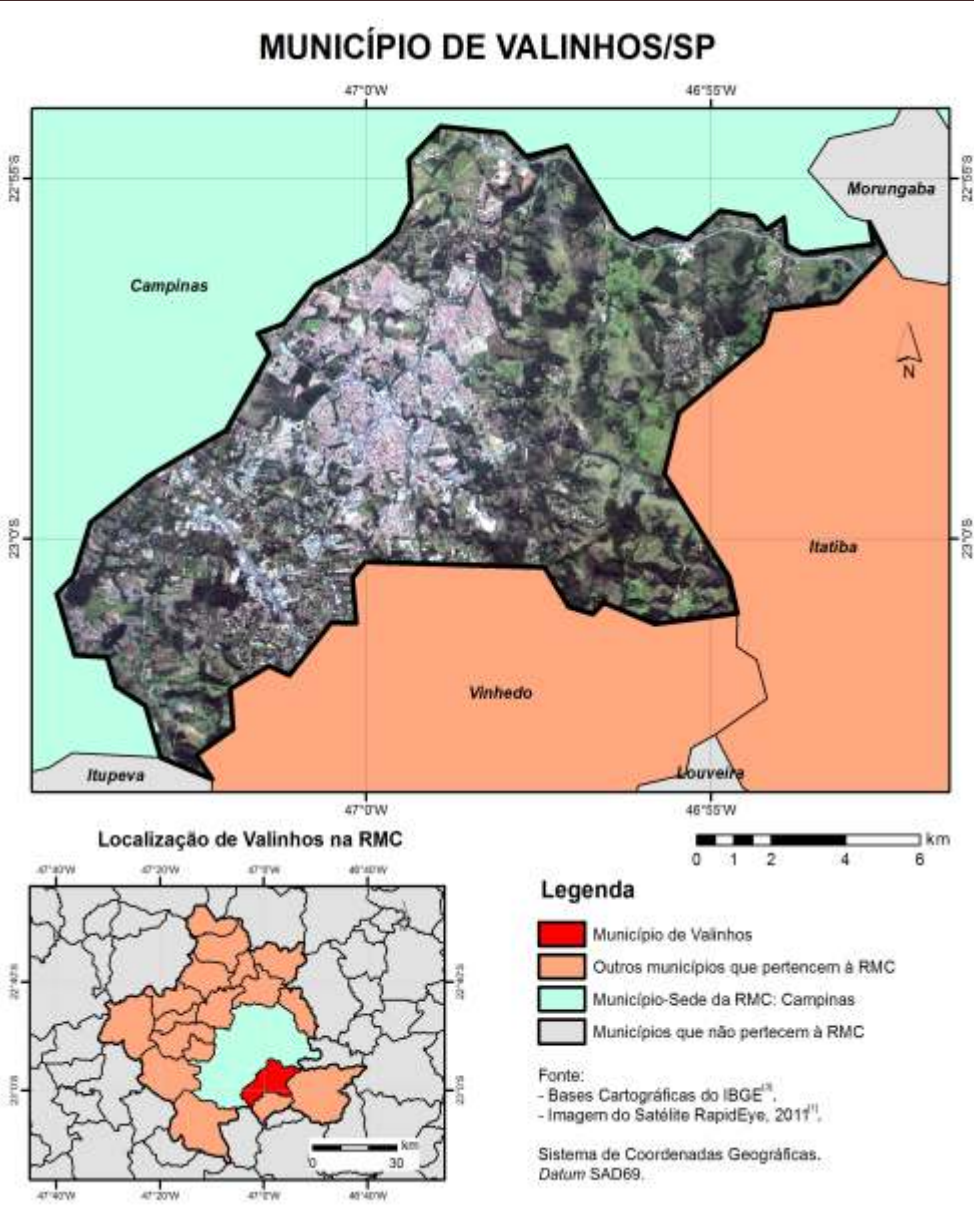
Na época, as terras locais estavam divididas em grandes propriedades que pertenciam a Jundiaí e que, mais tarde, passariam a fazer parte de Campinas^[58;80]. Os caminhos precários foram substituídos pela ferrovia somente em 1872, quando a região já era forte produtora de café. O ramal férreo foi construído pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro e ligava a região a Jundiaí^[80].

O crescimento do povoado ocorreu a partir do fim do século 19. Em 1888, a região recebeu imigrantes italianos para o trabalho na lavoura de café, em substituição à mão de obra escrava^[59]. Em 1889, uma epidemia de febre amarela em Campinas resultou na emigração de sua população para outras regiões. A Vila de Valinhos recebeu muitos habitantes fugidos da epidemia e, com o aumento do número de pessoas que ali viviam^[80], foi elevada à categoria de Distrito de Campinas em 1896^[58].

A partir de 1910, um imigrante italiano chamado Lino Busatto introduziu o plantio de figo roxo, que passou a ser produzido em escala comercial. Desde então, a região ganhou destaque no plantio de frutas^[80].

Em 1953, o Município de Valinhos foi criado, desmembrando-se de Campinas^[58]. Na década de 1960, a região recebeu imigrantes japoneses, que introduziram o cultivo da goiaba^[80]. Valinhos faz parte do Circuito das Frutas e se destaca na produção de figo e goiaba. Além disso, também produz pêssego, caqui e uva. O setor de comércio e serviços é diversificado e compõe a principal fatia do PIB local. O parque industrial de Valinhos agrega indústrias mecânicas, químicas, farmacêuticas, de perfumaria, produção alimentícia, transporte, extração mineral e papel^[59].

Comercialização de produtos regionais. O turismo rural é reconhecida atividade econômica. Foto: Cristina Criscuolo.



Localização estratégica, infraestrutura e competitividade atraem indústrias de grande porte. | Foto: Cristina Rodrigues.



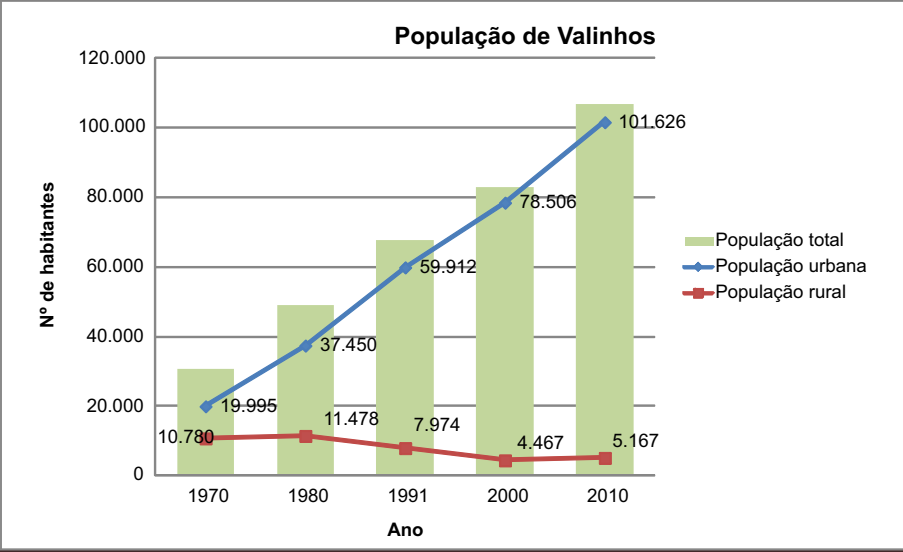
Cidade tem condomínios e bairros com população de alto poder aquisitivo. Foto: Cristina Rodrigues.



Cultivo de frutas em pequenas propriedades. | Foto: Cristina Rodrigues.

Área: 148,59 km² ^[58]
Altitude: 660 m ^[61]
Gentílico: valinhense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 22° 58' 25" S
Longitude: 46° 59' 50" W



Fonte: IBGE^[14].

Vinhedo

Histórico

Do século 17, datam os primeiros registros de ocupação das terras de Vinhedo, durante o Ciclo do Ouro. A região era cortada pelas antigas estradas de tropeiros e bandeirantes^[81].

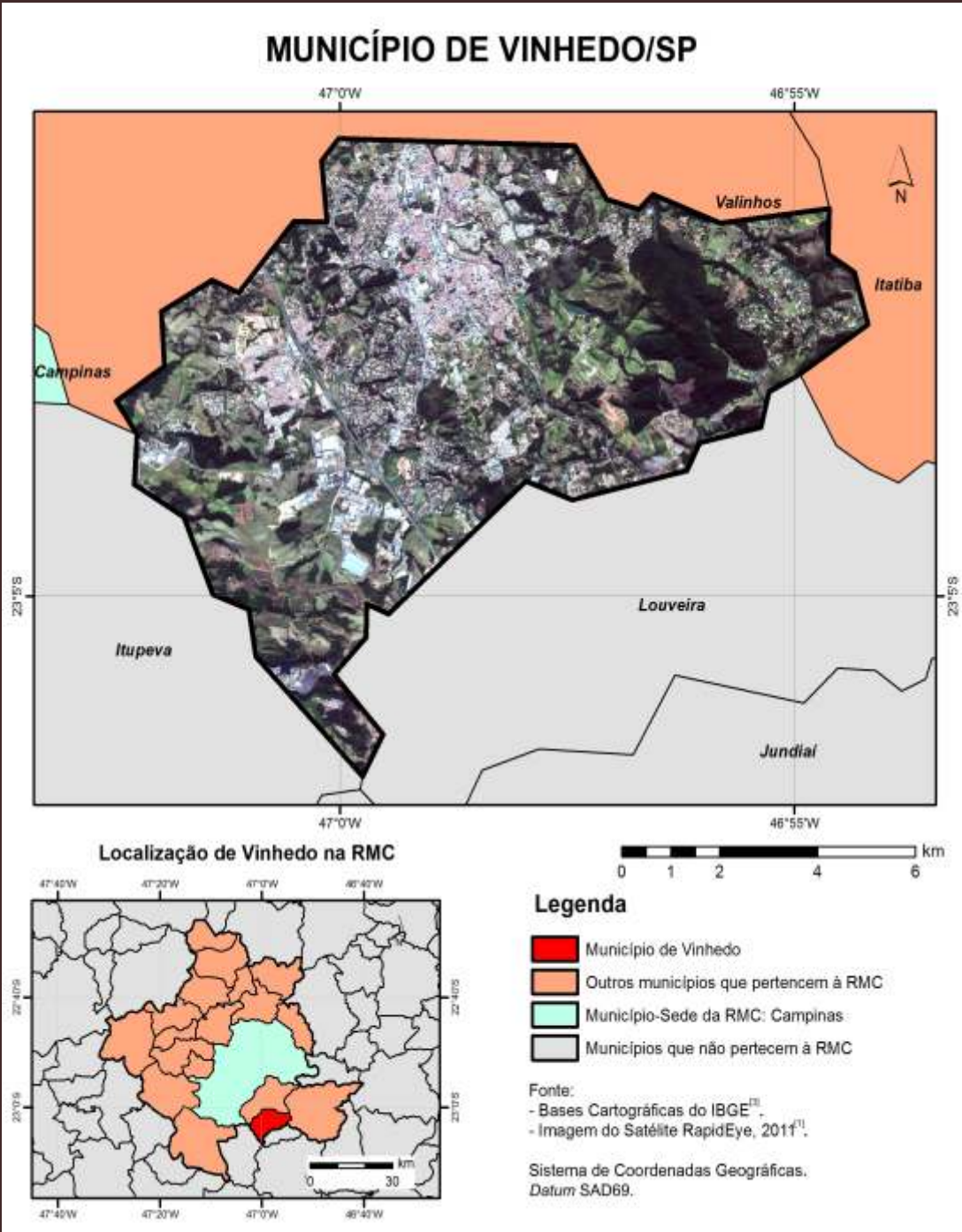
O estabelecimento do povoado veio muito tempo depois, já no século 19, com o uso agrícola das terras que deu origem ao primeiro nome do local, conhecido como Rocinha^[58]. O crescimento foi impulsionado durante o ciclo cafeeiro^[59], especialmente por sua localização entre Campinas e São Paulo, rota de passagem entre regiões ricas e dinâmicas.

Como ocorreu com os municípios da região, durante o ciclo cafeeiro houve a chegada de imigrantes europeus, de origem italiana. Anos mais tarde, eles introduziram o plantio da uva para fabricação de vinho, aproveitando-se das condições climáticas adequadas ao cultivo da fruta. Em 1908, o antigo povoado passou a ser um distrito de Jundiaí. No início do século 20, também surgiram as primeiras indústrias, especializadas em tecelagem e cerâmica^[59].

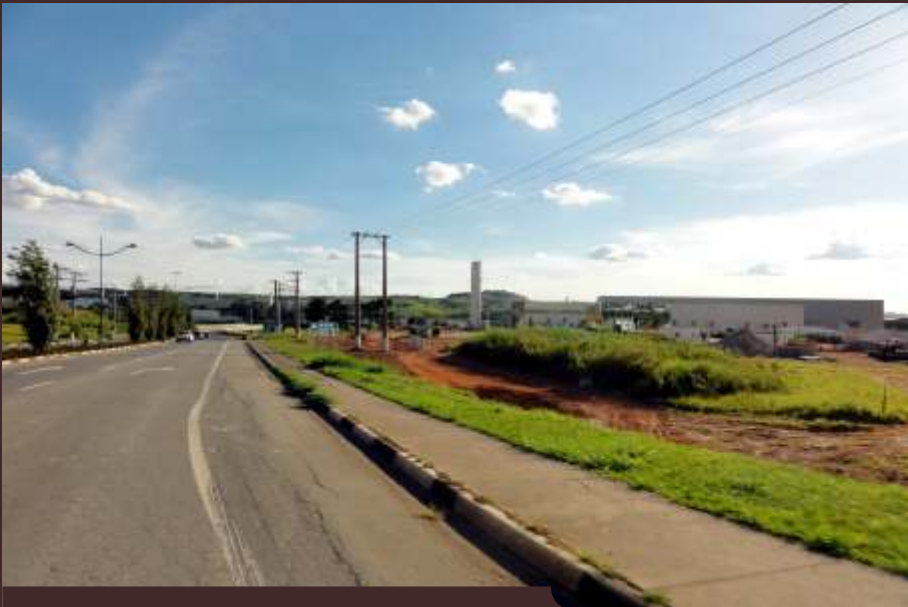
Em 1948, houve a emancipação de Jundiaí e a alteração do nome para Vinhedo. A emancipação política foi consequência do sucesso econômico conseguido pela agricultura, com as plantações de videiras^[58].

Nas últimas décadas, houve crescimento populacional desencadeado pela implantação das indústrias^[57]. São comuns no município condomínios de alto padrão. Eles atraem habitantes de outras cidades, que buscam morar com melhor qualidade de vida. Destacam-se também a infraestrutura urbana e as instalações que o município oferece para uso da população.

O setor terciário é a principal fonte de recursos do município, seguido pelo expressivo parque industrial, que contempla indústrias especializadas, com destaque para as de minerais não metálicos, químicas, eletroeletrônicas e de papel^[59].



Nas últimas décadas, foram implantados condomínios fechados. | Foto: Cristina Criscuolo.

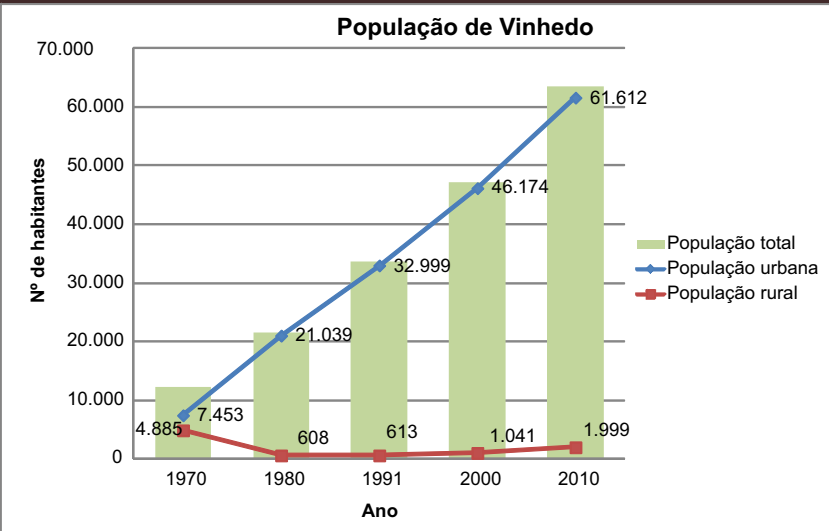


O setor industrial agrega empresas de grande porte. Geração de empregos e atração populacional. | Foto: Cristina Criscuolo.

A agricultura continua tendo importância até hoje, embora tenha perdido espaço para os loteamentos que surgiram nos últimos anos. Uma das fontes de renda exploradas pelo município e promovida pela agricultura é o turismo, ao atrair visitantes interessados em conhecer os atrativos do Circuito das Frutas, do qual o município faz parte. Anualmente, Vinhedo organiza a Festa da Uva, referência na região, que atrai visitantes de várias partes do estado que desejam conhecer e degustar um importante produto da agricultura regional.

Área: 81,60 km² ^[58]
Altitude: 720 m ^[61]
Gentílico: vinhedense ^[58]

Coordenadas ^[61]
Latitude: 23° 01' 47" S
Longitude: 46° 58' 28" W



Fonte: IBGE^[14].



Estação da antiga Cia. Paulista de Estradas de Ferro — construída em 1872 durante o ciclo do café.



Plantação de videiras para fabricação de vinhos — herança da cultura europeia no município.



O setor terciário é responsável pela maior fatia do PIB municipal.

Fotos: Cristina Criscuolo.



Agricultura em debate na RMC

Neste **primeiro volume**, vimos quais municípios compõe a Região Metropolitana de Campinas e conhecemos alguns de seus aspectos relacionados à história, à economia, ao meio ambiente e à sociedade. Observamos que a agricultura implantada no Brasil a partir do descobrimento foi fundamental para o surgimento dos municípios da RMC. Desde então, vários ciclos econômicos se passaram, nos quais a agricultura sempre esteve presente.

No **próximo volume**, entraremos em contato com dados e informações sobre o setor agropecuário da RMC. Veremos como a agropecuária está presente em praticamente tudo o que existe ao nosso redor. Basta perguntarmos de onde vêm nossas roupas, sapatos, alimentos, combustíveis, as matérias-primas para as indústrias e assim por diante.

Também como a agropecuária pode contribuir para que a sociedade alcance níveis elevados de qualidade de vida, conseguidos por meio dos hábitos alimentares saudáveis.

Referências

- [1] EMBRAPA MONITORAMENTO POR SATÉLITE. **Mosaico de imagens do Satélite RapidEye**. Campinas, 2011.
- [2] NASA. Goddard Space Flight Center. **Imagens do Sensor Modis**: Reto Stöckli. Disponível em: <http://visibleearth.nasa.gov/view.php?id=57752>. Acesso em: 19 fev. 2013.
- [3] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malhas digitais - município, 2001**. Disponível em: <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm>. Acesso em: 30 abr. 2004.
- [4] WORLDSAT INTERNACIONAL. **Mosaico de Imagens do Satélite NOAA - 1996**. Redlands, 2002. (CD-ROM: ESRI Data & Maps).
- [5] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico - 2010**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 fev. 2013.
- [6] WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. **Regiões Metropolitanas do Brasil**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es_metropolitanas_do_Brasil. Acesso em: 14 fev. 2013.
- [7] JUSBRASIL: **Educação Jurídica, Política e Administração Pública**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2013.
- [8] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal IBGE # Teen**: Municípios Novos. Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/noticias>. Acesso em: 16 fev. 2013.
- [9] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto dos Municípios - 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2010/default_pdf.shtm>. Acesso em: 16 fev. 2013.
- [10] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Área Oficial dos Municípios. Banco de Dados IBGECidades@**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1/>. Acesso em: 30 abr. 2012.
- [11] FUNDAÇÃO SEADE; IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto – Municipal, 2010**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/pibmun/index.php>. Acesso em: 16 fev. 2013.
- [12] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; FUNDAÇÃO SEADE. **Taxa de Urbanização na RMC, 2010**. Disponível em: <http://www.agemcamp.sp.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2013.
- [13] PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS (SP). **Plano Diretor do Município de Campinas - 2006**. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/plano-diretor-2006/>. Acesso em: 28 ago. 2012.
- [14] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos do Brasil - 1960/1970/1980/1991 e 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 abr. 2012.
- [15] BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- [16] BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. **Censo Educacional 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- [17] BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Estado da Educação – SEE/ Centro de Informações Educacionais – CIE. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep. **Fundação Seade, 2011**. Disponível em: <http://www.agemcamp.sp.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2013.
- [18] UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas. **Diretoria Acadêmica da Unicamp (DAC)**. Disponível em: <http://www.dac.unicamp.br/porta1/>. Acesso em: 3 out. 2012.
- [19] EMBRAPA MONITORAMENTO POR SATÉLITE. **Mosaico de imagens do Satélite WorldView**. Campinas, 2011.
- [20] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp). **A Unicamp**: Unicamp em números. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- [21] BRASIL. Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep. **Fundação Seade, 2007**. Disponível em: <http://www.agemcamp.sp.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2013.
- [22] FUNDAÇÃO SEADE. **Informações dos municípios paulistas**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- [23] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Assistência Médica Sanitária 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 22 jan. 2013.
- [24] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde – DATASUS. **Leitos de Internação**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2013.
- [25] BRASIL. Ministério da Saúde. **O Brasil em números**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/o-brasil-em-numeros-1/saude>. Acesso em: 25 fev. 2013.
- [26] SÃO PAULO (Município). Conselho Regional de Medicina – CRM/SP. **Fundação Seade - 2011**: Médicos registrados no CRM/SP. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=consulta&action=var_list&tema=1&tabs=1&aba=tabela1&redir=>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- [27] FUNDAÇÃO SEADE. **Mortalidade infantil**. Disponível em: <http://www.agemcamp.sp.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=28&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2013.
- [28] COMITÊ PCJ. **Comitê das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí**. Disponível em: <http://www.comitepcj.sp.gov.br/comitespcj.htm>. Acesso em: 25 jan. 2013.
- [29] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico. Resultados do Universo**: dados extraídos pela Agemcamp. Disponível em: <http://www.agemcamp.sp.gov.br>. Acesso em: 24 jan. 2013.
- [30] AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Atlas Brasil**: abastecimento urbano de água. Disponível em: <http://atlas.ana.gov.br/Atlas/forms/Home.aspx>. Acesso em: 28 jan. 2013.
- [31] CETESB. Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental. **Relatório sobre qualidade das águas superficiais no Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br/agua/aguas-superficiais/35-publicacoes/-relatorios>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- [32] CETESB. Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental. **Inventário estadual de resíduos sólidos domiciliares**. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br/solo/publica%C3%A7%C3%B5es-e-Relat%C3%B3rios/1-Publica%C3%A7%C3%B5es/-Relat%C3%B3rios>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- [33] FUNDAÇÃO SEADE; IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto Total e per capita a preços correntes nos municípios do Estado de São Paulo, 2010**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/pibmun/index.php>. Acesso em: 18 fev. 2013.
- [34] AGEMCAMP. **Municípios da RMC aparecem entre os 100 maiores PIBs do Brasil em 2010** - Observatório Metropolitano – Indicadores da RMC. Disponível em: <http://www.observatoriometropolitano.agemcamp.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=130:municipios-da-rmc-aparecem-entre-os-100-maiorespibs-do-brasil&catid=2:noticias&Itemid=8>. Acesso em: 18 fev. 2013.
- [35] BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS**. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=consulta&action=var_list&tema=1&tabs=1&aba=tabela1&redir=>. Acesso em: 18 fev. 2013.
- [36] ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE CAMPINAS. Disponível em: <http://www.acic.bz/>. Acesso em: 22 jan. 2013.
- [37] IAC. Instituto Agrônômico de Campinas. **Conheça o Instituto Agrônômico de Campinas**. Disponível em: <http://www.iac.sp.gov.br/areadoinstituto/instituto/>. Acesso em 20 fev. 2013.
- [38] GOMES, C. **Campinas**: do cafezal ao software, com competência e liderança. Disponível em: <http://www.forumcampinas.org.br/2011/forum/campinas.php>. Acesso em: 1 nov. 2012.
- [39] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo - LUPA 2007/2008**. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>. Acesso em: 7 jan. 2013.
- [40] KIEHL, E. J. **Manual de Edafologia**: relações solo-planta. São Paulo: Editora Agrônômica Ceres Ltda, 1979.
- [41] OLIVEIRA, J. B.; CAMARGO, M. N.; ROSSI, M.; CALDERANO FILHO, B. **Mapa pedológico do Estado de São Paulo**: legenda expandida. Campinas: Instituto Agrônômico; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 1999. 64 p. mapa.
- [42] EMBRAPA SOLOS. **Calendário dos solos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2013. Disponível em: http://www.cnps.embrapa.br/noticias/banco_noticias/20130207.html>. Acesso em: 07 mar. 2013.
- [43] CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blucher, 1980.
- [44] ROSS, J. L. S.; MOROZ, I. C. **Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo**. São Paulo: Laboratório de Geomorfologia Depto de Geografia FFLCH-USP; Laboratório de Cartografia Geotécnica - Geologia Aplicada – IPT; FAPESP, 1997.
- [45] U.S. GEOLOGICAL SURVEY. **Shuttle Radar Topography Mission**. Maryland: Global Land Cover Facility. University of Maryland. Disponível em: <http://glcf.umd.edu/data/srtm/>. Acesso em: 8 mar. 2013.
- [46] SÃO PAULO (Estado). **Estudos de Turismo do Estado de São Paulo 2011-2012**. São Paulo: Secretaria de Turismo. Empresa Paulista de Turismo e Eventos, 2012.
- [47] BRASIL. Ministério do Turismo. **Estabelecimentos de hospedagem, por tipos, unidades habitacionais e capacidade total de hóspedes dos municípios de interesse turístico – 2011**. Disponível em: http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/outros_estudos/estudo_ibge_hospedagem/downoad_ibge_hospedagem/IBGE_-_PSH_-_Capacidade_de_hospedagem_dos_Municipios_de_interesse_turxstico.pdf>. Acesso em: 23 jan.2013.

[48] BRIZOLLA, T. (Coord.). **Marcos conceituais do turismo**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 11 de jan. 2013.

[49] INFRAERO. **Estatísticas de movimentação operacional**. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/estatistica-dos-aeroportos.html>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

[50] INFRAERO. **Boletins estatísticos de movimentação das cargas**. Disponível em: ,<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/movimentacao-das-cargas/boletinsestatisticos.html>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

[51] DENATRAN. Departamento Nacional de Trânsito; RENAVAL. Sistema Nacional de Registro de Veículos. **Sistema Nacional de Estatística de Trânsito – Sinet**. Disponível em: <<http://www.agemcamp.sp.gov.br>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

[52] EMTU. Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo. **Itinerários e Tarifas**. Região Metropolitana de Campinas. Disponível em: <<http://www.emtu.sp.gov.br/emtu/itinerarios-e-tarifas/consulteorigem-e-destino/por-regiao-metropolitana.fss>>. Acesso em: 7 jan. 2013.

[53] SOCICAM TERMINAIS DE PASSAGEIROS. **Terminal Rodoviário Ramos de Azevedo**. Disponível em: <http://www.socicam.com.br/terminais/terminais_rodoviaros.php?ID=307>. Acesso em: 8 jan. 2013.

[54] EMBRAPA MONITORAMENTO POR SATÉLITE. **SOMABRASIL**: Sistema de Observação e Monitoramento da Agricultura no Brasil. Disponível em: <<http://www.cnpm.embrapa.br/projetos/somabrasil/index.html>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

[55] PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas Brasil 2013**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

[56] SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

[57] CANO, W.; BRANDÃO, C. A. (Coord.). **A Região Metropolitana de Campinas**: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

[58] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico. Banco de Dados Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 14 mar. de 2013.

[59] EMPLASA. Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A. **Unidades de Informações Territorializadas – UITs**. Disponível em: <<http://www.emplasageo.sp.gov.br/uits/campinas/campinas.asp>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

[60] PREFEITURA MUNICIPAL DE AMERICANA. **Histórico**. Disponível em: <http://www.americana.sp.gov.br/americanaV5/americanaEsmv5_Index.php?it=37&a=resumoHistorico>. Acesso em: 12 mar. 2013.

[61] FUNDAÇÃO SEADE. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**. Disponível em <<http://www.seade.gov.br/produtos/anuario/index.php?anos=2003&tip=ment&opt=tab&tema=null&cap=1>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

[62] PREFEITURA MUNICIPAL DE ARTUR NOGUEIRA. **História**. Disponível em: <<http://www.arturnogueira.sp.gov.br/site/index.php/historia/>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

[63] PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Prefeitura de Campinas**. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

[64] PREFEITURA MUNICIPAL DE COSMÓPOLIS. **Prefeitura de Cosmópolis**. Disponível em: <<http://www.cosmopolis.sp.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

[65] FÁVERO, E. **Retratos de Engenheiro Coelho**. Limeira: Unigráfica, 2011. Disponível em:<<http://www.pmengenheirocoelho.sp.gov.br/livro/index.php>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

[66] WIKIPÉDIA: A Enciclopédia Livre. **Engenheiro Coelho**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Engenheiro_Coelho>. Acesso em: 13 mar. 2013.

[67] PREFEITURA MUNICIPAL DE HOLAMBRA. Disponível em: <<http://www.prefeituraholambra.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

[68] PREFEITURA MUNICIPAL DE HORTOLÂNDIA. Disponível em: <<http://www.hortolandia.sp.gov.br/wps/portal/2011/conhecahortolandia>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

[69] FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE INDAIATUBA. **História de Indaiatuba**. Disponível em: <http://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/historia_indaiatuba.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

[70] PREFEITURA MUNICIPAL DE ITATIBA. Disponível em: <<http://www.itatiba.sp.gov.br/samba/Sobre-Itatiba/historia.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

[71] PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARIÚNA. Disponível em: <<http://www.jaguariuna.sp.gov.br/portal/historia.php>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

[72] PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE MOR. Disponível em: <<http://www.montemor.sp.gov.br/index.php/historia>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

[73] PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ODESSA. Disponível em: <<http://www.novaodessa.sp.gov.br/>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

[74] PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA. Disponível em: <<http://www.paulinia.sp.gov.br/historia.aspx>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

[75] WIKIPÉDIA: A Enciclopédia Livre. **Paulínia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulínia>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

[76] PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDREIRA. Disponível em: <<http://www.pedreira.sp.gov.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

[77] PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA D´OESTE. Disponível em: <<http://www.santabarbara.sp.gov.br/v4/index.php?pag=historia&dir=cidade>>. Acesso em: 28 mar.2013.

[78] PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE POSSE. Disponível em: <<http://www.pmsaposse.sp.gov.br/historia.asp>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

[79] PREFEITURA MUNICIPAL DE SUMARÉ. Disponível em: <<http://www.sumare.sp.gov.br/2011/index.html>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

[80] PREFEITURA MUNICIPAL DE VALINHOS. Disponível em: <http://www.valinhos.sp.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=945&Itemid=65>. Acesso em: 28 mar. 2013.

[81] PREFEITURA MUNICIPAL DE VINHEDO. Disponível em: <<http://www.vinhedo.sp.gov.br/interna.php?id=37>>. Acesso em: 28 mar. 2013.



Canavial na RMC.

Foto: Cristina Criscuolo.





Parceria •



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



ISBN 978-85-7035-239-2



número cgpe: 10861